

Pe. Leão Dehon

# Memórias

(Notes sur l'histoire de ma vie)

Vol - II

Agosto 1864 - Outubro 1865

Edições Noviciado

# Aveiro 2008

Introdução e notas  
de  
Pe. Giuseppe Manzoni, scj

-

Versão portuguesa  
de  
Pe. Ângelo Caminati, scj

## **Apresentação à edição portuguesa**

O Pe. Ângelo Caminati, nos seus tempos de vida "semi-anacorética" junto ao Santuário de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide, ocupou parte do tempo na tradução para português das "*Notes sur l'histoire de ma vie*", escritas pelo nosso Fundador, o Venerável Pe. Leão Dehon. Pedi-lhe que me cedesse o trabalho. Os noviços lançá-lo-iam no computador, em ordem a uma possível e desejável publicação. Ao mesmo tempo aproveitariam para contactar com uma das mais interessantes obras manuscritas do Pe. Dehon. O Pe. Ângelo entregou-me cerca de duzentos cadernos, escritos à mão por ele, com as traduções. De 1996 a 2000, vários grupos de noviços, nos tempos livres, foram lançando os textos no computador. Ainda em 2000, o então noviço Victor Silva fez o tratamento informático do texto e, com a minha colaboração, a revisão do mesmo, uma revisão muito apressada. A 1 de Setembro do mesmo ano, saiu uma edição provisória. Começando a usar o texto, verifiquei que havia muitos erros e que faltava mesmo, aqui e ali, alguma linha ou parágrafo. Em 2005, pedi ao Pe. António Correia que fizesse uma nova revisão do texto, comparando-o com o original editado pelo Centro Geral de Estudos. O Pe. António fez essa revisão que, informaticamente tratada pelo noviço Antonino Gomes de Sousa, é agora publicada, apesar de subsistirem alguns erros ortográficos, que o computador nem sempre detecta, e mesmo outros de tradução de certas palavras e expressões, nem sempre facilmente traduzíveis. À espera que alguém, com mais tempo e melhor capacidade faça a revisão, à espera que o Centro Geral de Estudos faça uma nova edição crítica da obra, já anunciada, sai mais esta edição provisória, em português. Oxalá sirva àqueles que estão interessados em conhecer "pessoalmente" o Pe. Dehon, e não apenas pelas biografias escritas ou a escrever. Oxalá o Conselho Provincial possa incluir, na sua programação para os próximos anos, uma edição mais cuidada. Os religiosos dehonianos portugueses, ou de língua oficial portuguesa, poderão ler, com maior facilidade e proveito, esta obra tão interessante para conhecermos a caminhada humana e espiritual do Pe. Dehon, bem como os inícios da Congregação.

Aveiro, 12 de Agosto de 2008.

Pe. Fernando Fonseca, SCJ

## Mestre de Noviços



## Introdução

O segundo volume das «Notas sobre a História da minha vida» (NHV) é totalmente ocupado pelas relações da viagem que L. Dehon fez com o seu amigo Leão Palustre no Oriente (1864-1865).

Reproduzimos neste 2º volume os cadernos negros II (da p. 71r até ao fim, p. 107), III (todo) e IV (pp. 1 a 101).

Na intenção do Sr. Dehon, pai, esta viagem devia recompensar Leão pelo sucesso nos estudos (doutoramento em Direito) e também, num móbil secreto, fazer esquecer ao filho o projecto de entrar no seminário para se preparar para o sacerdócio. Mas esta intenção secreta ficou desiludida. Leão Dehon, sobretudo durante a peregrinação à Terra Santa, sentiu-se mais que nunca confirmado na sua vocação sacerdotal. Voltando à Europa, separou-se de Palustre em Salzburgo (Áustria) e dirigiu-se para Roma. Obteve uma audiência de Pio IX que lhe aconselhou os estudos em Roma. Ficou bem impressionado com as aulas que ele seguiu como ouvinte no Colégio Romano e também pelo acolhimento cordial do P. Freyd, no Seminário francês. Decidiu portanto entrar neste seminário depois das férias de Verão (cf. Cap. IV, pp. 98-99).

Da viagem ao Oriente temos sete cadernos de notas manuscritas, tomadas durante a viagem mesma (recopiadas mais tarde) e nas quais L. Dehon transcreveu as impressões de viagem do seu companheiro e as suas próprias (Arch. Deh., B 13/2 a-g.). Todos juntos perfazem 1067 páginas, em letra bastante miúda. Os cadernos são do formato escolar corrente, salvo o 5º que é mais volumoso.

As notas em, si mesmas, reflectem bem a mentalidade de dois jovens burgueses da época, que tencionam fazer não só uma viagem de recreio, mas uma viagem de estudo. Há nelas uma forte atracção pela arte que condizia com Palustre, esse apaixonado pela arqueologia.

Nas suas notas quotidianas, no último caderno (o 45º) o P. Dehon, com 80 anos, lembra assim a sua viagem à Palestina:

*«A peregrinação por excelência é a da Palestina. Fi-la em 1865 e as impressões nela recebidas contribuíram para a orientação da minha vida. Fi-la de novo em 1911.*

*Belém, Nazaré, Jerusalém: encontro aí os principais mistérios de Nosso Senhor. O Seu nascimento em Belém, a Sua vida escondida em Nazaré, a Sua vida pública e a Sua Paixão em Jerusalém. Em Jerusalém, os mistérios acumulam-se: Betânia com os amigos do Salvador, o Cenáculo com as intimidades de S. João, a Agonia no Jardim das Oliveiras, a traição, os tribunais, os tormentos cruéis, a Cruz, o Calvário onde brilha a fidelidade dos grandes amigos de Jesus, Maria, S. João, Sta. Madalena, o Sto Sepulcro, a Ressurreição, a Ascensão, o Pentecostes.*

*Às peregrinações à Terra Santa estão unidas as do Egípto e da Ásia Menor que fiz ao mesmo tempo. No Egípto, Alexandria com S. Marcos, S. Catarina. S. Atanásio e os Padres do deserto. Na Ásia Menor, o apostolado de S. Paulo, a estadia de Maria, de S. João em Éfeso; em Esmirna, o grande mártir S. Policarpo, que nos enviou S. Irineu e o nosso grupo de Lião» (cad. XLV, pp. 19-20).*

Lembrando noutra parte o seu amigo Palustre, faz menção da viagem do Oriente feita em sua companhia: «*A nossa peregrinação à Terra Santa fortaleceu a minha fé, e deixou-me profundas impressões para toda a vida*» (cad. XLV, p. 35).

L. Dehon era também muito inclinado para as coisas da arte e adaptava-se perfeitamente aos gostos do seu amigo pela arqueologia, sempre guardando no seu coração o ideal sacerdotal. Escreve nas suas NHV:

*«O meu companheiro fazia uma viagem só de turista e de arqueólogo. Exteriormente eu prestava-me aos seus desejos, mas no fundo uma ideia mais séria dominava o meu espírito. A minha vocação não era duvidosa. Eu fazia a peregrinação da Terra Santa antes de deixar o mundo e, no meu caminho, sobretudo na Itália, em todos os santuários de Maria e sobre os túmulos dos mártires e dos santos, eu rezava para obter a graça de chegar à meta desejada do sacerdócio» (II, 77 r<sup>o</sup>-v<sup>o</sup>).*

Nos sete cadernos originais, após uma copiosa descrição das obras de arte, vem uma descrição da paisagem, depois a dos costumes do país. Aqui e acolá, há a narração de algumas aventuras mais ou menos perigosas desta longa viagem. Nos cadernos das NHV, o espírito dominante é claramente religioso, sacerdotal. No fundo, é uma escolha extraída dos cadernos originais, em que certos traços marginais indicam os textos conservados. Em apêndice, citamos dois trechos que se referem, um à Grécia, o outro à cidade de Tiro, no Líbano, nas duas versões: a dos cadernos originais, e a das NHV. O

leitor poderá fazer a comparação entre a maneira do turista de 1864-65 e a do padre-religioso, trinta anos depois (cf. pp. 186-200).

As apreciações estéticas de Leão Dehon são mesmo da época: um bom romântico, sustentado por uma fé religiosa ardente, que admira antes de mais a arte medieval. Reconhece os méritos das obras do Renascimento, mas muito rapidamente: ele vê-as impregnadas de paganismo, mas nós sabemos que o problema é mais complexo. Ele tem também, muitas vezes, um tom apologético, o do séc. XIX, que nem sempre favorece um juízo histórico imparcial (cf. II, p.81v).

Gosta de agradecer à Virgem Santa a protecção com que ela o envolveu durante a sua viagem ao Oriente (cf. IV, pp. 99-100). Assim reconhece que a Virgem do Carmo o sarou duma reles chaga num pé que nunca sarava (cf. IV, p. 22). Em Tróade, é atacado pela febre. Recorre à S. Virgem que o cura (cf. IV, pp. 62-63).

Curiosas aventuras ilustram a narração. Na Itália, acontecem dois acidentes que poderiam ser-lhe fatais. Isso aconteceu perto de Ferrara.

*«Duas vezes neste trajecto, vi a morte de perto; atribuí a minha salvação à SS. Virgem que eu invocava com confiança. A primeira vez foi ao chegar ao rio: o cocheiro tinha lançado imprudentemente os cavalos, a carroça parou mesmo na orla da ribanceira. Não sei como é que não caiu ao rio. Umas horas mais tarde outro cocheiro deixava que os cavalos arrastassem a carroça a toda a velocidade fazendo-a chocar contra uma esquina. Dois membros da minha família, mais tarde, perderiam a vida num acidente semelhante. A boa Providência teve piedade de mim»* (II, p.91).

Na Grécia, perto do Taigeto, onde os Espartanos atiravam por um penhasco as crianças fracas que votavam à morte, uma região infestada de bandidos, os viajantes encontraram-se com montanhesees ferozes, armados até aos dentes; isso impressionou fortemente a pequena caravana composta por seis cavaleiros: os dois jovens turistas, um cozinheiro, um homem de serviço e um intérprete, a que se tinha juntado um bravo magistrado chamado Fangoras, que edificou os dois jovens, à noite, com uma longa oração acompanhada por numerosíssimos sinais da cruz e por outras tantas profundas reverências (cf. III, pp. 34-35). Em Patrasso, passam por alguns momentos de pânico por causa dum terramoto nocturno (cf. III, pp. 42-43). Depois de Lépanto, por causa dumas chuvas torrenciais, as veredas tornam-se impraticáveis, as torrentes são intransponíveis

e, para mais, o povo é selvagem e inospitaleiro, a tal ponto que os dois viajantes são obrigados a se colocarem sob a protecção das autoridades (cf. III, p. 44).

No monte Parnaso, o cavalo de L. Dehon escorrega sobre um desabamento de terra e o cavaleiro só tem o tempo para saltar sobre a borda dum caminho, enquanto ao longe se ouvia o tiroteio entre polícias e bandidos (cf. III, pp. 46-47).

Ao pé de Maratona, os parasitas trazidos de alojamentos infectos, assaltam os nossos pobres viajantes em batalhões mais numerosos do que os Persas de Maratona, a tal ponto que, ao chegar a Atenas, eles são obrigados a queimar os seus vestidos para se libertarem deles (cf. III, p.51).

Um tempo borrascoso prende-os durante cinco dias em Sygra, onde puderam pôr em dia a sua correspondência e os seus apontamentos (cf. III, p. 52).

No navio que de Esmirna os leva à Alexandria, eles encontram o Oriente, na pessoa dum venerável paxá que viajava com o seu séquito de 60 pessoas: mulheres, escravos, criados... (cf. III, p.56).

Em Alexandria uma série de contratemplos bloqueia os dois amigos durante quase um mês: O hotel em que deviam hospedar-se foi impossível de ser encontrado, e por uma boa razão: ele já não existia! Eles alojam-se temporariamente no hotel Europa:

*«Nós tínhamos procurado um hotel que já não existia; contra vontade fomos instalar-nos no hotel Europa, patrocinado pelo príncipe de Gales e que merece uma menção especial. Nunca os viajantes foram tratados com tanta má educação e desvergonha. O preço é de 20 francos por dia, sem vinho e sem descontar as refeições não tomadas aí. Quartos feios e sujos, serviço nulo. Resolvemos, logo no dia seguinte, ir procurar outra pousada» (5º cad. Original, 2r, texto de Palustre).*

A sua estadia prolonga-se mais do que o previsto, porque eles esperam uma letra de câmbio que todos os dias vão procurar ao correio francês, enquanto ela ficou extraviada no correio austríaco! Nesta ocasião, Palustre anota: *«a espera é o maior dos males»*. Nunca, como então, achei tanta verdade nestas palavras de La Fontaine.

Tiveram todo o tempo para passear em Alexandria e para fazer curiosas descobertas. Assim, notam que os cães se dividem em dois bandos: os da cidade, e os do campo. Eles não ladram nas ruas, mas muito fora delas. Admiram os burrinhos da

terra tão ágeis, tão inteligentes, tão dóceis, enquanto os seus irmãos do Ocidente passam por estúpidos (cf. Cad. V da viagem ao Oriente, pp. 10 e s.). É a vida diária destes dois jovens viajantes, preenchida por diferentes detalhes.

Leão Dehon teve o grande desgosto, no Natal de 1864, de não poder assistir à missa da meia-noite, missa que lhe lembrava a grande graça da sua vocação recebida no Natal de 1856, na igreja dos Capuchinhos de Hazebrouck (cf. NHV, I, 26 r).

A viagem para Assuão é feita em barco à vela. Os passageiros são quatro: além dos dois turistas franceses, há um russo e um alemão. Quando o vento cessa, os remadores devem entrar em função ou puxar o barco da margem por meio duma corda (cf. III, p.80; viagem ao Oriente, cad. V, p. 3 v).

Descobrimos que os dois Franceses são também bons caçadores: apanham poupas, cotovias, gaios, etc... (cf. III, pp. 80. 82-83).

De vez em quando fumam, para não faltar às leis da hospitalidade, o «chibouk» (cf. III, pp. 56.114). Quando ficam presos nas areias do Nilo, outro barco deve vir desencalhá-los (cf. III, p. 122). Para ir ao Sinai tiveram de formar uma pequena caravana: 3 camelos de sela, 5 de transporte, um «drogman» (intérprete), um cozinheiro egípcio, 2 cameleiros, um rapazinho sírio. De noite, todos dormem em tendas (cf. III, pp. 133-135).

Na fronteira entre o Egipto e o Império Otomano, pouco faltou para as coisas se estragarem completamente. Leão Palustre perdeu a paciência diante da importunidade dos pedintes, chegou a chicotear aquele que tomou por um deles e lhe exigia um certificado sanitário, a «Patenta», com certa arrogância. O caso era grave: bater num funcionário da Sublime Porta. Este sentiu-se ofendido na sua dignidade e ameaçava enviar o moçalhão preso para Constantinopla. Leão Dehon quase piorou o caso, oferecendo dinheiro ao funcionário que se mostrou ofendido. Por fim o funcionário teve de admitir que tinha feito mal em não vestir a farda própria, que o distinguiria dos mendigos vulgares (cf. III, pp. 143-144).

Finalmente chegaram à Palestina. Fizeram a última etapa a pé como verdadeiros peregrinos, desde Beit-Guvrin (Eleuterópolis) até Jerusalém. Estavam-lhes reservadas grandes emoções religiosas, mas também surpresas, como quando uns fanáticos muçulmanos lhes atiram pedras quando eles visitam o templo (mesquita de Omar) (cf. III, p. 158). Os beduínos farão o mesmo (cf. III, p. 183): agressivos quando são numerosos,

cobardes quando estão sozinhos. Descem de Jerusalém para o Mar Morto acompanhados por 4 beduínos armados e um intérprete. Vão a cavalo. Os bandidos infestam ainda o país; a um certo momento os 4 guerreiros (beduínos) estão para se pôr em fuga à vista de uns cavaleiros que vêm em sentido contrário. Os dois franceses detêm-nos com energia e eis que os «bandidos» vêm a ser um inocente gentleman inglês com seu séquito (cf. III., pp. 165-169; viagem ao Oriente, cad. V, pp.145v-148v).

Em Jerusalém, Leão Dehon prestou-se de boa mente ao pedido do vice-cônsul francês que tinha uma briga entre mãos, entre um cônego do Santo Sepulcro e um argelino. Ele ouviu as duas partes e arrumou o caso amigavelmente (cf. IV, p. 2).

Encontrar-se-ão outras anedotas. Quisemos somente apontar o gênero de notas de viagem de L. Dehon e Leão Palustre, no seu estilo simples e vivo. Deveríamos frisar também a psicologia profundamente religiosa das NHV, relativas à viagem do Oriente, na reevocação que dela faz o P. Dehon nas suas NHV, quando é já padre desde há longo tempo e fundador de um Instituto religioso. Como aliás já dissemos, o P. Dehon começa a escrever as suas NHV, as suas Memórias, no dia 3 de Março 1886, logo, mais de 20 anos depois dos acontecimentos (cf. NQ., III. P.10).

É interessantíssimo comparar as Notas originais recopiadas em sete cadernos, com o texto das Memórias (NHV). Nelas a nota religiosa é mais reduzida mas está presente, e duma maneira interessante e sugestiva para nós. Leão Dehon dá-nos a impressão de um moço que aspira a dar seguimento à chamada divina para o sacerdócio.

Em Salzburgo, depois do adeus a Palustre, L. Dehon termina as notas com um certo sentimento de cansaço: «*No dia seguinte, dirigi-me para Roma, demasiado rapidamente para ter tempo de notar as minhas impressões*» (viagem ao Oriente, VII<sup>o</sup> cad., p. 112). As últimas etapas não foram objecto de notas. Poderia tê-lo feito durante as férias, mas provavelmente os seus interesses eram outros. Ele estava na véspera de realizar o ideal entrevisto na noite de Natal 1856 em Hazebrouck e do qual ele escreve: «*Recebi aí uma das mais fortes impressões da minha vida. Nosso Senhor impelia-me fortemente a entregar-me a Ele*» (NHV; I, p. 26r). A chamada ao sacerdócio, à vida religiosa, à vida de missionário já se deixara entrever na infância (cf. NHV, I p. 6v) mas nessa noite de Natal tornara-se uma certeza que nunca mais mudará: «*Ela (a vocação) consolidou-se na noite de Natal. O espantoso é que, desde então, a minha resolução nunca foi seriamente abalada*» (NHV, I, p. 29r). Esta segurança volta mais de uma vez

nas Memórias do P. Fundador (cf. NHV, I, pp.5v; 20r; IV, p. 101). Ele procura aprofundar a sua vocação (cf. NHV, I, pp. 25v-26r; 28r-29r; 30v; 62v; 66r; IV, p. 44). Ele acha que as viagens o distraem (cf. NHV, II, pp. 43v, 44r; III, pp. 74-86). Escolhe sábios directores da consciência (os Pp. Dehaene, Boute, Prevel, cf. NHV, I, pp. 18v-19r; 23r; 34r). Durante os seus estudos em Paris, a sua decisão continua firme e prevê um apostolado intelectual (cf. NHV, I, pp. 39v; 61r-61v; II, pp. 20r; 70r-70v). Foi um conforto para ele ver o seu projecto de vocação aprovado pelo Santo Padre. Assim escreve ele nas suas Memórias, a propósito da audiência concedida durante a sua estadia em Roma, de 14 a 25 de Junho 1865: *«a melhor das minhas alegrias foi ver Pio IX, a bondade unida à santidade... Foi de tarde, pelas 6h. Falei da minha peregrinação aos Lugares Santos, da minha vocação, da minha indecisão sobre o lugar dos meus estudos. Ele aconselhou-me o Seminário francês de Roma. A sua decisão era conforme os meus desejos. Parece-me que esta primeira bênção de Pio IX me alcançou grandes graças»* (IV, p. 98). Foi sobretudo uma graça de paz que pôs fim às suas hesitações (cf. IV, p. 98). Conheceu então o P. Freyd *«homem de Deus, um santo, como dizia Pio IX»* (IV, p. 99). P. Dehon agradeceu a Deus por o ter tido como director desde a sua entrada em Santa Clara até 1875, ano da morte do P. Freyd. O P. Dehon louva também a Providência por ter podido fazer os seus estudos em Roma, no momento em que homens de talento ensinavam no Colégio Romano uma sólida teologia, enquanto na França o ensino era ainda modestíssimo e frequentemente manchado de liberalismo e de um certo galicanismo. É portanto com justiça que o P. Dehon escreverá nas suas Memórias: *«A minha vocação estava decidida; era a coroação da minha viagem»* (IV, p. 99).

Nesta altura, os seus pais estavam longe de partilhar os seus gostos pela sua vocação e os seus estudos em Roma. Seu pai e mesmo a sua mãe, embora profundamente cristã, receavam perdê-lo para sempre. Seu pai todavia mostrava-se impressionado pela narração da sua viagem à Terra Santa, o que preparava o seu completo regresso a Deus... Mas fizera projectos tão lindos para o seu filho. Não tinha ambições para si próprio, mas sim para Leão para quem se abria um futuro promissor, tanto na diplomacia, como na magistratura. E eis que todas as suas esperanças ameaçavam desabar!

Até a sua mãe o abandonava, ela que apesar de tudo o queria piedoso; mas o sacerdócio para o seu filho preferido parecia-lhe como uma saída definitiva do seio da

família, uma perda dilacerante para o seu coração maternal. Dificilmente se resignava. Parece não ter sido senão a sua avó paterna, a que ele chama mamã Dehon nas suas cartas, a defendê-lo, se acreditarmos no que Leão escrevia a seus pais uns meses mais tarde: «*Digam a mamã Dehon que ela tinha muita razão quando dizia: Ele será feliz se for a sua vocação*» (Arq. Deh. B 18,9 – carta de 6 de Dezembro de 1865). Um certo senhor Vitet, que gozava de estima na família, também o não desviava da sua vocação (cf. IV, p. 100). Este senhor Vitet era um inspector das Belas-Artes, autor de algumas monografias, como «*Notre-Dame de Noyon*» (NHV, IV, 100).

Cenas dolorosas decorreram na família durante todas as férias: «*Tive de endurecer o meu coração para resistir a todos os assaltos que fui obrigado a enfrentar. Fui às vezes duro com os meus pais. Tinha de ser. Disse-lhes que pretendia ser livre. Ficou combinado que me deixariam partir; mas as cenas de lágrimas renovaram-se frequentemente*» (cf. IV, p.100). A 14 de Outubro de 1865, Leão, acompanhado pelos pais até Liesse, separava-se dos seus na estação de S. Erme: «*Foi com lágrimas amargas. Meu pai e minha mãe choravam; como não teria chorado eu também?*» (cf. NHV, IV, p. 103). Finalmente, na sexta-feira 25 de Outubro, ele entrava em Roma (NHV, IV, pp.102-122).

*P. Giuseppe Manzoni scj*

Roma, 30 de Setembro de 1976.

## **Cronologia da vida do Pe. Dehon, relativa ao II volume**

### **1864:**

*23 de Agosto de 1864 - 14 de Junho de 1865 = viagem ao Oriente:*

23 de Agosto - Partida de Estrasburgo.

24 de Agosto - 31 de Agosto -Estadia na Suíça.

31 de Agosto - 27 de Set. - Estadia na Itália.

27 de Setembro - 10 de Out. - Visita da Dalmácia, da Albânia, das Ilhas Jónicas.

10 de Outubro - Chegada a Syra (Grécia).

03 de Dezembro - Partida de Syra

04 de Dezembro - Chegada a Esmirna (Turquia).

06 de Dezembro - Partida de Esmirna.

06-08 de Dezembro - Viagem por mar até Alexandria.

### **1865:**

8 de Dezembro - 22 de Março - Estadia no Egipto

22 de Março - Passagem da fronteira em El-Arich.

22 de Março-14 de Maio - Viagem na Palestina, Líbano, Síria

14 de Maio - Embarque em Beirute para o regresso.

14 de Maio-14 de Junho - Passagem por Esmirna, Constantinopla, Constância, Budapeste, Viena, Salzburgo.

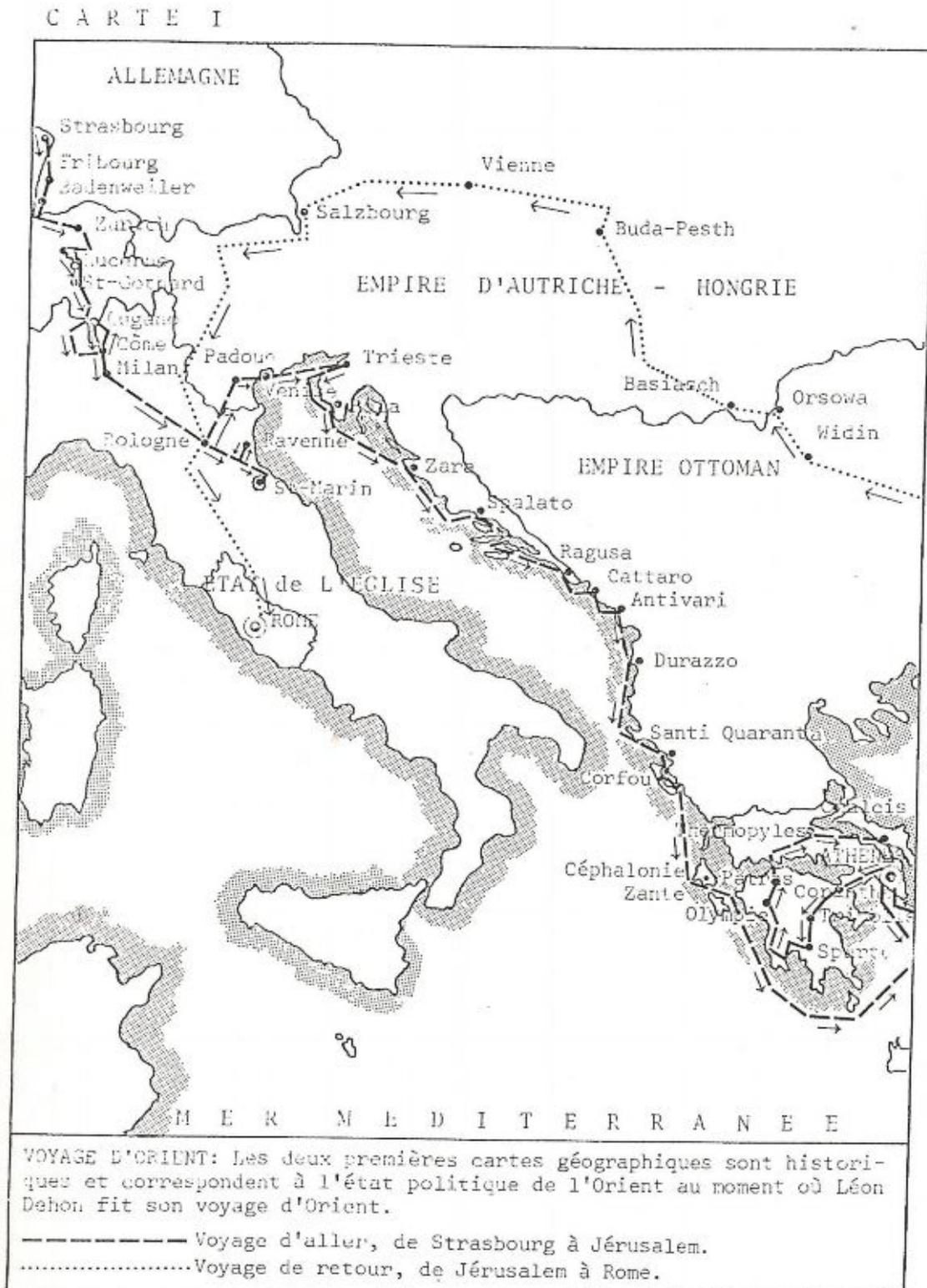
14 de Junho - Chegada a Roma.

14 de Junho-25 de Junho - Estadia em Roma.

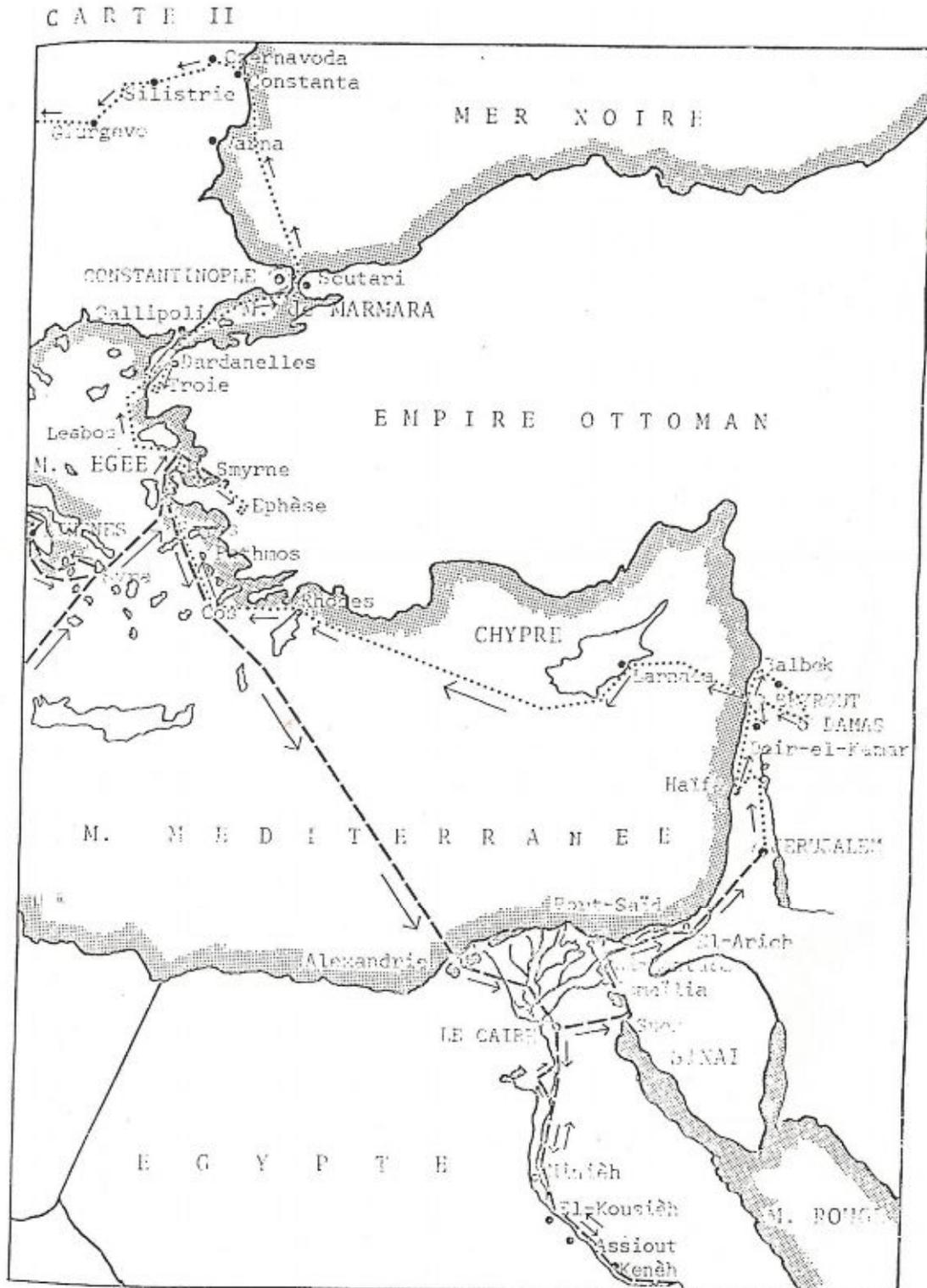
25 de Junho - Partida para a França; férias em família.

14 de Outubro - Partida para Roma.

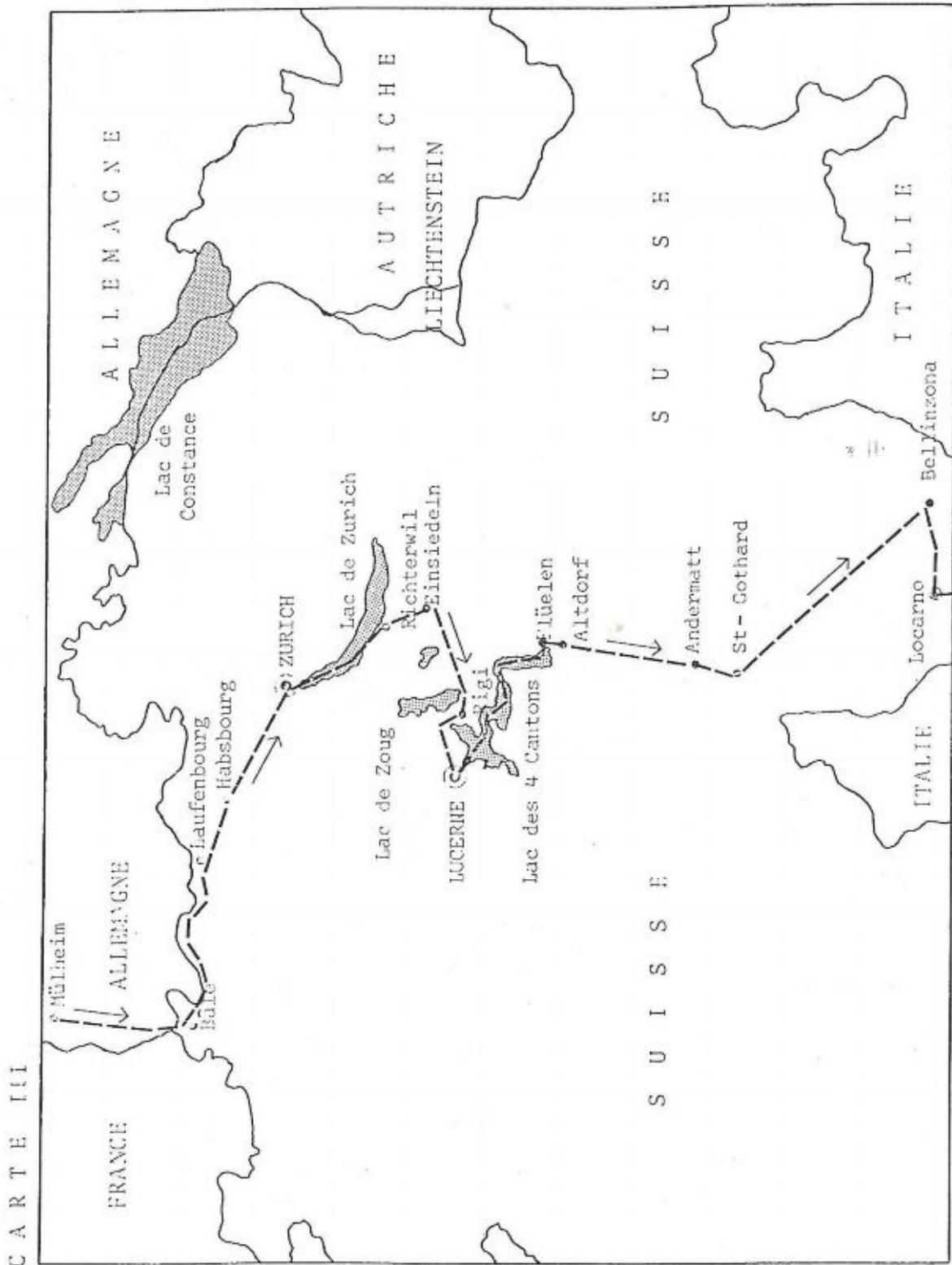
### Mapa I



## Mapa II



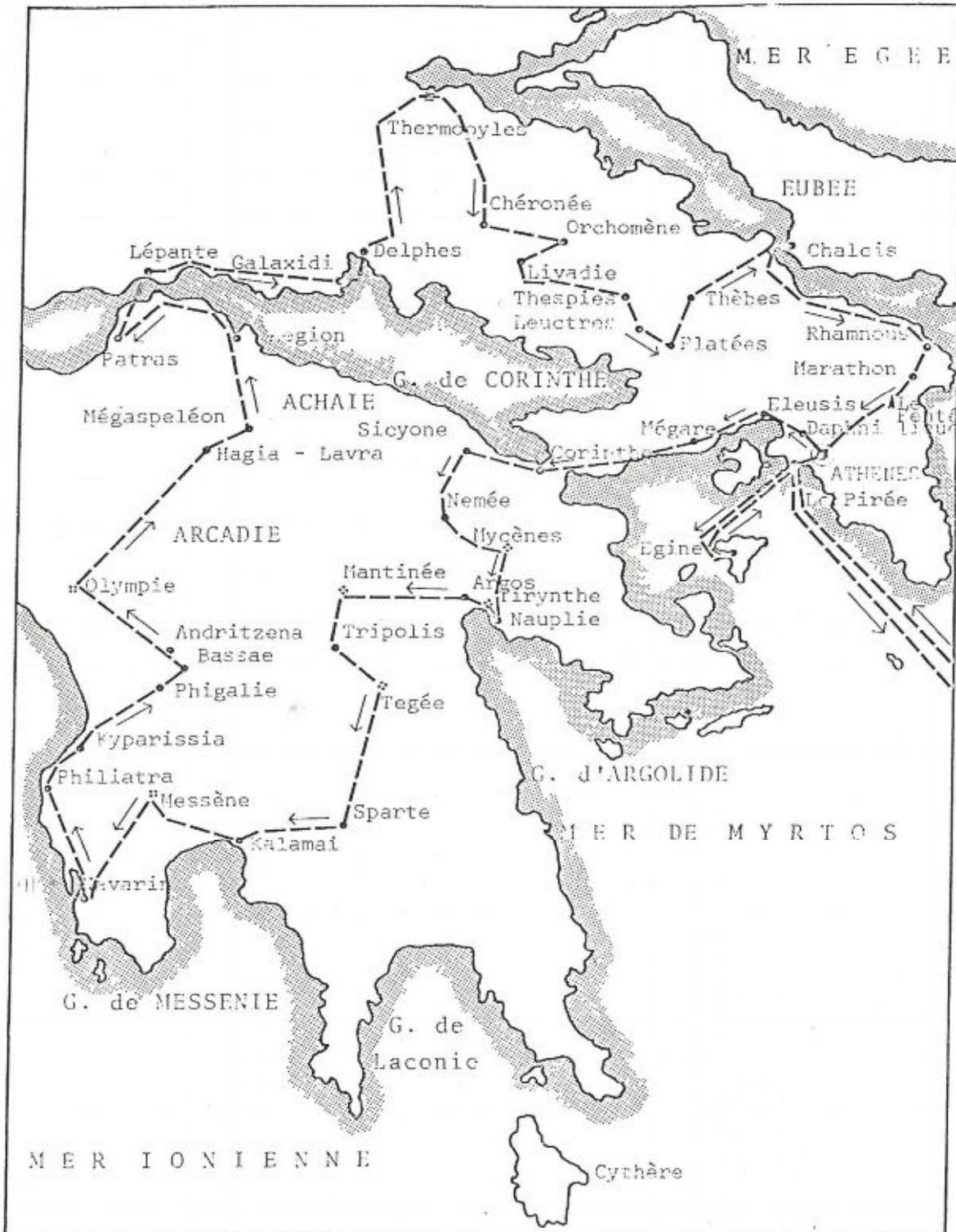
### Mapa III



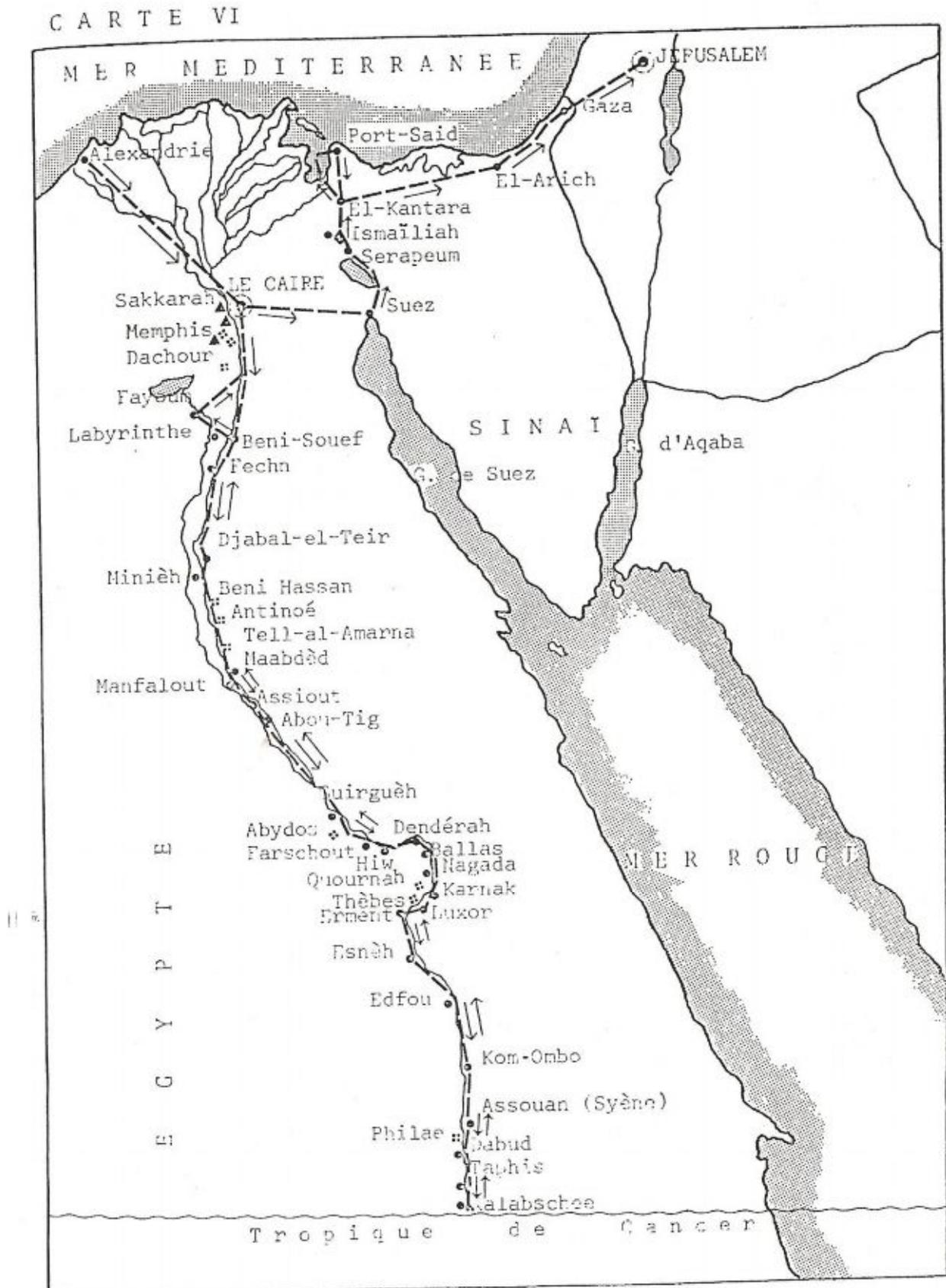


### Mapa V

CARTE V

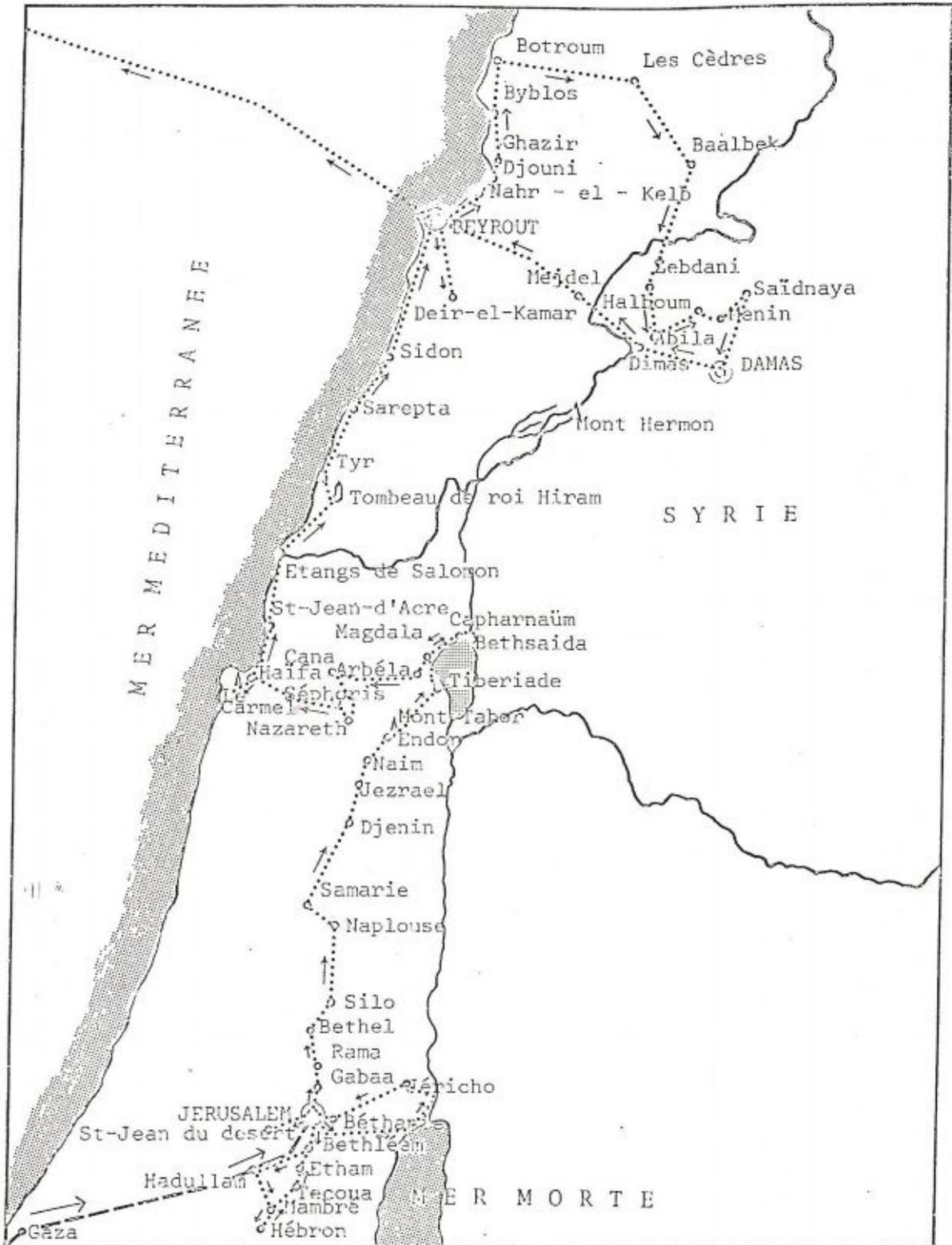


### Mapa VI



### Mapa VII

CARTE VII



#### **4º Período: Oriente, 1864-1865**

Este ano foi como que a coroação dos meus estudos profanos. Ele conduzir-me-ia à porta do seminário.

Compreende-se com que alegria eu partia, cheio de ardor e entusiasmo, para visitar com todo o vagar e sucessivamente, a Floresta Negra, a Suíça, a Itália, a Dalmácia, as ilhas Jónicas, a Grécia, o Arquipélago, a Ásia Menor, o Egipto, a Núbia, a Arábia, a Palestina, a Síria, Chipre e Rodes, a Tróade, os Dardanelos, Constantinopla e o Bósforo, o Mar Negro, o Danúbio e a Hungria.

Era a grande natureza, as civilizações antigas, e finalmente Jerusalém e Roma, as duas cidades, as duas cidades santas, para preparar a minha despedida do mundo e a minha entrada na vida clerical.

Deixámos a França no dia 23 de Agosto em Estrasburgo. / (71r)

#### A FLORESTA NEGRA.

Fizemos duas paragens na Floresta Negra, em Friburgo e em Badenweiler.

A sé de Friburgo era, antes de ser acabada a de Colónia, a mais bela igreja da Alemanha. A sua flecha de 120 m de altura rivaliza com a de Anversa. As esculturas do seu portal são um catecismo em imagens. Toda a doutrina cristã está aí resumida. Vêem-se os anjos, os patriarcas, os reis, o precursor, a anunciação, o Nascimento, a adoração dos pastores e dos magos, a apresentação, o calvário, o juízo universal, as virgens prudentes e as virgens loucas, as artes liberais, as virtudes e os vícios. Tudo isso tem um aspecto um pouco rude e hierático, mas expressivo apesar de ser do séc. XIV. Tem-se, do Schlossberg de Friburgo, uma bela vista sobre a vasta floresta e sobre o vale do Reno.

*Badenweiler-«Nihil novi sub sole»*<sup>1</sup>. Era já uma cidade termal no tempo dos Romanos. Ainda o é. Há ruínas esplêndidas / (71v) do estabelecimento dos Romanos: salas abobadadas, grandes bacias, pavimentos em mármore. Os Romanos iam lá para a

---

<sup>1</sup> A frase é do Eclesiastes (Coelet): «Nihil sub sole novum.» (1,10)

sua saúde e para o seu prazer. Aí jogavam e divertiam-se como nas cidades termais de hoje. Nas escavações encontram-se numerosos dados de jogo. “*Nihil novi sub sole*”.

## A Suíça

Eu voltaria a ver muitas vezes a Suíça, mas a primeira visita a este país das maravilhas da natureza é a que faz mais impressão.

Que acumulação de contrastes, de efeitos, de panoramas, de coisas empolgantes: montanhas, glaciares, massas de neve, quedas de água, lagos e vales. O bom Deus fez deste país um jardim de fantasia para a Europa.

Entrados na Suíça pelo vale do Reno, chegámos a Laufenburgo. É um lugar bonito. A cidadezinha e o seu castelo estão ousadamente situados sobre os rochedos que dominam / (72r) os rápidos do Reno. Mais longe é torre de *Hasburgo*, na confluência dos vales do Reuss, do Aar e do Limat. Daí surgiu a grande família dos Asburgos<sup>2</sup>. Deus engrandece os que se humilham. Rodolfo de Asburgo prestava homenagem à Eucaristia, descendo do seu cavalo para cedê-lo ao sacerdote que levava o SS. Sacramento.

### ZURIQUE

Visitámos *Zurique*, cidade protestante, capital dum cantão protestante. Todavia, hoje as obras católicas começam a florescer. Zurique está na embocadura do Limat. A colina que se levanta atrás dela carregou a cidade celta e romana e o castelo feudal. A cidade nova estende-se à beira da água. A cadeia do Albis ladeia o lago e o *Utlí* é o seu ponto culminante: cerca de mil metros de altura. Nós subimos o Utlí para desfrutar um dos mais belos panoramas da Suíça. O lago de Zurique forma o primeiro plano e a vista / (72v) estende-se sobre todo o cantão da Turgóvia e seus picos nevados.

Pelo lago de Zurique fomos a Richterswill para de lá subir a pé, como verdadeiros peregrinos, até Einsiedeln.

---

<sup>2</sup> O nome vem do castelo de Habichtsburg “Castelo dos açores”, que o conde da Alsácia, Verner I (+1096) mandou construir na Argóvia.

## EINSIEDELN

Sentia-me feliz por passar um dia em Einsiedeln e por fazer aí as minhas devoções. Vejo ainda o grande mosteiro que se estende do alto de uma comprida rua toda ladeada de hospedarias. Os peregrinos afluíam. Da Alemanha vinham estudantes mendigando e rezando o terço. A Virgem milagrosa é lindíssima. É uma estátua graciosa e preciosa, embora atribuída pela tradição ao séc. IX. Como Nossa Senhora do Loreto, tem o seu pequeno santuário debaixo da grande cúpula da igreja. Esta igreja agrada mais ao povo que aos artistas. Superabunda de riquezas, no estilo mais barroco e mais exuberante do séc. XVIII. / (73r)

A grande sala do mosteiro tem belos frescos de Mücke (escola de Düsseldorf), representando a vida de S. Meinardo. O artista, sob os traços das suas personagens, pintou vários príncipes e princesas da família de Hohenzollern. O Santo pertencia a esta família.

## LE RÍGÍ - LUCERNA

De Einsiedeln fomos dormir a Rigi. *Rigi* é muitas vezes uma decepção para os curiosos que lá vão para desfrutar de um belo nascer do sol e de um esplêndido panorama, mas que muitas vezes só vêm nuvens e nevoeiros!

Tivemos a paciência para esperar vinte e quatro horas no hotel para ver claro. Mas valia a pena. Admirei esse jogo de luzes, esse disco rosado, depois vermelho-fogo e dourado, esses cumes iluminados um atrás do outro, as sombras fugindo para os vales, depois este imenso panorama: a Suíça do Norte com as suas colinas, pradarias e vinhas, os lagos de Lucerna, / (73v) de Zug e de Sempach, o Unterwalden, o Oberland, os Alpes de Schwitz, a bela coroa de picos brancos no Sul. É um dos mais belos panoramas, e talvez o mais belo da Suíça.

*Lucerna* é toda católica. Está magnificamente situada entre o Rigi e o Pilatos. Ao pé da cidade, escalonada graciosamente à margem do lago, o Leão esculpido na rocha por Thorwaldsen repete aos franceses a fidelidade dos Suíços ao seu rei, em 1792.

De Lucerna atravessámos todo o lago em batel até Flüelen para passar de lá à Itália pelo S. Gotardo. A subida começa em Altdorf. O lugar está cheio das recordações

de Guilherme Tell. São as recordações de um Herói e de um oprimido. Eles excitam o patriotismo mais do que a fé. As emoções da fé seriam mais profundas.

O S. GOTARDO

Fizemos a subida do / (74r) S. Gotardo como verdadeiros turistas, cajado na mão e saco às costas. Já tínhamos enviado as malas para Milão. Esta subida dos grandes Alpes é realmente bela. Ladeámos o rio Reuss que nasce com a impetuosidade de uma corrente. Reencontrávamos nessas gargantas orladas de pinheiros e lárices, as paisagens da Noruega. È dos lugares que nunca se esquecem, como a Ponte do Diabo, essa ponte ousada lançada sobre o mais fundo dos abismos, no meio dum caos de rochedos tão espantoso como selvagem.

Ainda mais alto é o Buraco de Uri, um túnel por onde passa a estrada; depois vem Andermatt, a última aldeia, Hospenthal, o hospício dos viajantes, e o planalto árido e gelado de onde se começa a ver a vertente italiana.

De lá descemos o vale do Ticino. A vegetação transformava-se rapidamente. Já em Bellinzona já encontrávamos / (74v) a figueira e a vinha. Bellinzona, com as suas muralhas ameadas a os seus três castelos bem fundados sobre os rochedos, tem um aspecto que nunca mais se esquece. Sente-se que a Itália está perto. Um sol mais quente dá o gosto da cor. As casas são alegremente coloridas.

Em Locarno, na margem do lago Maior, entramos realmente na Itália.

## **A Itália**

A Itália! Quem não desejou ver a Itália? É o país das Letras e das Artes, a terra de Virgílio, de Horácio, de Tito-Lívio, de Tácito, de Dante; o país de Rafael, de Miguel Ângelo, de Leonardo Da Vinci, de Fra Angélico, de Benvenuto Cellini. É o país da glória militar e política, a pátria de César e de Augusto, o centro do império mais poderosamente organizado, o país da legislação que foi chamada, por causa da sua perfeição, "*a razão escrita*".

É a terra dos santos, a terra dos mártires, dos pontífices, dos / (75r) religiosos. A Itália foi o centro do Império romano, o império mais perfeito na ordem natural, aquele

que preparou o caminho à Igreja. A Itália é para sempre o centro da própria Igreja e, por conseguinte, a nascente da civilização e da vida cristã.

Eu devia ver muitas vezes a Itália e nela viver vários anos, mas esta primeira visita devia deixar-me as mais profundas impressões.

Todavia, nesta primeira viagem eu veria só meia Itália, a parte que fica a Leste dos Apeninos. Ficavam de fora Roma, Nápoles e Florença. Alguns dias passados em Roma ao regressar do Oriente completariam a minha viagem.

A parte da Itália que costeia o Adriático já faz um pouco parte do Oriente. Veneza e Ravena têm monumentos totalmente orientais. Ravena é uma segunda Bizâncio. A própria Pádua e Bolonha têm nas suas igrejas com cúpulas, em particular S. António / (75v) e S. Justina, algum quê de oriental.

#### OS LAGOS

Os lagos da Itália do Norte são bem bonitos. Têm belas águas, um clima dulcíssimo, um bonito panorama, o dos Alpes e dos seus cumes nevados. As suas margens têm uma vegetação toda meridional. Também as “villas” são aí abundantes. A aristocracia de Milão e de Turim construiu aí palácios encantadores. Alguns grandes senhores da Rússia, da Alemanha e da Inglaterra têm também aí sumptuosas habitações. Mas a Providência não permitiu que numa região tão bela ficasse tudo abandonado à natureza e aos sentidos. As grandes recordações de S. Carlos Borromeu e a peregrinação tão comovedora a Nossa Senhora do Monte (de Varese) lá estão para acordar a fé e para elevar o pensamento para Deus.

#### O LAGO MAIOR

O lago Maior, que eu voltaria a ver várias vezes e sempre com prazer, impressionou-me muito nesta primeira viagem. Aí travei conhecimento com o / (76r) céu da Itália e com a vegetação meridional. Como são graciosas essas aldeias colocadas em todas as altitudes e dominadas pelos seus brancos campanários, nas encostas das colinas que encerram o grande lago! Algumas espelham-se no lago como Brissago, de aspecto todo italiano e totalmente novo para mim com as suas casas alpendradas. Mais

longe, à altura de Intra, dois castelos feudais olham um para o outro sobre os rochedos. Aí a paisagem torna-se encantadora: para além das aldeias graciosas e das “villas”, uma garganta, um intervalo deixa ver o panorama dos cumes do monte Rosa e do Simplon.

Eis agora a elegante cidade de Pallanza e a ilha solitária de S. João. Depois as ilhas Borromeias: a Ilha Madre e a Ilha Bella, nomes graciosos e que não enganam. Essas ilhas têm palácios majestosos e jardins principescos em vários andares e terraços. Mas o que / (76v) mais me encantou, foi a sua vegetação toda africana: os bosques de magnólias, as palmeiras, os loureiros, as camélias, os limoeiros, as laranjeiras. Que riqueza faustosa. Esses Borromeus tinham então à sua disposição os tesouros de um Luís XIV!! O seu nome ecoa em toda a parte na Itália do Norte.

Acabávamos a visita do lago Maior em Arona, ainda a cidade dos Borromeus, cidade empoleirada sobre os rochedos escarpados da margem meridional do lago. Há muito já que eu amava S. Carlos. Creio que foi a vida de S. Luís Gonzaga que me deu a conhecer. Gostei de reencontrar a sua lembrança e de lhe rezar. Foi como peregrino que fiz a minha visita à sua estátua colossal que de Arona domina todo o lago e toda a região.

#### VARESE - NOSSA SENHORA DO (SAGRADO) MONTE

O meu companheiro<sup>1</sup> fazia a viagem só como turista e arqueólogo. / (77r) Exteriormente eu prestava-me aos seus desejos, mas no fundo um pensamento mais sério dominava o meu espírito. A minha vocação não era duvidosa. Eu fazia a peregrinação da Terra Santa antes de abandonar o mundo, e no meu caminho, especialmente na Itália, em todos os santuários de Maria e sobre os túmulos dos mártires e dos santos, eu rezava para pedir a graça de chegar à meta desejada do sacerdócio.

É uma verdadeira peregrinação a que nós fizemos a Nossa Senhora do Monte, em Varese. O santuário de Varese é um dos mais populares da Itália. Está admiravelmente situado sobre uma montanha com uma extensa vista sobre os lagos. É rico de lembranças e relíquias; a generosidade dos peregrinos deu-lhe uma grande imponência. A igreja é do séc. XVI. Em parte é devida à caridade dos Borromeus. Quinze capelas

---

<sup>1</sup> Leão Palustre

dedicadas aos mistérios do Rosário preparam o peregrino para a visita do santuário. / (77v)

Estátuas em estuque representam ao natural, nestas capelas, as cenas da vida de Nossa Senhora. Um desses grupos conta até 30 personagens em tamanho natural. Para os fiéis simples e piedosos, é ao mesmo tempo um ensino e uma pregação.

A grande atracção do santuário é Nossa Senhora, a estátua em madeira atribuída a S. Lucas e colocada sobre esta montanha por S. Ambrósio no ano de 391<sup>3</sup>. Penso que, depois de Loreto, é essa a principal peregrinação mariana da Itália. Relíquias preciosas, dois espinhos da santa coroa e o corpo de S. Juliana enriquecem ainda mais este santuário. Logo ao entrar na Itália, encontram-se e saboreiam-se os tesouros da sua fé e da sua devoção.

#### OS LAGOS DE COMO E LUGANO

O lago de Como é graciosíssimo. As suas ricas “villas” espelham-se nas águas azuis. As suas casas principescas reúnem o que a natureza e a arte têm de mais sedutor, e todavia isto deixou-me bastante indiferente. / (78r) Não vi aí nada de cristão. Cícero, Horácio, Séneca, o imperador Adriano, não se encontrariam nesses palácios mais desorientados do que nas suas “villas” de Túsculum ou de Tíbur.

Thorwaldsen, Canova e outros esculpiram aí as divindades do Olimpo e os grandes feitos da história antiga, como o triunfo de Alexandre. Eis para onde nos levou a Renascença!<sup>4</sup>. Recuámos 18 séculos. A “villa” Serbelloni, a “villa” Carlota, as “villas” Melzi e Vigoni são paraísos dignos dos deuses do Olimpo. A “villa” Melzi transportou-nos sob o céu do equador com os seus filodendros, bananeiras e araucárias. O hotel Majólica permite aos ricos turistas levarem, também eles, uma vida de príncipes neste ambiente encantador.

O lago de Lugano é mais modesto. Todavia também ele tem as suas esplêndidas casas, nomeadamente a “villa” S. Salvatore.

---

<sup>3</sup> No tempo da luta contra os arianos, S. Ambrósio subiu a montanha que dominava Varese para aí rezar à SS. Virgem, que lhe apareceu e lhe assegurou a sua protecção. A estátua que se encontra no altar-mor é antiquíssima e certamente anterior ao ano 1000!

<sup>4</sup> Trata-se do neo-classicismo do séc. XIX.

No meio de tanto esplendor eu fixava com interesse mais profundo a graciosa fachada do séc. XV da catedral de Como e as piedosas pinturas de Luini na igreja de Lugano.

## MILÃO

Milão agrupa grandes nomes, grandes recordações, obras-primas de primeira ordem. Milão apresenta-nos os seus grandes mártires Gervásio e Protásio, S. Agostinho, S. Ambrósio, S. Carlos Borromeu, Teodósio, Bramante, Leonardo Da Vinci, a sua basílica românica, a sua catedral, a sua igreja da Nossa Senhora das Graças.

A basílica e a sé disputam a honra de merecer o mais vivo interesse. A basílica tem mais recordações. A Sé tem mais graça e encanto.

A Igreja dos séculos antigos revive na basílica ambrosiana. Esse átrio ornado de inscrições romanas, essas portas de cipreste, essas colunas antigas com capitéis bizantinos, essa grande cátedra sustentada por oito / (79r) arcadas, esses ambões, essa pia baptismal, essa cadeira episcopal, esse cibório, esses mosaicos, tudo isso datado do séc. IV ao X é um testemunho brilhante da perenidade da nossa fé. Foi aí que os grandes mártires Gervásio e Protásio operaram tantos milagres quando foram encontrados os seus corpos. Era aí que pregava S. Ambrósio, aí que ele detém Teodósio tornado grande pela sua penitência; foi aí que ele converteu e baptizou S. Agostinho.

Os corpos dos dois mártires e o de S. Ambrósio acabavam de ser encontrados em Janeiro de 1864. Pudemos vê-los, venerá-los. Estão lá os três, com sua grande estatura, deitados debaixo do altar-mor. A sua vista impressiona profundamente. Como se reza aí com todo o coração! Eu compreendo o zelo ardente deste bispo do séc. IX que revestiu esse altar com o famoso “paliotto”, retábulo em prata e ouro, ornado de cinzeladuras, / (79v) de filigranas, de esmaltes e de pedrarias<sup>5</sup>.

O “duomo”, a sé, é sem dúvida uma maravilha apesar dos defeitos que se lhe apontam. Não é o gótico lançado, puro e ousado do Norte. Aí não se encontram nem os nossos pórticos profundos, nem as nossas torres esguias, nem as nossas abóbadas ousadas, nem os nossos contrafortes poderosos, nem os nossos arcobotantes. É um gótico adoçado, refinado, mole mesmo, mas rico e gracioso, delicado e apropriado, em

suma, ao ambiente em que se encontra. Temos que olhar para o “Duomo” colocando-nos de modo a abarcar com um só olhar a fachada e todo o lado meridional. É uma admirável grinalda de mármore branco todo recamado com ouro por um sol quente. Devem-se ver também os telhados de mármore, todos povoados por uma legião de anjos e de santos finamente esculpidos, que estão lá como num paraíso terrestre, de pé sobre os coruchéus cobertos de relevos que reproduzem toda a flora do Milanês.

No interior, notei / (80r) a grande cuba de pórfiro em que se administra o baptismo por imersão segundo o rito ambrosiano, os dois púlpitos em bronze dourado sustentados por cariátides colossais à volta dos pilares da entrada do coro, e especialmente a capela subterrânea onde jaz o corpo de S. Carlos Borromeu. Rezei aí com alegria; eu era devoto deste grande santo desde a infância. A riqueza do seu túmulo é deslumbrante. O relicário é de prata, com painéis em cristal de rocha. O jazigo é ornado com baixo-relevo em prata.

O meu amigo Palustre era um purista. Encarregou-se de fazer-me observar todos os defeitos deste gótico um pouco afectado. Apesar disso, soubemos admirar o que este monumento tem de bonito e de surpreendente.

Depois de S. Ambrósio e da catedral, admirei ainda a igreja da Madonna delle Grazie (Nossa Senhora das Graças) obra de Bramante. A sua cúpula é vasta e imponente, a ornamentação em terracota é graciosa. / (80v)

A Ceia de Leonardo da Vinci está muito deteriorada. Mas continua a ser espantosamente bonita e interessante. A composição e o desenho atingiram a perfeição, mas deve-se estudar especialmente a expressão das figuras. Não há aí nada de banal, nada de vago. Vinci era evidentemente um fisiologista e um teólogo. Ele deu a cada figura de apóstolo a expressão que convinha ao seu carácter no momento em que o Senhor dizia: *“Hoje, um de vós me há-de trair”*.

Do museu de Milão só me lembro dos frescos de Luini, tão cheios de graça ingénua e de devoção.

Visitei a “Scala” de dia. É grandiosa. O pano da boca representa o teatro Grego: o contraste é curioso.

O grande arco do Simplon, começado em 1807 em honra de Napoleão, dá a Milão uma das mais belas entradas para a cidade.

---

<sup>5</sup> O “paliotto” de 835 é trabalho do ourives Volvinius. Foi dado à basílica pelo arcebispo Angilberto II

O Castelo, flanqueado pelas suas velhas torres, relembra os Visconti e os Sforza que também tiveram os seus dias de glória. / (81r)

#### PLACÊNCIA-PARMA-MÓDENA

Eu só passei por Placência. Estas cidades da Emilia são todas construídas em tijolo. As belas muralhas do séc. XVI em Placência e o grande castelo construído por Vignola estão muito deterioradas pelo tempo. Durante a viagem, ia lendo o guia “joanne”. Há nele informações úteis para as belas-artes, mas quanto a história e a religião está cheia de asneiras. A propósito de Placência e de Parma, quer ver no fundador da dinastia dos Farnese um filho natural do Papa Paulo III; e a propósito de um acto tirânico dos Sforza nega que a Igreja tenha suprimido a escravatura na Europa. Eu tinha a graça de não acreditar nessas patranhas<sup>6</sup>.

Parma e Módena têm também os seus grandes palácios em tijolo, estilo Renascença. Módena não tem uma escola de arte especial. O seu museu tem belas obras das escolas de Veneza e de Ferrara, de Bellini, Guido Reni, Guercino; de Garófalo, Carpi, Procaccini, quase todas telas religiosas, muitas vezes “madonnas”. Bellini e Garófalo são devotos sem descuidar a graciosidade e / (81v) a perfeição do desenho. Guido Reni e Guercino são do séc. XVI e da escola de Bolonha. Eles têm mais grandeza, mais variedade e realismo, mas mostram menos fé e simplicidade.

Corrégio deve ser estudado em Parma, onde as suas obras abundam. É excelente pela graça do desenho, a doçura do colorido, a profundidade da luz. As suas pinturas em Parma dariam uma engraçada ilustração do Evangelho. Pintou a Anunciação, a Sagrada Família, o repouso no Egito, Jesus carregando a Cruz, a Deposição, a Ascensão, a Assunção, a coroação da Virgem, a Visão de S. João.

---

<sup>6</sup> Paulo III, Alexandre Farnese (1468- 1549), teve na sua mocidade o comportamento dos príncipes do seu tempo. Das suas relações com uma dama de Roma, teve quatro filhos, entre os quais Pier Luígi. Mais tarde mudou de vida, recebeu ordens, foi bispo, cardeal, e papa de 1534 a 1549. Por uma bula de 20 de Agosto de 1545 ele investiu o seu filho Pedro Luís como Duque de Parma e de Placência, excluindo assim do domínio do seu pontificado estes dois ducados. Se ele pecou muito por nepotismo, somos-lhe todavia devedores por ter começado o concílio de Trento.

## A RENASCENÇA

Nesta viagem à Itália, aprendi a julgar a Renascença. Em si, ela era legítima, era um progresso. Um pouco mais de cuidado na forma, na imitação dos antigos, podia dar um novo brilho à arte, à literatura. Mas o perigo desta exagerada admiração era extremo. O paganismo ia invadir tudo. Uma tentação imensa / 82r) ia embarçar o mundo cristão. Ele ia vacilar nas suas bases e ainda não reencontrou estabilidade. Giotto, Cimabue, Dante aproveitaram da Renascença. Vinci, Miguel Ângelo, Rafael, Ticiano, Corrégio, Cellini devem -lhe a perfeição da sua arte, do seu desenho, a amplitude e a variedade das suas concepções. Mas não é impunemente que se prova o veneno. A queda foi brusca e profunda. Rafael, Ticiano, Corrégio, puseram só um pé na corrente mundana, ligeira e sensual da Renascença. Já não era a fé e a pureza de Frei Angélico, de Dante, de Perugino. E em breve veio o triunfo do espírito ímpio, libertino e obsceno com Aretino, Cellini, Marot, Rabelais e Lutero.

Este é todo filho da Renascença pagã. Já no convento, na Ordem Agostiniana, ele tomara por vade-mécum as comédias de Plauto. A Renascença ajudou o protestantismo, gerou o filosofismo e o cesarismo. O fanatismo pela Renascença foi realmente universal, arrebatado, apaixonado. / (82v) Toda a civilização franco-germânica caiu no desprezo, foi qualificada de gótica, isto é de bárbara. A educação cristã perdeu as suas leis tradicionais, a literatura cristã o seu prestígio, a arte cristã a sua auréola, a filosofia cristã a sua autoridade, a política cristã a sua grande e santa ciência de governo.

A mania do clássico e do pagão lançou a Europa numa verdadeira aberração universal. Citamos corando as decorações do Castelo de S. Ângelo e da Villa Giulia em Roma onde Vénus, Cupido, Diana e Baco tomaram o lugar de Nossa Senhora e dos mistérios sagrados; mesmo em Parma temos os frescos de Corrégio no mosteiro de S. Paulo, onde o pintor representou Diana e uns cupidos num locutório das Beneditinas; em Cambrai, Fénelon condenou a sua catedral à destruição porque era gótica.

A reacção começou no séc. XIX: a civilização franco-germânica / (83r) que era toda cristã levantou vigorosamente a cabeça diante da civilização romana toda impregnada de paganismo. A hora do julgamento imparcial parece ter chegado. O forte e o fraco de cada período e de cada corrente são agora equitativamente avaliados.

## BOLONHA

Bolonha é uma grande cidade; a sua universidade está cheia de vida, o seu comércio é próspero. Tem numerosas igrejas, grandes torres inclinadas que lhe dão um aspecto original e um belo panorama dos Apeninos dominados pelo Santuário de S. Miguel e pela peregrinação à “Madonna”. Bolonha oferece ao peregrino as relíquias de S. Domingos e de Santa Catarina; aos artistas, as pinturas de Francia, dos Carracci, de Dominichino, de Guido Reni, de Albani, de Guercino. Gosto de Bolonha por causa dos seus santos e dos seus artistas cristãos.

Bolonha tem dois Paços do Concelho: o Paço do Governo e o / (83v) do Podestá. O primeiro é um castelo feudal, o segundo é um palácio da Renascença. Um fontanário de Neptuno, de João de Bolonha, orna a entrada do Podestá. João de Bolonha é um escultor hábil, mas que está a fazer aí o Neptuno após quinze séculos de cristianismo? Como esta Renascença é ridícula no fim de contas! Como nos enganámos ao acreditar em Boileau e noutros pregadores do paganismo.

Reza-se bem, perto do túmulo de S. Domingos. Pelo menos são arte cristã, da mais perfeita, esses relevos esculpidos por Nicolau de Pisa e que representam os milagres do Santo. As pinturas de Guido Reni, Tiarini, Spada e Lippi são uma bela apoteose para o querido Santo.

O corpo de Santa Catarina (de Bolonha) enegrecido e ressequido, mas ainda móvel, está na igreja do Corpus Domini. A testa ainda tem a sua pele branca; dizem que é sinal do beijo do Divino Mestre. Todos os bolonheses / (84) gostam da *Santa*.

No museu e nas igrejas, Francia tem piedosas Madonas pintadas em madeira. O sentimento cristão anima as suas obras. - *Dominichino* tem várias madonas, o martírio de Santa Inês, o de S. Pedro de Verona. Tem um colorido quente, cenas verdadeiras e movimentadas; é ainda um pintor cristão. - Os *Carracci* são avançados; conheceram a escola veneziana, trabalham à grande, sabem manejar as sombras e o claro-escuro. - *Albani* pinta graciosamente os anjos e as crianças. *Perugino* tem uma linda madona com santos. - *Rafael* tem a sua Santa Cecília: tem a seu favor o desenho, o colorido, a expressão; falta-lhe realismo, sombras, perspectivas. Esta tela datada de 1515 já não oferece a candura e o sentimento religioso das primeiras obras de Rafael. Todo o séc.

XVI não conheceu as sombras; põe a luz em branco e não sabe fazer o claro-escuro. / (85)

#### RIMINI - S. MARINO

*Rimini* não me deixou grandes recordações. Admirei a sua bela ponte romana de cinco arcos e o seu Arco de Triunfo de Augusto. Eu sou bastante insensível às recordações romanescas de Francisca de Rimini. Gosto mais dos milagres eucarísticos lembrados nos relevos da Catedral e a simples e piedosa história de St<sup>o</sup> António de Pádua a pregar aos peixes em Rimini, história cuja memória foi perpetuada com uma capela erguida em honra do Santo à beira da torrente.

S. *Marino* não deixa de ter interesse. A pequena república tem 9.000 almas. Possui a mais antiga constituição da Europa. Tem dois cônsules eleitos cada seis meses um conselho de 60 membros dos quais 20 são fidalgos, 20 burgueses e 20 camponeses. A cidade está situada sobre um rochedo calcário; tem uma bela vista sobre o mar. O seu tesouro é o corpo do seu santo patrono que protege a cidade.

#### RAVENA

Ravena é uma cidade quase / (86) oriental. Era a capital do Império do Ocidente sob Honório e seus sucessores, a capital dos reis Godos, e dos hexarcas (bizantinos). As suas relações com Constantinopla eram frequentes por mar. Os seus monumentos imitam os de Bizâncio. - Ravena tem duas espécies de igrejas, umas em forma de basílicas romanas, outras em forma octogonal, construídas para servirem de baptistérios.

St<sup>a</sup>. Águeda é uma basílica do séc. V ornada com 24 belas colunas. St<sup>o</sup>. Apolinário in classe e St<sup>o</sup>. Apolinário in città são duas basílicas do séc. VI igualmente ornadas com 24 colunas cada uma e com mosaicos. A última sobretudo tem mosaicos notáveis. É um friso inteiro que corre por cima da colunata: dum lado, uma vista de Clapsis com uma procissão de 22 santas caminhando para a Santíssima Virgem; do outro, uma vista de Ravena com uma procissão 22 santos caminhando para Cristo. O desenho é bom embora um pouco rígido. É da época de Teodorico. / (87)

S. Vital, S. João in Fonte e St<sup>a</sup>. Maria in Cosmedin<sup>7</sup> são igrejas octogonais, têm duas filas de arcadas e uma cúpula. São ornadas de mosaicos. As três têm a representação do Baptismo de Cristo e os doze Apóstolos, mas S. Vital tem vários outros grupos: Justiniano e Teodora com a sua corte, os profetas, os evangelistas, os sacrifícios da antiga lei. S. João e St<sup>a</sup> Maria são do séc. V. St<sup>a</sup>. Maria foi construída por Teodorico para servir de baptistério dos Arianos. S. Vital é do séc. VI. É o exemplo mais completo da arte bizantina. Carlos Magno tomou-a por modelo da catedral de Aix-la-Chapelle.

S. Vital e Santo Apolinário são dois grandes santos de Ravena; rezei-lhes com gosto.

O que em Ravena me impressionou foram os monumentos cristãos dos séc. V, VI, VII e VIII, que não deixaram rastros em mais lado algum. Há lá, como que um elo precioso da grande corrente da nossa fé, / (88) dos nossos ritos e da simbólica cristã.

Ravena tem também sepulcros importantes. O de Dante merece a nossa veneração como túmulo do primeiro poeta cristão.

Os túmulos de Teodorico, de Galla Placídia, de Honório e de Constâncio têm somente interesse arqueológico e histórico. As belas urnas de pórfiro de Galla Placídia, de Honório e de Constâncio são belos exemplos do crescimento artístico provocado pelo triunfo do cristianismo nos séc. IV e V e que tão cedo foi interrompido pelas invasões bárbaras.

#### FERRARA - O PÓ - ACIDENTES DE CARRUAGEM

Ferrara teve também a sua corte, os seus duques, os seus artistas, os seus letrados. Hoje, ela não enche as suas muralhas; há vastos jardins e campos cultivados dentro da sua cerca. A época do seu esplendor foi o séc. XV. Os seus palácios têm pormenores graciosos da primeira Renascença. Tem ainda o velho castelo feudal dos seus senhores rodeado de fossos. A Sé tem uma fachada de transição, rica em pormenores. No museu há um / (89) grande fresco de Garófalo, que me deixou uma profunda recordação. É o *“triunfo da religião”*: ao alto, a Jerusalém celeste; no centro, o calvário; à direita, a sinagoga com o templo em ruínas, os Judeus, os sacrifícios; à

---

<sup>7</sup>É o antigo baptistério dos Arianos de que se fala a seguir, e que pelos católicos foi transformado em oratório de St<sup>a</sup>. Maria in Cosmedin.

esquerda, a Igreja que recebe num cálice o sangue que brota do S. Coração de Jesus; à volta, os sacramentos.

Impossível expor de uma maneira mais luminosa e mais teológica que a Igreja saiu do Coração de Jesus. Esta representação é bastante frequente na arte cristã, pinturas, retábulos e miniaturas dos séculos XIV e XV; é como que o prelúdio da devoção ao S. Coração.

Ferrara é a pátria de Ariosto. Pode-se visitar a sua casa e sua prisão. Como poeta, Ariosto é uma curiosa amostra da Renascença. Ele tomou um argumento cristão, Rolando, e tratou-o à moda pagã, misturando-o com o maravilhoso mitológico. Ele preludiava esse período em que Scaligero e Boileau ditaram as leis, / (90) o famoso classicismo pagão.

A inscrição colocada sobre a sua casa dá o nível da sua fé cristã: “*Sic domus haec areosta propitios deos habeat ut olim pindarica*”.<sup>8</sup>

Véneto era ainda austríaco. Ferrara ainda não estava ligada a Pádua por caminho-de-ferro.

Foi preciso chegar ao Pó de carruagem e atravessá-lo de barco, depois tomar de novo a carruagem para chegar a Pádua por uma linda calçada austríaca.

Nesse percurso vi duas vezes a morte perto, e atribuí a minha salvação à Santíssima Virgem que invocava com confiança. A primeira vez foi ao chegar ao rio; o cocheiro lançara imprudentemente os cavalos a galope, a carruagem parou mesmo na orla da margem; não sei como é que ela não caiu ao rio. Umas horas mais tarde outro cocheiro deixava os cavalos arrastarem a carroça a toda a velocidade fazendo-a chocar contra uma esquina. Mais tarde dois membros da minha família perderiam a vida / (91) num acidente semelhante. A boa Providência teve dó de mim.

Fiquei impressionado com a boa administração das províncias austríacas: estradas, fortalezas, serviços públicos, tudo era muito superior à Itália.

---

<sup>8</sup>N. T.-A “fé cristã” de Ariosto é totalmente pagã, pois a inscrição diz: “Esta casa de Ariosto tenha os deuses propícios como em tempo (os teve) a casa de Píndaro”.

Píndaro, considerado o maior poeta da Grécia, era de Tebas. Quando Alexandre Magno mandou destruir a cidade pela sua rebeldia, ordenou que se respeitassem só os templos e a casa de Píndaro!

O Pe. Dehon não refere que sobre outra porta da mesma casa de Ariosto há um a inscrição mais cristã, pelo menos no espírito da sua moderação: “*Parva domus sed apta mihi*”(= Casa pequena mas suficiente para mim.)

Passámos aos pés dos montes Eugáneos que têm um solar feudal e um vasto mosteiro; chegávamos a Pádua pela tardinha.

## PÁDUA

A grande atracção de Pádua é a peregrinação a St<sup>o</sup>. António, à sua igreja, ao seu túmulo. St<sup>o</sup> António em Pádua é o Santo por excelência, “*il Santo*”, assim como em Bolonha St<sup>a</sup> Catarina é a Santa, “*la Santa*”.

Este caro Santo é de facto o irmão espiritual de S. Francisco. Tem a mesma fé ingénua, o mesmo amor a Deus e às almas.

Mas Pádua tem ainda outros atractivos. E é igualmente uma peregrinação visitar as obras-primas cristãs dos pintores Giotto, Avanzi, Mantegna, Altichiero, e dos / (92) escultores João de Pisa (= *Giovanni Pisano*), Donatello, Briosco, Sansovino, Aspetti, Lombardo.

As duas grandes Igrejas de St<sup>o</sup>. António e de St<sup>a</sup>. Justina, com as suas numerosas cúpulas dão a Pádua um ar oriental. St<sup>a</sup> Justina é rica de relíquias.

Em St<sup>o</sup>. António a jóia é a Capela do Santo, com os seus milagres tão excelente e piamente esculpidos. A capela de S. Félix e S. Tiago tem quase igual interesse com os seus frescos de Altichiero e de Avanzi.

Um verdadeiro tesouro, em Pádua era a igrejinha da Madonna dell’Arena, toda pintada com frescos de Giotto e da sua escola. Era o correspondente à igreja de Assis. Ela foi destruída, penso, depois da minha viagem.<sup>9</sup> Giotto era o amigo de Dante. As pinturas de Arena eram o poema da vida de Cristo e de Maria. Giotto faz lembrar Frei Angélico pela pureza das suas figuras, pela fé, pelo sentimento cristão das suas personagens. O seu colorido é o das miniaturas do / (93) séc. XIII. Mantegna pintou a capela dos Agostinianos. Ele é quase clássico. Cuida os acessórios, vestuário, paisagens, arquitectura.

Pádua recorda-nos Tito Lívio e Galileu. Possui mesmo as suas relíquias no seu palácio comunal.

Prefiro St<sup>o</sup>. António, Dante e Giotto.

---

<sup>9</sup> A *Maddona dell’Arena*, chamada também *Capela degli Scrovegni*, ou de Giotto, existe ainda.

VENEZA, 14-23 DE SETEMBRO

Passei dez dias em Veneza; era muito. O meu amigo Leão Palustre queria ver tudo, as igrejas os palácios, os quadros. Iríamos escrever 200 páginas descritivas, sobre Veneza.

Em boa verdade, Veneza merece uma longa visita. Ela ocupou um dos lugares cimeiros na civilização cristã dos séculos X a XVIII e conservou a maior parte dos seus tesouros artísticos e dos seus monumentos históricos.

Veneza quer ser visitada em todos os seus aspectos. O seu aspecto geral é único. Para desfrutá-lo temos de subir ao alto do campanário de S. Marcos / (94) ou da torre de S. Jorge. Eu subi a ambos. Esse grupo de ilhotas lá colocadas pela Providência no meio duma vasta laguna protegida contra a alta maré, pelo dique natural do Lido, estava maravilhosamente apto para ter um porto comercial nas condições em que se encontrava outrora a navegação. A tonelagem dos navios não pedia águas profundas, e ainda não se tinha tentado proteger os portos por longos diques artificiais.

O porto de Veneza devia ser na Idade Média, o primeiro do mundo. Era o intermediário natural do comércio da Europa e da Ásia e participava ao mesmo tempo das duas correntes de civilização de Bizâncio e da Itália. Era um porto comercial rico, aristocrático, gracioso e tal que o mundo já não possui iguais. A fumarada do carvão não enegrecia as suas / (95) docas. Os seus 3.000 navios comerciais, conduzidos por 30.000 marinheiros vinham tomar e descarregar as suas mercadorias quase à porta das casas dos seus comerciantes.

Veneza conservou durante quase 8 séculos, do século X ao XVIII, a sua prosperidade, actividade, grande cultura artística, científica e social. Sucedeu a Tiro e a Cartago e provavelmente ultrapassou-as.

A história de Veneza tem aspectos cheios de grandeza, de nobreza e dignidade religiosa. Os Venezianos tomaram grande parte nas Cruzadas. Foram os primeiros e os últimos a sustentar a luta contra o Islamismo. Para eles, até ao último século, a luta foi, por assim dizer, sem tréguas. A sua frota serviu várias vezes para transporte dos Cruzados. Estavam em Lépanto e colocaram a bela tela de Tintoretto na igreja de S. João e S. Paulo como ex-voto desta vitória.

Pode-se todavia lamentar que tenham tantas vezes procurado no Oriente os seus / (96) próprios interesses, bem como os da Igreja.

Na sua vida social, Veneza mostrou-se sempre profundamente religiosa. Nosso Senhor Jesus Cristo nela reinava plenamente. Para convencer-nos disso, basta visitar o palácio dos Doges e as principais igrejas.

Nas pinturas do palácio, como nos monumentos fúnebres das igrejas, manifesta-se a fé da nação e dos seus chefes. O Grande Conselho deliberava em frente da representação do Paraíso de Tintoretto e o escrutínio para a eleição dos doges fazia-se em frente ao Juízo Universal de Palma.

Na sala do Grande Conselho, o doge Ziani é representado quando recebe do Papa a sua espada. - Na sala da Bússola, o doge Donato é apresentado por S. Marcos à Santíssima Virgem. - Na sala das quatro portas o doge Grimani está aos pés da Fé e aos joelhos da Santíssima Virgem. - Na sala do Senado, vê-se a Oração dos doges; o doge Cicogna está aos pés do Salvador; o doge Loredan implora a Santíssima Virgem; um doge adora o Santíssimo Sacramento. / (97) - Na sala do Colégio, o doge Donato está aos pés de Cristo e de St<sup>a</sup>. Catarina; o doge da Ponte está aos pés de Santíssima Virgem; o doge Mocenigo adora o Salvador; o doge Venier está diante do Cristo; o doge Gritti reza à Santíssima Virgem. - Na igreja dos Frari, a célebre pala dos Pésaro, de Ticiano, representa a família ducal dos Pésaro aos pés da Santíssima Virgem, de S. Pedro e de outros santos. - Em S. João e S. Paulo, o doge Morosini está aos pés de Cristo, da Santíssima Virgem e de S. João; o doge Capello recebe de St<sup>a</sup>. Helena o bastão de comando.

Em que outra capital seria possível encontrar um conjunto tão imponente de actos de fé pública e social?

A praça de S. Marcos é riquíssima em obras-primas de arquitectura. Está aí a grande basílica bizantina do séc. X, o palácio ogival do séc. XIV e os palácios da Renascença.

S. Marcos e o palácio dos doges são mesmo dois pontos altos da arte cristã. / (98) S. Marcos é a grande basílica sobre os muros da qual se expõe em mosaicos a grande epopeia cristã. O palácio ducal apresenta na sua frente a estátua de Maria; presta

homenagem a Deus com as suas estátuas e pinturas; é uma residência soberana que proclama o reino de Cristo.

Os palácios da Renascença (Libreria e Procuratie) são elegantes, mas que vêm fazer aí os tritões, as náiades e os cupidos que brincam nos regatos e nas arquivoltas? Que coisa singular, esta Renascença pagã!

S. Marcos dá-nos uma ideia do esplendor da antiga Bizâncio. É a basílica oriental com as numerosas cúpulas, as suas colunas pesadas, os seus altos capitéis, os seus ambões, os seus varões de mármore e o seu revestimento de mosaicos. É mais que uma imitação do Oriente, é um museu oriental com as suas colunas de mármore e de alabastro e os seus capitéis caniçados trazidos de Jerusalém, com as suas portas de / (99) bronze, marchetadas de prata e a sua quadriga vinda de Constantinopla e a pedra de granito sobre a qual Nosso Senhor pregava em Tiro.

Os mosaicos foram feitos ou renovados do X ao XVIII século. Representam toda a epopeia cristã. Sob o pórtico há o Antigo Testamento até Moisés: Cristo é preparado e figurado pelos Patriarcas. Na primeira coluna da nave, Cristo é anunciado pelos profetas e pelo Anjo Gabriel. O arco intermediário e a segunda cúpula representam a sua vida oculta e a sua vida pública; no arco seguinte, é a Paixão; na terceira cúpula, o Pentecostes; no arco seguinte, o Juízo Universal; na ábside, o Céu.

Os transeptos dão a vida da Santíssima Virgem, de S. José, de St<sup>a</sup>. Ana e S. Joaquim; os arcos laterais representam uma infinidade de santos. Um tal templo é de certo a casa de Deus, o vestíbulo / (100) e a representação do céu: *“haec est domus Dei et porta coeli”*.<sup>10</sup>

A presença de um príncipe austríaco dá-nos o prazer de descobrir a *“Pala d’oro”*, o rico retábulo de altar formado por 80 esmaltes sobre fundo de ouro, enquadrados por delicadas filigranas. É o luxo oriental servindo para glorificar a Deus.

Os palácios do Canal Grande são dignas residências de uma aristocracia cristã, simples na sua grandeza. Conservaram uma certa analogia de formas durante todo o tempo da prosperidade de Veneza, desde o séc. XI ao XVIII. Os mais numerosos e mais elegantes são os do séc. XV; distinguem-se pelas suas graciosas janelas. O palácio Cavalli é o modelo. A Ca’d’Oro é o mais bonito espécime do séc. XIV.

Veneza teve dias gloriosos. As festas dos esponsais entre os seus doges e o mar eram únicas. Perto da praia do Lido, diante do Adriático, o doge / (101) do alto da rica galé do Bucentauro, no meio de toda a armada, tomava posse do mar.

A religião tomava parte na festa nacional.

Todos os ilhéus das lagunas eram outrora pequenas Venezas. Murano e Torcello tinham as suas catedrais. Quisemos visitá-las. São basílicas da época bizantina com mosaicos do séc. XII.

Murano tem ainda a sua indústria secular da fabricação de vidros e vidrilhos. Para intrépidos arqueólogos, esta visita completa a de Veneza. - Nos mosaicos de Torcello dois pormenores me impressionaram. Os quatro doutores do Ocidente são representados numa abside lateral: esses doutores são S. Agostinho, S. Gregório, S. Ambrósio e S. Martinho. Este substitui S. Jerónimo. É um caso curioso: S. Martinho não escreveu, mas pregou muito; os venezianos terão pensado que a eloquência / (102) apostólica podia substituir as obras escritas. - No Juízo Universal representado por cima da porta interior, a Santa Virgem e São José prostrados diante dos instrumentos da Paixão pedem misericórdia para os pecadores.

Não sei dizer a data deste mosaico cujos pormenores são bizantinos, mas é sem dúvida uma das mais antigas glorificações de S. José, que teve na Igreja um culto muito restrito.<sup>11</sup>

Nos tempos da sua prosperidade, Veneza estava cheia de Igrejas e de mosteiros; subsiste ainda um grande número deles, que merecem uma visita.

Visitei e estudei em Veneza inumeráveis quadros. Três nomes ficaram-me simpáticos: Bellini, Ticiano e Veronese. Bellini gostou tanto de pintar Nossa Senhora e fê-lo quase sempre com tanta graça e tanto encanto! Ticiano também glorificou Nossa Senhora, especialmente na sua Assunção. / (103) Poucos pintores compreenderam tão claramente como ele a nobre figura do Salvador. Veronese pintou bem as cenas bíblicas. Carregou-as demasiado de ornamentos, de arquitectura e de ricos vestuários, mas tirando isso representou dignamente o Salvador e os Apóstolos.

---

<sup>10</sup> “Non est hic aliud, nisi domus Dei et porta coeli”(Gen 28, 17)

<sup>11</sup> O precioso mosaico, muito restaurado, é do séc. XII

## TRIESTE

### ÍSTRIA, DALMÁCIA, ALBÂNIA

A 23 de Setembro deixávamos Veneza, por Trieste<sup>12</sup>. Esta cidade estende-se à volta duma baía; os bairros novos ocupam o vale; as ruas antigas sobem pelas encostas; o castelo e a catedral dominam e coroam a colina do Leste. Mais longe, as vertentes das montanhas calcárias mostram “Villas” no meio de bosques de árvores. O conjunto tem um aspecto agradabilíssimo. – A catedral indica bem o caminho da religião. Várias colunas Coríntias dum antigo templo de Marte ainda são visíveis na torre. As colunas interiores e a abside são do séc. VI e VII, / (104) a época da prosperidade de Ravena. Os mosaicos do Coro representam Cristo entre S. Justo e S. Sérvulo, os oragos da cidade. - No porto, os estabelecimentos do Lloyd austríaco têm um aspecto imponente. O Lloyd é uma companhia poderosa e séria. Nos seus navios encontrávamos sempre o respeito pela religião e a boa educação. Todo o seu pessoal fala italiano.

### ADELSBERG - MIRAMAR

As grutas de Adelsberg, a algumas léguas de Trieste, são uma das curiosidades naturais mais surpreendentes que eu conheço<sup>13</sup>. É uma série de salas subterrâneas, ora grandiosas, ora bizarras, cavadas no solo por um curso de água, ornadas de estalactites que formam colunas, panejamentos, tendas coloridas ou raiadas por infiltrações ferruginosas. Julgar-se-ia ver o palácio das fadas. Se Homero e Virgílio tivessem conhecido isso, teriam daí tirado inspiração para descrever os seus Campos Elísios. Quanto a mim gosto mais de ver nelas um sinal / (105) do poder do Criador.

Não longe de Trieste encontra-se ainda Miramar, o delicioso castelo Construído pelo príncipe Maximiliano antes de aceitar o trono do México. Miramar tem uma grande presença, com suas três alas Góticas ameadas, o seu porto cavado na rocha, os seus jardins artificiais, os seus vastos terraços e as suas escadarias que descem até ao mar.

---

<sup>12</sup> A Viagem de Veneza a Trieste foi feita muito provavelmente por mar (cf. Viagem do Oriente, Arq. Bch. D., B 13/ 2 caderno III, pp. 48 - 49)

<sup>13</sup> É uma parte das famosas grutas de Postúmia, das quais até 1930 só se visitava a gruta dita de Adelsberg

Miramar é separado do mundo civilizado pela imensa planície árida e atormentada do Carso, que faz lembrar o “Crau” dos arredores de Marselha. No alto da porta lê-se a divisa do Imperador do México: “*Equidad en la justicia*”. Este castelo faz pensar na justiça divina. O príncipe Maximiliano e a princesa expiaram sem dúvida sobre a terra da sua vã ambição. Deus queira conceder-lhes o perdão na outra vida.

#### DE TRIESTE A POLA

Embarcamos a 27 de Setembro num barco do Lloyd para / (106) fazermos todas as escalas da Ístria, da Dalmácia, das ilhas Jónicas e da Grécia. A Ístria era ainda Itália na geografia do imperador Augusto e na de Dante. Os italianos reivindicam-na ainda.

Ela é dominada pelo monte Maior que é o núcleo da península. O navio deixou-nos entrever Capo d’Ístria ao fundo da sua enseada; Pirano cingida de muralhas e rodeada de oliveiras; Parenzo, a primeira etapa dos cruzados que partiam de Veneza; Rovigno, actual capital da Ístria, cujo porto é protegido por uma ilha sobre a qual assenta um vasto mosteiro.

Ficámos um dia em Pola. É uma cidade riquíssima em monumentos romanos. Tem três arcos de Triunfo, túmulos descritos por Dante, dois templos ornados com pórticos coríntios e sobretudo o seu comparável anfiteatro tão bem conservado e disposto com tanto bom gosto à beira - mar. / (107)

#### ZARA <sup>14</sup> - DALMÁCIA - ALBÂNIA

30 de Setembro de 1864 - Toda esta costa da Dalmácia ficou em grande parte católica, devido aos Venezianos. Veneza deixou em toda a parte sinais da sua passagem no estilo das igrejas, dos palácios, dos campanários. Pena que as nações católicas tenham tanto diminuído, com as suas divisões, o resultado dos esforços imensos que elas fizeram para lutar contra o islamismo!

A Dalmácia é o antigo Illiricum que incluía também a Bósnia actual. A raça predominante é hoje a dos Sérvios / (1) ou Eslavos ocidentais, que foram para lá levados por Heráclio. Esta raça eslava é realmente hoje a mais fecunda e a mais estavelmente

alojada na Europa. Gosto de me associar às orações que se fazem pela conversão da Rússia. A Providência prepara-nos alguma surpresa desse lado.

Toda esta costa da Dalmácia está encostada a uma cadeia de montanhas muito áridas que a separa da Bósnia.

Zara é a capital da Dalmácia. Era festa quando nós a visitámos, pela abertura do parlamento dálmata. A Áustria tem conservado grandes liberdades provinciais. O vestuário de cores vivas, em Zara, anuncia já o Oriente. Estes trajes não devem ter variado desde a época romana. Zara é uma cidadezinha fortificada, toda oficial e militar. Tem duas basílicas dos séculos XII e XIII, a Sé e S. Crisógono com bonitas colunas monolíticas de formas diferentes, que devem provir de templos romanos. Sobre muitos edifícios da cidade encontra-se / (2) o leão de S. Marcos.

#### SALONA - ESPALATO

A antiga Salona está em ruínas, numa bela situação, na foz do Giadro, ao abrigo do vento Norte. É a antiga capital da Dalmácia. Escavações inteligentes feitas pelo arqueólogo Carrara de 1846 a 1850 revelaram claramente a antiga planta e os seus principais monumentos. A sua cerca foi alargada por Diocleciano. O chão das suas antigas portas é sulcado pelos traços das rodas de carros. O seu vasto anfiteatro estava incluído na cerca. O que mais me interessou foi a sua antiga igreja, octogonal por fora, circular por dentro, como o templo de Júpiter em Espálato. É a transição do estilo romano para o bizantino e a preparação de todas as nossas igrejas com cúpulas.

Na região decorria a vindima. As uvas são pisadas no próprio campo e o vinho é levado em odres; é primitivo. Assim faziam os Romanos.

Espálato é uma cidadezinha / (3) construída totalmente sobre as ruínas do antigo palácio de Diocleciano. É que na verdade, esse palácio era grande como uma cidade. Devia igualar as grandezas de Versalhes.

Diocleciano tinha escolhido um bonito lugar sobre a praia, perto de Salona, à vista das costas da Itália. O palácio tinha a sua cerca com 16 torres. As suas construções eram separadas por duas largas ruas com arcadas que se cruzam em ângulo recto. Um

---

<sup>14</sup> Zara, etc..., para seguir a viagem até dobrar pelo Sul toda a Grécia; ver o mapa I, passando ao mapa II para encontrar Syra, logo abaixo de Atenas.

longo alpendre sobrelevado corria ao longo do mar. Desfrutava-se uma vista esplêndida. Os banhos, algumas salas e os dois templos de Júpiter e de Esculápio transformados em igrejas, são tudo o que resta das construções.

Este palácio era no estilo da decadência romana. Tudo era rico, mas não chegava a ser bonito. As ruínas antigas eram aí usadas sem arte. As ordens arquitectónicas eram alteradas nas suas proporções. Era a transição para o românico.

O templo de Júpiter era octogonal, / (4) rodeado de um pórtico, com duas ordens de colunas no interior e uma abóbada em forma de calota. Mais tarde em Ravena e em Aix-la-Chapelle a forma octogonal será visível mesmo no interior, e o pórtico será suprimido.

Não fiquei pouco surpreendido por ver os homens, em Salona, usarem rabinhos à chinesa. As mulheres trazem um véu branco.

#### ILHAS LIBURNIANAS <sup>15</sup>

##### Brazza, Lissa, Lésina

Estas ilhas são gredosas e áridas. Os vales todavia vestem-se duma vegetação toda oriental em que se misturam as oliveiras, os aloés e as palmeiras. Sobre os outeiros descobrem-se ruínas de castelos ou mosteiros. Lissa é a antiga Issa. Lésina chamava-se Faros.

##### RAGUSA - GRAVOSA

Gravosa é o porto de Ragusa. Os venezianos davam importância a Ragusa. Vê-se ainda o palácio dos Doges e o dos Provedores, que fazem lembrar os / (5) palácios do Canal Grande. Ragusa situa-se num vale fertilíssimo e riquíssimo.

---

<sup>15</sup> Estes nomes não aparecem em nenhum mapa.

## BOCAS DO CÁTARO

As bocas do Cáataro lembram o lago dos Quatro Cantões <sup>16</sup> a ponto de nos enganar. O mar forma aí uma espécie de lago de formas caprichosas, rodeado de altas montanhas.

Segundo a orientação, as encostas são áridas ou arborizadas. As cidades e aldeias são espalhadas pelas lombas e pelos vales. Risano recorda a antiga Rhizon. Cáataro empresta o seu nome ao golfo. As suas muralhas trepam pelos declives do Montenegro.

Embarcamos uns albaneses em rico traje e uns funcionários turcos com um harém.

## ANTIVARI - DURAZZO

Antivari era a Turquia então, hoje é Montenegro. Duas fragatas turcas estacionavam no porto. Os nossos funcionários otomanos mostravam-nas com orgulho.

Com a Turquia começam os minaretes de aspecto pitoresco, mas também a sujidade e cem / (6) outros sinais de meia barbárie. Toda a gente anda armada. As mulheres são uma mercadoria. A cultura está no estado primitivo. Já não há nem estradas, nem portos. A superioridade moral e intelectual da civilização cristã salta aos olhos nesta transição.

Um padre grego, excepcionalmente limpo e civilizado, encontrava-se no barco. Veio falar connosco. Eu sou, diz-nos ele, um padre ortodoxo. Nós tivemos de pensar para percebermos. Essa boa gente contenta-se com palavras. É um padre grego duma espécie nova. Há alguns agora no Oriente que vão fazer os seus estudos e pôr-se ao corrente da civilização nas Universidades protestantes da Alemanha. A sua pobre ortodoxia vai dar no racionalismo.

Durazzo, a antiga Dyrrachium é agora uma pobre aldeia insalubre no meio dos pântanos.

---

<sup>16</sup> Lago dos Quatro Cantões, na Suíça, ver mapa III, ao centro.

## AS ILHAS

### Corfú

Tocámos Corfú em vários pontos. Em Santi-Quaranta <sup>17</sup> embarcou um grupo de indígenas. Tinham o aspecto de verdadeiros turcos, o turbante na cabeça e o yatagão à cintura.<sup>18</sup> Trocaram com os seus amigos da costa alguns tiros de espingarda. Mais longe, é Butrino, a antiga Buthrotum; nos altos, castelos francos e venezianos.

Corfú, a capital, é dominada pela sua dupla cidadela. É exactamente a "*Aeriae phoeacum arces*"<sup>19</sup>. Reencontra-se aí facilmente a topografia dos portos antigos. Jardins esplêndidos rodeiam a cidade e fazem lembrar os de Alcinoüs, cantados por Homero.

O Cônsul da França em Corfú, o Sr. Grasset, recebeu-nos com muita cortesia. Mostrou-nos uma esplêndida colecção de moedas gregas em ouro, e deu-nos muitas informações úteis para a viagem da Grécia. Era mesmo um francês do nosso tempo, amável, folgazão, distinto, mas sem princípios religiosos. / (8)

### Zante

Depois de Corfú, o nosso navio passou em frente das falésias de St<sup>a</sup> Maura e do famoso salto de Leucade. Mais longe, estava Cefalónia, a Samo de Homero, dominada pelo seu castelo veneziano; depois, Zante, a ilha das flores, com a sua luxuriante vegetação, as suas cidades, os seus campanários.

A 10 de Outubro, dobrávamos o cabo Matapan que só apresenta rochedos áridos e incultos, e desembarcávamos em Syra.

### Syra

Syra é um porto excelente, abrigado por um ilhéu, por isso é a ilha mais próspera do Levante. A cidade situa-se sobre um cone que tem no seu cimo uma pobre catedral católica. Os Gregos construíram em baixo uma nova catedral com um pórtico jónico em mármore branco dum estilo bastante puro. A policromia das casas deve ser tradicional desde Homero. Encontram-se aí as cornijas em azul, as muralhas de prata, as portas de

---

<sup>17</sup> Santi-Quaranta, como também Butrino, são pequenos portos na costa da Albânia.

<sup>18</sup> Yatagão: sabre turco cuja lâmina muito afiada, com cerca de 50 centímetros, forma uma linha curva em dois sentidos opostos.

<sup>19</sup> Da Eneida de Virgílio: "Protinus aérias Phacacum abscondimus arces" (3, 291)

bronze. As loiças de barro têm formas antigas. As mulheres vão buscar água com ânforas às costas. / (9)

Todas estas recordações clássicas deixam-me muito indiferente agora. Nesse tempo despertavam mais vivamente a curiosidade do meu espírito; acabava de sair dos meus estudos literários.

## **A Grécia**

Fisionomia, cultura, raças, religião da Grécia.

Aportámos no Piréu a 13 de Outubro, para repartirmos só a 26 de Novembro. Durante seis semanas iríamos percorrer toda a Grécia e procurar recordações das idades heróicas, da época clássica e dos séculos cristãos.

Resumo primeiro as minhas impressões sobre a fisionomia da Grécia, os seus trabalhos públicos, os seus habitantes, a sua situação religiosa.

A Grécia, como a Síria, tem sido desarborizada; sobretudo na costa marítima ela tem um aspecto de tristeza e de aridez que impressionou todos os que navegaram nas águas do Levante. Mas para quem penetrou nas suas províncias, é claro que ainda tem uma riquíssima vegetação, e que deve ter sido outrora uma segunda terra prometida. O interior tem vales frescos e belas florestas. A província do Magne, de Andrusa até Navarino, é / (10) uma única floresta de carvalhos; outra floresta estende-se de Olímpia a Tripotamo. O vale do Alféu é arborizado de pinheiros; a vertente do Parnaso é coberta de abetos; o vale do Boágrio é sombreado de plátanos. A cultura da oliveira, da vinha e do algodão são as mais espalhadas. O trigo é semeado antes da lavra; a charrua é primitiva, carregada aos ombros. A Arcádia é a província mais trabalhadora, mas todas estão em progresso.

Os trabalhos públicos estão bem desenvolvidos em Atenas, no Piréu, em Syra, em Patrasso. Há umas tentativas em Esparta e em Cálcide. As construções mais numerosas que se têm erguido, depois da independência, são igrejas.

Este pobre povo acabou de sair da opressão dos muçulmanos.

Atenas tem muitas tentativas engraçadas de renascença artística. Este povo tem o gênio da arte. Voltará a fazer maravilhas de arquitectura, de escultura e de pintura. Os campos têm casas de tijolos crus, devia / (11) ser já assim na antiguidade. Essas pobres casas têm como único ornamento: uma lareira sem chaminé, lamparinas de terra onde arde azeite, uma mesa baixa, escabelos, esteiras, baús pintados. O pão é cozido debaixo da cinza.

Na Grécia há tantas raças como províncias. Podem ser divididas em dois ramos principais: os pastores ou agricultores, e os comerciantes ou marinheiros. Estes correspondem aos antigos Atenienses, Coríntios e Eginenses; aqueles, aos Espartanos e Arcádicos. O Grego da beira-mar, o comerciante, é pequeno, atarracado, sem dignidade, de olhar falso e baço. É a antiga raça jónica. O Grego das montanhas é altivo e ágil, cuidadoso no porte e hospitaleiro. Todos são gananciosos; querem o ganho fácil. A sua curiosidade é maçadora. As mulheres da beira-mar estão vestidas de algodão; as do interior têm um vestido branco e um casaco apertado da mesma cor. Este vestuário deve ter-se eternizado desde a antiguidade. / (12)

A religião dos Gregos parece consistir sobretudo em práticas exteriores. Fazem sinais da cruz sem fim e beijam todas as imagens de santos que cobrem as paredes das igrejas. O seu clero parece sujo, grosseiro, ignorante. Os monges possuem vastos conventos, belos colégios e nenhuns livros; parecem tremendamente preguiçosos. Educam algumas crianças, que empregam em trabalhos manuais em vez de as instruir.

Os católicos ainda são pouco numerosos, mas o seu clero tem bem outra apresentação que o da igreja grega. Em 1864 construía-se uma modesta igreja católica em Atenas e já os protestantes tinham aí um elegante templo gótico e os russos, uma graciosa igreja com cúpula. As nações católicas percebem pouquíssimo a influência que elas poderiam adquirir e o bem que fariam, em casos parecidos, ajudando a construção de igrejas nesse país de missão!<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Estas apreciações sobre a Grécia e o seu povo, nas notas da viagem ao oriente são referidos no fim da viagem das seis semanas. Para ser possível fazer uma comparação, reproduzimo-las em apêndice na p. 186 (Viagem ao Oriente, cahier IV, pp. 119-124, arq. D, B 13/2d)

## O PIRÉU

Um jovem estudante não atraca ao Piréu sem emoção. É na história e na literatura da Grécia que os nossos estudos clássicos nos ensinaram a procurar os modelos do belo e do bem. Eu ia visitar a Grécia como um aluno consciencioso. Hoje, somente dois países me atrairiam, a Terra Santa e Roma, as pegadas de Nosso Senhor, e o centro da Igreja.

Procurei no Piréu os seus três antigos portos e a sua acrópole; e nas colinas a Oeste da cidade o túmulo de Temístocles, e o cabeço de onde Xerxes, sentado num trono de prata, contemplava a batalha naval do estreito de Salamina.

Do Piréu chegámos a Atenas através duma inundação do Ilissós. As chuvas do Outono tinham engrossado esse regato tantas vezes seco.

## ATENAS

Atenas relembra-nos os grandes nomes da filosofia, das letras e das artes, mas relembra também S. Paulo e S. Dionísio. Eu tinha já o sentido bastante cristão / (14) para ficar mais impressionado pelas recordações do Areópago do que pelas dos jardins de Academos, do Pórtico ou de Liceu. Talvez alguns dos sábios da Grécia estejam no céu? Eles prepararam tão bem o trabalho da filosofia e da teologia escolástica! Mas S. Paulo, ele, está certamente no mais alto dos céus, pertinho de Nosso Senhor que ele tanto amou.

## A CIDADE NOVA

Os Gregos tiveram o tacto de construir a sua capital moderna ao norte da Acrópole, deixando as ruínas antigas na sua austera solidão. A zona nova prova claramente as faculdades artísticas deste povo. Encontram-se nela muitos pormenores nobres ou belos de arquitectura, de escultura e de policromia, recebidos da arte antiga e combinados com o conforto moderno.

A Universidade, o Palácio do rei, a escola da França, o Observatório, são felizes ensaios da arte grega moderna. A Universidade, em especial, é uma obra com gosto. / (15) A sua fachada poli cromada e o seu pórtico jónico estão muito bem conseguidos. O

Palácio do rei está bem situado, domina a cidade. É vasto e pouco decorado. Os vastos jardins são esplêndidos.

Assistimos a uma sessão das câmaras. Isso tinha estilo. Alguns deputados vestiam o antigo traje nacional, o saiote branco e o casaco bordado. Pelo que concerne à agitação, a barulheira e ao mau gosto, a Câmara de Atenas pode rivalizar com a de Paris.

Atenas tem o seu teatro. Fomos lá alguns instantes por curiosidade. O rei chegou e toda a assistência levantou-se à sua entrada com perfeita unanimidade. Causa uma bem estranha impressão ver anunciado em grego nos cartazes, algum drama parisiense, como este:

*Η τριακοντα ετης ζον ενος καρτοπαικτου.*

- 30 anos, ou a vida de um jogador .

#### A ACRÓPOLE

A Acrópole é a montanha santa, a colina de Minerva; é para os gregos o que era o monte Sião para o povo de Israel. / (16) Que pena que o templo de Salomão não esteja conservado pelo menos tanto como o Parténon de Péricles! Mas a justiça divina foi mais severa para o povo que tinha recebido mais graças. A Acrópole tem ainda fragmentos das suas cercas sucessivas. Muros pelásgicos<sup>21</sup>, muros de Temístocles e Cimon, muros de Conon e de Valeriano. Todas as gerações tiveram cuidado das colinas sagradas e da cidadela protectora. A cerca tem os seus propileus, como a cerca de Sião, como os templos do Egipto têm os seus pórticos. Os propileus têm um pórtico jónico em mármore de pentélico.

Os dois principais santuários da colina santa eram o Parténon e o Erectéion, ambos dedicados a Minerva. São as obras-primas do estilo dórico e do jónico. O Partenon é o templo grandioso e majestoso; o Erectéion é o santuário elegante e gracioso.

O Partenon surpreende-nos pela harmonia das suas formas. É de quebrar o coração / (17) vê-lo arruinado e quase destruído. Como em Milão, o monumento

---

<sup>21</sup> NT Pelásgico: isto é, do tempo dos Pelasgos que foram os primeiros habitantes da Grécia de que há memória.

conservou a sua brancura no lado norte, enquanto que ao sul se revestia de cores quentes devido aos raios do sol. Nestes templos, todas as curvas dirigem o olhar para as partes ornamentadas, para os relevos dos frisos e dos frontões, pois era aí que se revelava a explicação do templo, a glorificação do povo e do deus a quem o edifício estava consagrado.

A «cella» dos tempos era pequena e devia estar reservada aos sacerdotes; era policromada. Os sacrifícios eram oferecidos quase sempre debaixo dos pórticos, e o povo ficava fora. O mesmo acontecia em Jerusalém.

As estátuas e relevos dos frontões e dos frisos, obra de Fídias e da sua escola, continuam a ser os modelos mais perfeitos da escultura. Nada iguala a sua nobreza, graça e acabamento.

Ó Santa Virgem Maria, eu vos ofereço tudo o que estes povos quiseram oferecer de pura glória a esta virgem<sup>22</sup> da qual fizeram a sua mãe e a sua / (18) inspiradora. A Virgem por excelência, a Virgem eminentemente sábia, sois Vós. A arte cristã já vos glorificou muito; possa ela ultrapassar-se, e cantar sempre a vossa glória, melhor do que o Partenon cantou a glória fictícia da virgem do paganismo.

#### VÁRIOS MONUMENTOS

O povo grego tinha devoção e mesmo uma devoção crédula. O número e a beleza dos seus templos podem edificar-nos. Hoje que a arte acorda novamente entre os Gregos, o meu desejo é que eles ultrapassem as obras-primas antigas para honrar Cristo e a sua Santa Mãe.

Ainda há algumas colunas majestosas do templo de Júpiter Olímpico. O templo de Teseu está de pé, inteiro. É como um segundo Partenon no mesmo estilo dórico. Ele também reproduz nos seus frisos o combate lendário dos Centauros<sup>23</sup> e dos Lápitias<sup>24</sup>.

O teatro de Herodes Ático é bem conservado, mas ele é romano. O teatro de Baco é / (19) muito mais interessante; está encostado ao flanco da acrópole. Ainda lá estão os

---

<sup>22</sup> Minerva.

<sup>23</sup> NT Centauros, monstros metade homens, metade cavalos; viviam nas selvas de Pélio, a maior parte em estado semi-selvagem; mas alguns ficaram famosos pela sua sabedoria, como Quirão versado na Medicina e nas artes, mestre de Esculápio (que será o Deus da medicina) e de Aquiles.

seus recantos, as suas escadarias, a sua orquestra com chão de mármore, os seus assentos finamente esculpidos e ostentando os nomes dos seus titulares. Como a religião estava misturada à vida pública desse povo! Na primeira fila encontram-se os assentos dos sacerdotes de todas as divindades da Ática: ao centro, o sacerdote de Baco, aos seus lados os sacerdotes das divindades antigas viram o seu nome apagado mais tarde para dar lugar aos dos sacerdotes de Adriano, de Antinos, etc. Depois dos sacerdotes vinham os magistrados e oficiais, os tesmotetas, os estrategas, os polemárcos, etc... É sempre com emoção que se imagina as obras-primas de Ésquilo, de Sófocles e de Eurípides, aí declamadas, 500 anos antes de Cristo.

Conservam-se também uns pequenos monumentos, símbolos de ciência, de arte profana ou de devoção: a torre dos Ventos, a Lanterna de Demóstenes, os monumentos corágicos e as estelas da alameda / (20) dos sepulcros.

#### AS COLINAS E OS JARDINS

O Areópago é um rochedo abrupto ao qual se sobe por escadarias. Acham-se aí as ruínas duma antiga basílica erguida em honra de S. Dionísio. Faz bem reler aí o cap. XVII dos Actos dos Apóstolos. Espero que um dia os católicos reconstruam essa igreja.

O Pnyx é um hemicírculo sustentado por muros pelágicos. Foi aí que Demóstenes pronunciou um grande número de seus discursos. Tinha a Acrópole à sua direita e sem dúvida pedia inspiração a Minerva. A colina santa devia animar o seu patriotismo e o dos seus ouvintes.

A colina de Museu tem o sepulcro do poeta desse nome e o de Simão. Na sua encosta, mostra-se a prisão de Sócrates.

Atenas ainda tem, como outrora, belos jardins sobre as ruínas do Ilissós. A oeste da cidade reencontram-se os olivais, o Olivetum cantado nos coros de Sófocles.../ (21)

Aí perto está a colina de Colonos onde morreu o infeliz Édipo. Do alto desta colina goza-se duma vista única: Atenas e a sua Acrópole em primeiro plano e mais longe o

---

<sup>24</sup> NT Lápitas - Povo rude da Tessália; por ocasião do casamento do seu rei, foram atacados pelos Centauros, mas eles venceram-nos completamente.

monte Imeto, o Licabeto, o Pentélico. Uma igreja bizantina de Sta. Eufémia substitui o templo das Euménides<sup>25</sup>. Os orientais amam estas analogias com as recordações pagãs.

#### DAFNI -ELÉUSIS -MÉGARA

Iríamos percorrer toda a Grécia, durante seis semanas. Precisámos de organizar toda uma caravana, pois a Grécia não tem nem comboios, nem carruagens, nem mesmo estradas. Tomámos seis cavalos e três homens de serviço: intérprete, cozinheiro e carregador. Não levámos tendas; disseram-nos que poderíamos sempre alojar em casa dos habitantes. Era verdade e às vezes era original e interessante, mas isso expôs-nos a suportar todos os insectos mais irritantes e repugnantes. Cada dia as nossas bagagens iam à frente, os nossos homens escolhiam / (22) a melhor casa da terra, que nos era cedida complacientemente; e nós deixávamos uma gorjeta para indemnizar os nossos hóspedes.

Partimos pelo oeste da cidade, atravessando o bairro da cerâmica, o lugar dos jardins de Academos e a Porta sagrada. Alcançámos sucessivamente o Olivetum, o Cefiso, Colonos<sup>26</sup>, o monte Pecile. Daí a vista estende-se sobre o mar e sobre Salamina.

As primeiras cidades deste percurso eram cidades santas. A devoção dos pagãos poderia às vezes fazer-nos corar; Dáfni é a cidade de Vénus, Eléusis a de Ceres. Mégara honrava Diana e Júpiter. Os Atenienses levavam para lá as suas orações e ex-votos. Há sinais em Eléusis destes testemunhos de gratidão. Em Daphni encontra-se a área do templo de Vénus. A Idade Média construiu aí uma bela igreja à Santíssima Virgem. Essa igreja / (23) tem uma cúpula apoiada sobre pendentes<sup>27</sup>. É precedida por um vasto nartece (pórtico) onde se encontra o sepulcro dum Villehardouin, duque de Atenas.

Entre Dáfni e Eléusis encontra-se a planície de Thris onde, segundo a lenda, Ceres ensinou a Triptóleme a cultura do trigo. A planície é sempre fértil em trigo e cevada. Os seus grãos serviam para fazer os bolos sagrados para o templo.

---

<sup>25</sup> NT Euménides- eufemismo para indicar as Erínias, deusas da maldição e da vingança, nascidas do Aqueronte (rio e Deus infernal) e da noite. Para os romanos eram as Fúrias. Seus nomes: Alecto, Megera, Tisífone. O nome da 2ª, «Megera» passou como nome comum nas línguas neolatinas para indicar uma «mulher cruel, de mau génio; mãe desnaturada; velha de má língua».

<sup>26</sup> No IV caderno (p. 24) da Viagem ao Oriente, Leão Dehon escreve: (os dois mamelões de Colonos”.

<sup>27</sup> NT «Pendentes» é mesmo o termo arquitectónico; são as porções de abóbada colocadas entre os grandes arcos que sustentam uma cúpula.

Mais longe está Eléusis, a sua acrópole e os restos dos molhes que formavam o seu porto. O templo de Ceres tinha a sua cerca e os seus propileus de que restam as ruínas.

Mégara tem duas acrópoles. As únicas ruínas que restam são fragmentos de colunas. Desfruta-se aí de uma vista magnífica sobre o golfo Sarónico,<sup>28</sup> Salamina e costas do Peloponeso.

## CORINTO-SÍCIONE

De Mégara ao istmo de Corinto atravessa-se uma floresta onde se misturam os pinheiros, as gigantescas urzes em / (24) flor, as alfarrobeiras com seus frutos vermelhos donde se extrai o licor chamado Mastic, e os seus loureiros rosados na borda dos regatos.

Corinto era a cidade rica e luxuosa, a cidade das artes, dos prazeres e da devassidão. S. Paulo encontrou aí algumas belas almas.

Por fora de Corinto, o istmo tinha como uma segunda cidade agrupada à volta do templo de Neptuno, de um estádio e de um teatro. Aí celebravam-se os grandes Jogos ístmicos, de cinco em cinco anos. Eram, ao mesmo tempo, concursos literários, de atléticos e musicais.

Encontrámos a cidadezinha moderna de Corinto toda destruída pelo terramoto de 1856.

O Acrocorinto tem hoje um castelo franco no lugar da sua cidadela antiga e do seu templo de Vénus. É uma montanha escarpada, com cerca de 600m de altura. Nas encostas brota a fonte clássica de Pirene sob um arco ogival misturado com destroços turcos e bizantinos. / (25) Foi aí no porto de Canera que S. Paulo morou, fez conversões e ganhou o seu pão fabricando redes.

Mais longe, Sicione não deixou sinais. A cidade achava-se num planalto elevado. Mais acima ainda, atrás da cidade, subia-se pelo estádio e pelo teatro até à acrópole. De lá desfruta-se de uma vista esplêndida. Nada iguala os tons doces deste belo céu da Grécia, azul-claro no alto e quase cinzento no horizonte. Que admiráveis matizes

---

<sup>28</sup> É o actual golfo de Egina.

oferecem também as águas azuis do golfo em cuja direcção descem as cadeias do Helicon e do Parnaso. A oeste há as montanhas do Peloponeso, a leste o Acrocorinto e o istmo. Foi um dos panoramas que mais me encantaram nesta viagem ao Oriente.

#### A ARGÓLIDA: NEMEIA - MICENAS TIRINTO – ARGOS - NÁUPLIA

Qualquer viagem pela Grécia é uma espécie de peregrinação clássica. Todas as cidades antigas ainda estão marcadas por alguns restos de muros e de / (26) templos. Podem-se seguir os rastros dos Eráclides e dos Atridas, cantados por Homero, Ésquilo e Sófocles. Estas recordações deixavam-me bastante frio, recordam mais lendas e crimes do que factos reais e virtudes. Eu era menos insensível à tripla ou quádrupla conquista da Grécia por Cristo.

A primeira destas conquistas foi a obra dos Apóstolos, Paulo, André e seus discípulos que deram a fé à Grécia. A segunda foi obra dos cavaleiros francos que venceram os cismáticos Gregos. A terceira foi obra dos Venezianos que lutaram aí quase 500 anos contra os muçulmanos. A quarta começa agora: os heróis da independência repeliram os maometanos em 1825; os nossos missionários completarão a obra de Cristo.

A Argólida reteve-nos alguns dias. Há primeiro uma série de gargantas sombrias e arborizadas, que / (27) depois se alargam para dar lugar às ruínas de Cleones e de Nemeia.

O santuário destruído de Júpiter nemeu está bem situado sobre um cabeço, no meio de um vale plantado de lentiscos e azinheiras.

A planície de Argos é rica e bem cultivada; colhe-se nela o algodão e o tabaco; está semeada de igrejas bizantinas; mas o que o arqueólogo procura nela são as suas cidades antigas: Micenas, Tirinto e Argos. Micenas tem toda a sua cerca de muros ciclópicos e pelásgicos. Estas muralhas colossais e a porta dos Leões, formada por pedras enormes, dão uma alta ideia do vigor de espírito e da força física dos povos da idade homérica. A cripta chamada «Tesouro dos Atridas» parece menos antiga.

Tirinto tem também o seu morro rodeado por um muro plagioclasito.

Náuplia, ao pé de Argos, é uma simples aldeia moderna onde se visita a casa de Capo d'Ístria e o túmulo d'Ipsilonti (Hypsilantis), dois heróis da guerra / (28) da independência.

Argos tem uma aparência asiática. Os seus habitantes sentados aos seus balcões não têm a nobre altivez dos Atenenses; eles são de raça jónica.

Argos tem por cidadela uma das fortificações mais completas do oriente, com dupla cerca, torre de menagem, capela e bastiões<sup>29</sup>. O teatro de Argos, cortado no flanco da acrópole, estava maravilhosamente situado. Os espectadores tinham por horizonte o vale, as suas casas, e o golfo.

Os argumentos das peças de Ésquilo e de Sófocles são frequentemente tirados da história de Micenas e Argos. Como eles deviam apaixonar os habitantes de Argos! Quando se representava Electra, por exemplo, ouvia-se o murmurar do Inacos nas margens do qual ela encontra o seu irmão, e ao longe adivinhava-se Micenas, onde habitavam Clitenestra e Egisto, mal dissimulada pela colina de Aspis.

Passada Argos, nós trepámos as montanhas para passarmos à Arcádia. / (29) A planície de Árgon, tão árida na antiguidade tornou-se fértil graças a inteligentes irrigações. A Grécia principiará o cultivo intensivo do Ocidente. Perto de Tirinto tínhamos encontrado uma herdade-escola, cujo director nos mostrara com satisfação os seus belos frutos e os seus instrumentos de lavoura aperfeiçoados.

Argos tem um convento de monges gregos; a Arcádia tem outro, mas não tem interesse nenhum. Os seus monges não parecem nem instruídos nem civilizados.

O monte Artemísio, na Arcádia, tinha o grande templo de Diana. A devoção deste povo, que se dirigia infelizmente a divindades falsas, envergonha a nossa apostasia social.

#### MANTINEIA-TRÍPOLIS-TEGEU

As Arcádias são ainda hoje um povo de agricultores e pastores. A sua província é a mais bem cultivada da Grécia. A Grécia tem quase tantas raças diferentes como províncias e vales.

Depois do vale de Argon, atravessamos o de Mantineia e de Tegeu. / (30) De Mantineia só fica a sua cerca de muros circulares, de uns quatro km de comprimento; e a cávea<sup>30</sup> do seu teatro.

A cidade moderna deste vale é Trípolis. Notam-se nela as ruínas duma mesquita e dum minarete. Os muçulmanos fugiram da Grécia depois da guerra da independência.

Tegeu só tem ruínas, ruínas da sua acrópole e do seu teatro, ruínas da cidade franca, ruínas duma igreja. - Neste vale estavam a vindimar. Por isso trabalhavam ao domingo. As uvas são pisadas nos próprios campos em covas revestidas de cimento. O vinho é transportado em odres e sempre, ai de nós, misturado com resina. Os gregos afirmam que isso conserva o vinho. Nós achávamos que isso o torna intragável.

Nesse domingo, como em vários outros durante a viagem, faltávamos à santa missa: não havia igrejas católicas ao nosso alcance. / (31)

## ESPARTA

Sentíamo-nos contentes por irmos a Esparta. Todas as recordações dos nossos estudos reviviam em nós. Subíamos a cadeia do Parnon, totalmente plantada de lentiscos, de terebintas e de fetos arbóreos. Do alto dominávamos o vale da Lacónia onde correm o Eurota e o Magula. Diante de nós estendia-se a cordilheira do Taigeto, a mais bela das montanhas gregas. Na sua encosta está a cidade de Mistra, a Esparta da Idade Média. As ruínas de Lacedemónia cobrem um vasto planalto ladeado pelo Eurota. Perto dessas ruínas está a cidade nova que em 1864 estava mais traçada do que construída. Para chegar lá faltava-nos atravessar uma floresta de oliveiras e uma gigantesca ponte turca.

Recebemos amável hospitalidade em casa de um antigo magistrado, o sr. Fangoras. Segundo o costume, ele ofereceu-nos um copo de água, o glyko e o café, e pôs à nossa disposição os seus melhores quartos.

---

<sup>29</sup> O plano é bem desenhado na viagem do oriente, caderno IV, p.38 (Arch.D., B.13/2) e está reproduzido na p.201.

<sup>30</sup> NT Cavea é a parte da assistência, cavada genialmente na encosta duma colina já apta para isso. Em frente da assistência erguia-se o palco e as cenas. Naturalmente os degraus cavados na rocha resistiram mais que as construções

A cidade antiga era separada / (32) do Eurota pelo Platanistás, lugar arborizado ainda hoje, onde as laranjeiras e amoreiras descem até aos loureiros cor-de-rosa que bordam a ribeira. É um lugar absolutamente poético e que favorece a meditação.

No planalto achava-se a acrópole, a Ágora, os templos; na encosta da colina estavam a cávea do teatro, o circo ou «Dromos». Do lado do Taigeto encontrava-se o Baratro, espécie de gemónias onde se lançavam as crianças votadas à morte pelas suas deformidades ou pela sua má constituição.

Dá-se o nome de sepulcro de Leónidas a uns montículos de pedras! As ruínas duma igreja são dadas como indicando o lugar do templo de Menelau e de Helena.

Durante a noite sonhámos com o caldo aguado de Licurgo e com as façanhas de Leónidas. Singular cidade, que detestava os valores do espírito tão procurados por Atenas sua rival, e que nos seus / (33) filhos cultivava só a força física e a coragem militar. Estranha constituição política também, que conseguiu durar séculos com duas dinastias simultâneas, dois reis que governavam juntos, como os cônsules de Roma.

O bom magistrado Fangoras quis escoltar-nos até Mistra e ainda mais além. Achava que nós éramos muito corajosos por passar o Taigeto pelo meio de populações de ladrões.

Mistra era a cidade-mestra dos Francos. Ficarà sem dúvida abandonada, pouco a pouco, em favor da nova Esparta. Tem ainda o seu castelo dos Villhardouin e várias igrejas de estilo bizantino. A sua catedral é uma cópia reduzida de S. Marcos de Veneza; tem oito cúpulas e uma vasta galeria superior no seu interior.

Passámos a noite em Trypi, aldeia da serra, com habitantes curiosos e ferozes. Esta boa gente estava armada até aos dentes. O sr. Fangoras não nos abandonou; passou mesmo a noite no nosso quarto. / (34) À noite fez uma longa oração que consistia em duzentos ou trezentos sinais da cruz, alternados com profundas inclinações. Estava escandalizado ao ver que nós nos contentávamos com dois ou três sinais da cruz com a récita das nossas orações. Esta gente tem uma fé profunda mas pouco esclarecida.

Uma pronunciada e grandiosa garganta conduziu-nos à outra vertente de Taigeto; descemos até Kalamata. Este pequeno porto tem um vice-cônsul da França que nos deu hospitalidade. Fizemo-lo conversar sobre a Grécia. Gabava-se dos progressos materiais

do jovem reino e da prosperidade crescente, mas a sua opinião era que os costumes baixavam em vez de melhorarem, e que os Gregos não valiam mais que os Turcos.

Esperamos que a fé católica venha restituir a verdadeira civilização a estas nacionalidades que renascem no Oriente.

#### A MESSÉNIA

A planície da Messénia é fértil, bem regada e toda plantada de oliveiras e / (35) de figueiras. No caminho para Messénia visitámos o convento de Vurkano. A sua porta ogival é da época dos Francos. A sua vasta igreja com cúpula está pintada com frescos, mas muito enegrecida pelo fumo. Os monges parecem ociosos e sem regras. São sujos. O convento é como um mercado onde circulam homens e mulheres, tudo com ar de desordem.

Messénia teve o seu período de poder e de glória. Suportou uma luta heróica contra Esparta. Estendia-se aos pés do monte Itome. Restam vastas ruínas: uma cerca meio pelásgica e meio helénica, fragmentos de colunas e de templos, a cávea dum teatro, um estádio rodeado de uma colunata, e os belos fontanários de Clepsidra e de Arsinoé.

À noite alojávamos ao pé das ruínas do seu castelo franco.

#### NAVARINO

29 de Outubro. Atravessamos a antiga floresta de Kubés para chegar a Navarino Este nome faz bater os corações. / (36) Foi aí que em três horas de combate as frotas cristãs afundaram a armada turca em 1827.

Navarino estendia-se sobre uma península. Restam só uns extensos muros e as ruínas duma mesquita. Uma cidade nova está a ser construída numa dobra de terreno. O porto era duma tristeza aflitiva; só lá estavam dois barcos de pesca. Disseram-nos que com o mar calmo se viam no fundo do mar algumas quilhas de navios turcos. Quisemos

percorrer o porto de barco para ir visitar ao norte as ruínas de Pilos, onde Telémaco<sup>31</sup> enganou a prudência de Nestor.

À noite, descansámos em Filiatra, aldeia de 4000 habitantes, enriquecida pela cultura das oliveiras. No dia seguinte, fizemos uma longa estrada, atravessando primeiro os olivais da Arcádia, (a antiga Kyparíssia), trepando depois algumas colinas abruptas, para descer para o vale alpino da Neda até à aldeia de Parlitz, no lugar da antiga Figália. / (37)

#### FIGÁLIA - BASSAE

Passávamos noites horríveis nessa pobre Grécia, onde a sujidade deixa campo livre a todos os insectos.

Figália, como tantas outras cidades antigas da Grécia, conservou a sua cerca e as suas torres, construídas em blocos pelásgicos e helénicos. - Bassae, situada num desfiladeiro entre duas montanhas, conservou em parte o seu belo templo dórico, cujo friso ornamenta o “*British Museum*” de Londres. Alojámos à noite em Andritsaena. O filho do médico veio visitar-nos, para nos oferecer flores e fruta, e para ensaiar algumas palavras de francês.

#### O ALFÉU - OLÍMPIA

O vale do Alféu tem todos os encantos da natureza meridional. As vinhas e as lianas, as iliáceas e os lentiscos crescem vigorosamente nas margens das águas rápidas. Nas encostas, os pinheiros misturam-se com os carvalhos, e estes sustentam o visco

---

<sup>31</sup> N. T.-Telémaco, filho de Ulisses e de Penélope, era criança quando o pai partiu para a guerra de Tróia. Como o pai nunca voltava, Telémaco foi à procura dele, pois entretanto tinha ele crescido: a guerra de Tróia durou 10 anos; por mais 10 andou Ulisses errando por mares e terras (Odisséia.)! Como não o encontrou, voltou para Ítaca, onde Ulisses já finalmente chegara!

Telémaco não fez nenhuma façanha especial; é mais famoso pelo livro de Fenélon, “*Telemaque*”, em que se narram as suas aventuras, com intentos morais e pedagógicos..., e com bastante prolixidade!

O engano de que se fala aqui foi a artimanha que Telémaco usou para escapar à vigilância do tutor que não queria deixá-lo partir.

sagrado, que em França se tornou tão raro. Os afluentes do Alféu, o Ladon e o Erimanto<sup>32</sup> / (38) regam também frescos vales.

Olímpia era uma das principais cidades santas da Grécia. As suas ruínas cobrem várias colinas, a Áltis, a Krónion, o Kládeus<sup>33</sup>. O templo de Júpiter está meio em pé. A “cella” e o Prónao estão conservados; a maior parte das colunas jaz no chão. Entre as colinas estendem-se o estádio e hipódromo. Aí se celebravam os jogos, cujo regresso periódico servia para contar os anos e os séculos antes de Jesus Cristo. Quando faremos nós para o nosso Deus Criador e Salvador, tanto quanto fazia este povo para os seus deuses imaginários?!

#### MEGASPILÉON

Indo de Olímpia para o golfo de Lépanto, visitámos dois conventos gregos, o de Hágia-Lavra e o de Megaspiléon. O primeiro está pitorescamente encostado aos rochedos. Foi aí que o bispo Germanos levantou o estandarte da revolta contra os turcos, em 1821.

Megaspiléon tem ainda / (39) mais estilo. A sua situação tem muita analogia com a do mosteiro do Sacro Speco de Subiaco<sup>34</sup>.

É realmente um encaixe sobre o rochedo. Os andares superiores são em madeira. Ainda há uma porta ogival da Idade Média. É o principal mosteiro da Grécia; rivaliza com os do monte Athos. Uma Nossa Senhora em relevo sobre cera, atribuída a S. Lucas, fez a celebridade do mosteiro. Os monges são numerosos, mas como no resto da Grécia, são sujos e ociosos. Trazem cabelos compridos, têm os pés nus dentro dos seus calçados. Umhas crianças não menos sujas e também com longas cabeleiras estão ao seu serviço. É sem dúvida um seminário. A capela penetra pela gruta dentro, como em Subiaco. Tem bonitas portas em cobre rebatido, que representam a árvore de Jessé. Os monges

---

<sup>32</sup> - *N. T.*- Erimanto é famoso por um dos doze trabalhos de Hércules. O leão sagrado do Erimanto aterrorizava a todos; as flechas batiam nele e caíam no chão, inertes. Hércules esperou que saísse da cova, caiu-lhe em cima das costas, e estrangulou-o!!!

<sup>33</sup> - O Kládeos é um afluente do Alféu, não é uma colina.

<sup>34</sup> - *N. T.* -Subiaco, a uns 60 Km. a NE de Roma foi o berço da Ordem de S. Bento, que aí viveu muitos anos numa gruta, hoje transformada em santuário. Sacro Speco, ou Spelunca significa espelunca, gruta.

mostraram-nos com orgulho as suas caves onde tonéis imensos guardam o vinho do mosteiro. / (40)

A principal atracção desse mosteiro é a vista que se desfruta dos seus terraços. Faz lembrar o panorama de Subiaco. As gargantas profundas e as torrentes rápidas fazem deste lugar uma paisagem muito pitoresca.

Na garganta que se atravessa para ir a Aegion encontra-se uma vista ainda mais bonita sobre as ondas calmas e azuladas do golfo e sobre as montanhas variadas da Fócida e da Eólida.

Aegion tem jardins esplêndidos e terraços com laranjeiras e cidreiras. O seu portinho moderno é bastante frequentado.

#### PATRASSO

Fiquei muito comovido com as recordações de St<sup>o</sup>. André, em Patrasso. Gostei sempre muito deste grande santo, o amigo da cruz do Salvador.

Os Gregos reclamam possuir os corpos de St<sup>o</sup>. André, de S. Lucas e S. Timóteo, na igreja de St<sup>o</sup>. André, em Patrasso. Esses corpos aí repousaram; alguma relíquia sem dúvida restará ainda.

Do alto da cidade goza-se / (41) um esplêndido panorama. Lá longe, a Oeste, está Ítaca e a sua orla de rochedos. À volta da cidade há ricas planícies semeadas de “*villas*” numerosas, e plantadas de vinhas e olivais. Para lá das belas águas do golfo, estão o Parnasso e o Elícona.

Era a festa de S. Demétrio, um dos padroeiros da Grécia, com S. Jorge; toda a população foi à igreja. Encontrámos também um enterro. Era uma rapariga que levavam ao cemitério. O corpo, vestido com os seus hábitos festivos e rodeado de flores, era levado aos ombros num caixão aberto. Devia ser assim o filho da viúva de Naim, quando Nosso Senhor o encontrou. Quatro padres seguiam uma bandeira branca; um menino levava um prato de rebuçados; seria ainda um uso pagão?

Na noite que passámos em Patrasso, um terramoto sacudiu o chão e a casa. O nosso terror foi grande, mas os nossos hóspedes vieram acalmar-nos: “*Durmam em paz, disseram-nos eles, isto em Patrasso acontece de tempos a tempos; não há nada a temer;*

*as nossas casas estão construídas, já contando com isso.*” De facto, todas as casas têm só rés-do-chão, e os muros têm uma grossura de cerca de 80 cm.

O castelo de Moreia e o de Rumelia olham-se um ao outro e fecham o golfo. São umas cercas ameaçadas de muros venezianos, com algumas casernas. Dormimos numa pobre casa, perto do castelo de Rumelia. Os nossos cavalos só poderiam passar de barco no dia seguinte.

## LÉPANTO

8 de Novembro. A cidade de Lépanto está dispersa sobre um contraforte de montanhas. Um castelo veneziano serve-lhe de acrópole; os seus muros descem em leque para o golfo. Oh! Que bela vitória, a de D. João de Áustria, em Lépanto! Era o dia 7 de Outubro de 1571. D. João / (43) comandava as forças reunidas de Veneza, da Áustria e do Papa. A Igreja inteira rezava o terço pelos seus soldados. Os turcos perderam 200 galés e 30.000 homens. Foi o ponto final do seu poder.

Os Etólios têm um aspecto muito particular: um rosto pequeno, atarracado, estreito na parte inferior.

Depois de Lépanto, tivemos dois dias e duas noites de chuva, tempestade e vento. As veredas já não eram transitáveis. As torrentes tinham engrossado e estavam cheias de lama. Subimos bem para cima para encontrar um vau. Que jornada! As malas flutuavam nas águas, os cavalos recusavam-se a avançar e ameaçavam deixar-nos lá. Finalmente, chegámos a Galaxidi, pequeno porto comercial, que dizem tem 600 navios no mar; mas os habitantes são muito selvagens e inospitais. Os magistrados tiveram de nos proteger contra as suas más maneiras. Embarcámos para Scala / (44) de Salona.

## DELLOS

Chegámos a Delfos, a cidade santa, a cidade de Apolo. Delfos estava no alto, pela serra dentro e fora de vista. A cidade dividia-se em duas partes inclinadas para o leito duma torrente, numa profunda brecha, aos pés das altas paredes rochosas das Faidríadas, a primeira base do Parnaso. A fonte de Castália brota da fenda dos rochedos. A água era levada por um canal até uma piscina para dentro da qual se descia por

escadas. No alto da cidade, um muro de mármore, carregado de inscrições votivas segurava a área do templo, do qual só restam algumas colunas estriadas. Na cidade, encontram-se as ruínas do estádio e os terraços das habitações. Mais abaixo, um largo, rodeado de muros ciclópicos, servia de lugar de reunião das Anficionias. Por baixo da cidade, um mosteiro esconde-se no verde das oliveiras.

Como o diabo sabe imitar / (45) as coisas de Deus! Este templo, estes ex-votos, esta nascente, tudo isso faz lembrar o templo de Jerusalém e os mais célebres santuários de hoje.

Mas o verdadeiro Apolo, o Deus da luz, das artes e das letras, o Filho de Deus Supremo é o Nosso Jesus. A verdadeira Minerva, a sede da sabedoria, é Maria nossa rainha.

## O PARNASO

Foi preciso costear e rodear toda a cordilheira do Parnaso para ir de Delfos às Termópilas. As veredas nos flancos das montanhas na Grécia são verdadeiros quebra-costas.

Uma vez, o meu cavalo resvalou por uma ravina abaixo; só tive o tempo de saltar para a orla da vereda. Muitas vezes, nesta viagem, escapei a perigos graves por uma protecção providencial.

O Parnaso é bastante arborizado. Os seus flancos têm pinheiros e abetos; as gargantas e os vales estão cheios de plátanos. Os carvalhos abundam nas margens do Cefiso.

Enquanto seguíamos pelo vale, / (46) ouvíamos fuzilaria na montanha. Os Kleptes<sup>35</sup> ou bandidos lutavam contra a polícia.

## AS TERMÓPILAS

Ultrapassámos o Calídromo. Do alto da garganta, a vista estende-se sobre todo o golfo da Lâmia e a cordilheira de Otris. Os aluviões de Sperkeios alargaram a passagem das Termópilas. Mesmo assim ainda há somente uns metros entre o rochedo a pique e os

pântanos. As nascentes minerais, quentes e frias, abundam. Há nascentes sulfurosas, ferruginosas e calcárias.

O patriotismo é uma coisa santa. Estremecemos ao contemplar esta estreita pradaria, onde tão corajosamente lutou e morreu Leónidas<sup>36</sup>.

Gosto mais porém da morte dos mártires, porque a sua causa era ainda mais nobre, era a causa de Deus.

Regressámos pelo vale de Broágrio. A torrente ressoa sobre os rochedos, como no tempo de Homero. É um dos vales mais bonitos da Grécia; nele os plátanos crescem vigorosamente. / (47)

#### GUERONÉIA - ORCOMENE - LIVADIO

15 de Novembro. Subimos o Broágrio até à sua nascente; contornamos o Parnasso através de bosquezinhos de terebintos. Nenhuma recordação histórica nos escapa pelo caminho. Reconhecemos o lugar e algumas ruínas de Elateia e de Daúlis. Chegamos à nascente e ao vale do Cefiso. Gueroneia<sup>37</sup>, sita num contraforte do Parnasso, tem ainda a sua cerca, de muros pelásgicos e helénicos flanqueados por torres quadradas. Estão aí os restos dum leão colossal, recordação da vitória de Filipe. Foi este símbolo que foi copiado nos nossos tempos em Waterloo, em Lucerna e em Belfort. É a pátria de Plutarco. Uma igreja de aldeia em Gefiri possui um relevo antigo dum grande fineza, representando um pastor.

---

<sup>35</sup> N T - Κλεπτο = Roubar; Kléptes = Ladrão.

<sup>36</sup> - N. T - A batalha das Termópilas é o símbolo do valor, do heroísmo, do amor pátrio, talvez único na história da Humanidade. Os Persas, inumeráveis e invencíveis, invadiam a Grécia. Leónidas com 300 espartanos e 1000 aliados esperou-os na passagem das Termópilas (=portas quentes, devido às nascentes de água quente, que aí existem). O rei dos Persas mandou arautos ordenarem aos espartanos que “entregassem as armas”. Leónidas respondeu: venham buscá-las”. Grita-lhe o arauto dos persas: “Lançaremos sobre vós tantas flechas que obscureceremos o Sol”. Respondeu-lhe Leónidas: “Ainda melhor, combateremos à sombra”. Leónidas deu liberdade a quem quisesse voltar para a sua cidade. Os que ficaram resistiram até à morte; isso deu tempo para Atenas preparar a armada, guiada por Temistócles, com a qual em Salamina, destruíram a força dos Persas.

<sup>37</sup> - N. T. - Queroneia é um nome triste da história grega, porque foi o fim das liberdades gregas. Nessa batalha, Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre Magno, destruiu o desorganizado exército, constituído por milícias de todas as cidades gregas, mas mal comandado porque nenhuma aceitava um comandante supremo que fosse de outra cidade! A liberdade grega nunca mais renasceu; do domínio da Macedónia, a Grécia passou para o domínio de Roma, que formou com ela a província da Acaia.

Orcomene tinha o templo das graças. Agora só tem restos da sua cidadela. De lá, a vista estende-se sobre o lago Copais, todo coberto de juncos e pantanoso, / (48) que agora se quer aproveitar para a agricultura.

A grande planície de Livadio vai até ao Helícona. É mesmo num contraforte desta cadeia que se erguem a cidadela e o castelo franco de Livadio. Há lá, como em Delfos, traços dum santuário misterioso que era meta duma verdadeira peregrinação. Nos lados de uma garganta na qual murmura uma nascente, abrem-se grutas que guardaram sinais de pinturas e de ex-votos; era aí que Trofónio dava os seus oráculos.

#### TÉSPI - LEUCTRA - PLATEIA

Em Téspi, umas humildes capelas meio arruinadas sucederam aos ricos templos das Musas. Que pena que este povo tenha tido uma mitologia tão ridícula, ele que era tão religioso, tão inteligente, tão artista. E nesta mesma mitologia, havia como que uma incerteza, que se tornou, ai de mim!, uma paródia do nosso céu cristão com seus santos e anjos./ (49)

Leuctra e Plateia, mais dois nomes históricos. Plateia<sup>38</sup>, as suas planícies, as suas ribeiras, a sua acrópole foram descritas exactamente por Heródoto, mas este escritor, muitas vezes fantasioso, deve ter exagerado, quando colocou 300.000 homens do exército persa a lutar contra Pausânia. A colina sobre a qual acampou Mardónio e o seu exército não podia levar mais de 30.000 homens.

#### TEBAS - CÁLCIS

Tebas teve o seu período de hegemonia na Grécia. Erguia-se sobre três colinas, no centro da planície da Beócia. Epaminondas e Píndaro tornaram-na gloriosa. O poeta

---

<sup>38</sup> - N. T. - Plateia - Vencida a resistência das Termópilas, o imenso exército persa espalhou-se pela Ática. Destruiu Atenas, cujos habitantes tinham fugido, refugiando-se nos navios. A armada persa foi destruída em Salamina. O exército de terra (300.000 homens!...) foi destruído no ano seguinte em Plateia pelos Espartanos guiados por Pausânia; mas o verdadeiro estratega foi Aristides, chefe dos atenienses, com a tática dos “ataques sucessivos”, que consistiam nisto: Aristides, com os atenienses formados em linha muito larga, atacou primeiro, mas de modo a pôr em agitação todo o exército persa, que começou a avançar, enquanto os Atenienses se retiravam lentamente, sem nunca desmanchar as fileiras e quase sem perder nenhum homem. Na hora devida, os Tebanos e os Plateenses atacaram, de repente os persas no flanco esquerdo e foi um ataque furioso de tropas frescas contra soldados já cansados e atrapalhados por não saberem de que lado estava o inimigo. Por último atacaram os espartanos do lado direito. Os pobres persas ficaram destruídos, incluindo o chefe Mardónio.

tinha a sua casa nas margens da graciosa fonte de Dirceu. Ele cantou Apolo, o Deus protector da sua pátria.

A caminho de Cálcis encontrámos uma bela estrada em construção. A estrada vai de colina a colina. Daí gozam-se belas vistas sobre o canal e a ilha Eubéia. Pudemos constatar o curioso fenómeno do Euripe, a corrente alternada das vagas no canal. / (50)

A ilha está ligada à terra firme por uma ponte giratória. Cálcis ainda tem a sua cerca de muros ameados. Tem uma antiga igreja franca com abóbada de aresta, e uma mesquita transformada em caserna.

### ÁULIDE - MARATONA

No regresso passámos pela pedregosa Áulide. A sua baía podia bem conter toda a frota grega do tempo de Homero.

De Áulide a Vrana estende-se a planície de Maratona<sup>39</sup>. Encontram-se aí algumas ruínas dos templos de Rhamnus, e a base dum monumento quadrado chamado o sepulcro de Milcíade, com os túmulos dos Gregos. Reconhece-se o pântano para onde foram empurrados os persas.

Em Vrana, os insectos deram-nos tanta guerra que batemos em retirada às quatro da manhã para fazer a subida do Pentélico. Os nossos vestidos tinham reunido tantos insectos nas casas sujas dos gregos que, para nos libertar deles, foi preciso deitar tudo ao fogo ao chegarmos a Atenas, e renovar o nosso vestuário. / (51)

---

<sup>39</sup> - N. T.- Maratona é uma batalha famosa, 10 anos antes das Termópilas (490 a. C.). Milcíades convenceu os Atenienses a atacar os persas desembarcados na planície de Maratona. O ataque foi cedo, e tão repentino, tão furioso, tão unido, que as tendas persas estavam já todas em chamas, quando ainda os persas não tinham acordado. Os que não caíram refugiaram-se à pressa para os navios. Aos muitos milhares de mortos persas corresponderam 192 mortos gregos. Feliz pela vitória que tivera, Milcíades mandou um certo Filípedes, para levar a notícia a Atenas: já não havia persas em terra grega, mas os navios deles iam atacar por mar; que se preparassem! Filípedes fez os 42 Km. Em tempo mínimo, chegou à praça de Atenas, deu o recado aos muitos acorridos, e caiu morto ao chão por lhe ter rebentado o coração pelo esforço. A corrida das olimpíadas, que ainda agora se chama Maratona é exactamente de 42 Km. E quer repetir este facto glorioso. A vitória de Maratona é glória unicamente Ateniense, porque os Espartanos não mandaram soldados com a desculpa de que “a Lua não lhes era favorável!” Sempre a triste e cega inveja e divisão dos Gregos.

## O PENTÉLICO

O panorama do Pentélico é dos mais belos que encontramos. Tínhamos aos nossos pés todos os pormenores da planície ática e das suas colinas. Ao sul, Eleusis e Mégara. A oeste, o Parnasso, branco de neve (20 Nov.); ao norte, o Olimpo, e até o Pélon e o Ossa por cima da crista da Eubéia. Ao longe, o monte Ida, de Creta, e mesmo as costas da Ásia Menor.

A planície entre o Himeto e Licabeto viu nascer Péricles, Sócrates e Aristides.

Regressados a Atenas, ainda fizemos a excursão de Egina. O templo de Egina parece-se ao Parténon. É peristilo<sup>40</sup>. Tem ainda os seus altares no Prónao e no pórtico. Estes altares permitem-nos imaginar as cerimónias dos sacrifícios, entre os pagãos, e mesmo no templo de Jerusalém.

O mau tempo reteve-nos em Sira cinco dias. Pudemos assim pôr em dia a nossa correspondência e as nossas notas de viagem. / (52)

## DA GRÉCIA AO EGÍPTO, POR ESMIRNA

A nossa viagem pela Grécia acabara. Eu tinha visto com prazer, com curiosidade e interesse tudo o que se refere à arte e à história profanas, mas tinha ficado intimamente comovido especialmente quando encontrava alguma grande recordação cristã, como as de S. Dionísio em Atenas, de S. Paulo no areópago e em Corinto, de St<sup>o</sup>. André em Patrasso.

Seria a mesma coisa durante toda a viagem; Nosso Senhor dava-me essa graça.

Passámos a noite junto de Quio. Lobrigámos a ilha e a sua capital, espriada pela costa.

---

<sup>40</sup> - *N. T.* - Um monumento peristilo é aquele que tem colunas a toda a volta, tal como o Parténon.

O pronao é a parte anterior dum templo, geralmente, um alpendre com colunata.

O postico é a parte oposta ao pronao, atrás do templo, geralmente era a “cella” ou o santuário do deus; no templo de Jerusalém seria o “Santo dos Santos”.

Desta palavra deriva a palavra portuguesa “postigo”, que é uma pequena porta, uma abertura estreita, pela qual os fiéis da parte de fora tentavam olhar para o interior do santuário, no qual só entrava o sacerdote.

## ESMIRNA

O golfo de Esmirna oferece um imenso abrigo aos navios. Passámos em frente ao cabo Clazómenes e a uma fortaleza turca arruinada. Esmirna deve ser vista do mar. A cidade tem um aspecto pitoresco. Estendendo-se aos pés do Pagus, montanha verdejante que tem no alto uma vasta cidadela genovesa. / (53)

O vale do Menes desce selvagem pelo Pagus abaixo. Os cemitérios muçulmanos formam lindos conjuntos de ciprestes. Esmirna é formada por três cidades distintas: a cidade franca e a cidade grega no vale, a cidade turca na encosta do Pagus. Os católicos têm bonitas igrejas, nomeadamente a dos Franciscanos em que tivemos a felicidade de assistir à Missa. Estas igrejas são modernas e de gosto italiano. Subimos ao Pagus. Tem nas suas encostas as ruínas do estádio e do teatro. Foi nesse estádio que teve lugar o martírio de S. Policarpo. Reli a sua descrição com profunda emoção.

Esmirna está rodeada por belos jardins de laranjeiras. Mais longe, pelo vale adentro, há imensas plantações de oliveiras e de figueiras. Vi lá, pela primeira vez, na ponte das caravanas, um grupo de camelos. Esses animais enormes, de pescoço comprido e patas largas, / (54) caminhando sem ruído e olhando para os que passam, têm um ar todo embaraçado por se verem guiados por um garotito na garupa de um burro.

Voltaríamos a ver Esmirna ao regresso da Síria.

## PATMOS

Em Esmirna, tomámos outro navio do Lloyd para Alexandria. Passámos em frente da montanhosa Samo. Caminhámos ao longo da bonita costa da Ásia Menor onde montanhas arborizadas formam um fundo fresco e gracioso. Contornámos Patmos. Ela é formada por duas ilhas ligadas por um istmo. Foi no portinho de Fora que S. João, Apóstolo desembarcou. O convento do Apocalipse parece uma branca fortaleza, rodeada por uma cidade. Sempre amei com ternura a S. João. As suas recordações na Ásia Menor emocionaram-me profundamente. Tenho inveja da sua intimidade com Jesus.

Passámos também ao pé de Cós; podíamos ver por detrás dessa ilha as colinas de Alicarnasso. / (55)

## NO MAR

A bordo do navio tínhamos ocasião de nos familiarizar com o Oriente, com as suas raças e costumes. Tínhamos connosco Turcos, Árabes, Arménios, Gregos, Judeus e em especial o paxá do Lémen com o seu séquito de 60 pessoas: mulheres, escravas, picadores, falcoeiros etc... O filho desse venerável paxá falava francês. Deu-nos muitas informações interessantes. Eles iam para Lémen. Indicou-nos um escravo circassiano comprado por 500 francos, um pequeno escravo negro comprado a um castrador (“fazedor de eunucos”). Dizia-nos ele, que as vítimas desses industriais morrem na proporção de 4 sobre 5 durante a mutilação a que são submetidos. O paxá tinha também os seus galgos e os seus falcoeiros com a ave no punho. É a Idade Média em acção. Um escravo negro apresentava-lhe o relógio e acendia-lhe o “chibuk”<sup>41</sup>.

Todos os muçulmanos a bordo / (56) prostravam-se voltados para Meca às horas marcadas. Essas pessoas não sabem o que é o respeito humano. Patrões e servos, sentados no mesmo tapete, tomam a mesma refeição na mesma tigela de lata: fatias de boi seco com alho, azeitonas em salmoura, melancias, queijo, laranjas. - Os gregos só comiam peixe; era Advento. - Uma anciã, quase cega, atraía a atenção de todos com os seus cantos melancólicos; reencontrámo-la no Santo Sepulcro.

Uns Russos, de boné forrado, ficavam indiferentes e imóveis debaixo dos pés dos marinheiros que se punham em cima deles para a manobra.

Um grupo de Circassianas de linhas regulares e sem expressão, de unhas pintadas de vermelho, eram levadas para o Egipto para lá serem vendidas.

Todo este conjunto é mesmo o Oriente, com as suas raças diferentes, os seus vestuários, os seus costumes invariáveis. / (57) Que pobre civilização têm estes povos! Olhar para eles, é a mais impressionante das pregações. Mal se sai dos países católicos, encontra-se o escravo, o eunuco, o harém, a preguiça, a sujidade, a ignorância, a grosseria. Há todavia qualquer coisa que nos deve humilhar, e é que toda esta gente reza. Diz o engenheiro Ernest Michel: “Visitei quase todos os povos, e não vi nenhum sem religião”. Ai de mim! Os orientais chamam a França: “O povo sem religião”.

---

<sup>41</sup> Chibuk = cachimbo de comprido canudo

## Egipto

### ALEXANDRIA

De 8 a 31 de Dezembro.

Emocionados, tocávamos a 8 de Dezembro esta terra do Egipto, para a qual nos atraíam tantas recordações sagradas e profanas, tantos monumentos, e uma natureza tropical e totalmente nova para nós. Alexandria está situada numa língua da terra entre o Mediterrâneo e o lago Marcotis. Os seus dois portos são abrigados pela ilha de Faro, que está ligada à costa por um dique, obra dos Ptolomeus. Só o porto ocidental está em funcionamento. Está cheio de vida e de navios. A passagem que leva a ele é cortada por recifes. É preciso um piloto do porto para entrar. Os pobres fellahs atiram-se às malas dos passageiros. Os ingleses chicoteiam-nos arrogantemente. Isto já se sabe, e os pobres diabos contam com isso!

Iríamos ficar muito tempo em Alexandria por causa de incidentes desagradáveis. / (59) Esperávamos uma letra de câmbio. Íamos procurá-la todos os dias ao correio francês e ela tinha chegado ao correio austríaco, sem que o soubéssemos. Foi um exercício de paciência<sup>42</sup>.

Para ver o conjunto da cidade deve-se subir às fortificações que se erguem atrás de Alexandria. Um dia fomos ao forte Napoleão, outro dia ao forte Caffarelli. A vista da cidade é magnífica. O mediterrâneo forma o fundo do quadro. Atrás dos fortes, está o lago Mareótis. A cidade tem duas partes, bem distintas: a velha cidade árabe, e a nova cidade franca. A primeira é marcada pelos seus minaretes, a segunda pelos seus campanários. Uma coroa de palmeiras rodeia a cidade. Na direcção do canal Mahmoudié a vegetação é esplêndida: as laranjeiras enchem os jardins, as tamargueiras e os sicómoros ladeiam as avenidas.

A leste um imenso campo de ruínas e de escombros indica o lugar da antiga cidade dos Ptolomeus, o “Bruchium” onde se ostentam tantas maravilhas: palácios,

---

<sup>42</sup> A carta de crédito estava extraviada. Os dois jovens turistas tiveram de telegrafar ao seu banqueiro de Paris (27 de Dezembro) (cf. Viagem do oriente, caderno V pp. 13). À tarde do dia 30 chegou o despacho do banqueiro para levantar o crédito (Viagem ao oriente, caderno V pp. 15). Após 22 dias, apesar das suas belezas, Alexandria só os maçava! No dia 39 partiram para o Cairo.

templos, estabelecimentos científicos. Fica de pé apenas um obelisco chamado “agulha de Cleópatra” e a coluna dita de Pompeu. Um lazareto cobre o lugar do palácio dos Ptolomeus. Mais longe erguia-se a “villa” de Timonium onde Marco António veio esquecer os seus desastres depois da batalha de Áccio.

A oeste outras ruínas marcam o lugar da antiga metrópole. Algumas salas conservaram pinturas parecidas com as de Pompeia.

Alexandre Magno não está esquecido na cidade que ostenta o seu nome. O povo julga ver o seu sepulcro num simples sarcófago de pedra, no centro duma praça pública. Este sepulcro está sempre coberto de saquinhos, roupinhas, cabelos e outros objectos miúdos que mostram a superstição deste povo. Imagino que seja simplesmente o sepulcro de algum “marabut”<sup>43</sup> chamado Alexandre. / (61)

Os católicos têm várias igrejas. A dos Franciscanos é de gosto italiano; é grande e piedosa; é dedicada a S. Catarina. Fiz nela, com alegria, as devoções do natal. S. Catarina e S. Marcos são os dois nomes que mais podem comover um católico em Alexandria.

Alexandria é já o oriente, nos seus costumes e sobretudo na sua vegetação. Os egípcios usam um vestido branco ou azul; o vestido branco é mais distinto. O vestido fica entreaberto no peito e deixa ver um colete fechado; as pernas são nuas. As mulheres estão veladas, só os olhos ficam descobertos. As cristãs seguem o mesmo costume, até nas igrejas. As crianças andam quase nuas. As do povo têm frequentemente os olhos doentes, não se sabem defender do sol nem da poeira.

Uma especialidade do Egipto são os seus burrinhos, ágeis, graciosos, rápidos, que transportam todos aqueles que tenham qualquer volta a fazer. O burriqueiro que os segue e estimula é um serviçal / (62) utilíssimo. Os egípcios fazem a sesta ou o “Kief” do meio-dia às duas.

Das três às cinco os ociosos passeiam na praça dos Cônsules, pelo menos no Inverno; no Verão é certamente mais tarde. À noite usam-se lanternas venezianas. Os bazares, os okels ou armazéns, as casas árabes ornadas de “mucharabis” e de balcões, têm o carácter nacional, mas não podem rivalizar com os esplendores do Cairo.

Encontrámos um cortejo fúnebre. O corpo é carregado descoberto, seguido de choradores e de carpideiras; estas agitam-se, gritam, gesticulam, lamentam-se e sacodem um véu no ar. Há, com certeza, muitos séculos que isto se passa deste modo; o Oriente é o país da imobilidade.

O cônsul recebeu-nos gentilmente. Era o senhor Tastu, filho da senhora Tatsu, conhecido escritor.

Fizemos uma excursão a Ramleh. Fica para Leste, à entrada / (63) do deserto. O comboio leva-nos até lá. É um grupo de “villas” rodeadas de maravilhosos jardins. Vi lá alguns campos de algodão. No caminho está Nicópolis, antigo campo romano abandonado.

Alexandria é como um ponto de transição entre o ocidente e o oriente. O Cairo iria oferecer-me muito mais interesse, sob todos os pontos de vista.

## O DELTA

Fomos de Alexandria ao Cairo por caminho-de-ferro. O Delta é uma planície bem monótona. Está semeada de algodão; no entanto, ao aproximarmo-nos do Cairo vêem-se alguns campos de cereais. As aldeias são agrupamentos de casebres cúbicos, de tijolos crus e coberturas em terraço. Aqui e além, descobrem-se uns bosques de palmeiras. Caravanas de camelos circulam pelas estradas ou veredas. Os fellahs bombeiam a água por meio de máquinas, ou tiram-na por meio de um balde suspenso a uma vara que faz de alavanca. Estes poços agrícolas chamam-se *sakieh*. Numerosas aves / (64) de cores vivas e variadas alegam esta paisagem monótona. Belas íbis brancas cortam o ar rapidamente. Perto do Cairo, vêem-se olivais. Ao longe avistam-se as dunas do deserto, atrás das cúpulas da cidade.

## O CAIRO

Desembarcamos ao pé de Esbekieh. É a grande praça do bairro franco. As tabernas abundam. É menos bonita e menos rica que a praça dos Cônsules de

---

<sup>43</sup> Marabut é o monge-guerreiro, que vive num convento fortificado, para fazer a guerra santa. Por extensão é um piedoso eremita, santo do islão que se entrega à vida contemplativa para juntar-se a Allah na união extática. Na África do norte são muitas vezes chefes e fundadores de fraternidades religiosas consagradas à vida mística.

Alexandria. O Cairo, então, tem também o seu bairro europeu onde dominam a língua e os costumes de Itália. Quatro dias depois, toda a colônia devia encontrar-se nas corridas dos cavalos. Lá tudo se passou quase à europeia. Era à entrada do deserto, perto do palácio arruinado do Abbasiéh. Havia uma boa centena de carroças e quatro ou cinco mil pessoas. São os paxás e os empregados turcos que organizam as corridas. O vice-rei oferece um almoço de várias centenas de talheres aos que pagaram / (65) a entrada no recinto. É tudo muito primitivo e bem pouco distinto. Quando será que levaremos a estes povos sedentos de civilização cristã outras coisas que não sejam corridas, tabernas, circos, teatros, cafés dançantes e lojas maçónicas? Felizmente os nossos missionários compensam um pouco essas folias!

A cidade árabe tem grande categoria! O Cairo é a capital intelectual dos árabes. A arte árabe é harmoniosa, tem pormenores encantadores. Parece que foi bem ela a inspiradora da nossa arte gótica. A ogiva tem uma importância capital. Monumentos árabes atribuídos ao século X e XI apresentam as formas góticas dos séc. XIII e XIV no Ocidente. O Muski é a grande rua árabe, tortuosa, estreita, sombreada por esteiras. Mas que graciosas esculturas nas portas das casas, nos balcões, nos alpendres, nos mucharabis!

As ruas comerciais são fileiras de bazares onde os vendedores agachados ao pé / (66) de um balcão nas suas lojecas de 4 metros quadrados, fumam, bebem e rezam. A rua das essências é muito perfumada; a das fazendas de seda é reluzente; a dos vasos e utensílios de cobre cinzelado e rebatido tem o ar de uma sala de museu da idade média; a rua dos cambistas judeus faz pensar nos publicanos e banqueiros do Evangelho.

As escolas são originais. São fundações sagradas como as mesquitas, mestres e alunos estão sentados em esteiras, e lêem balançando-se. O Alcorão, só ele, constitui o assunto quase único do programa.

Os fontanários são também fundações públicas. Uns são edículas de mármore bem graciosas, no estilo usado na Turquia nos séculos XVII e XVIII. Os outros são simples tubos ou meias-esferas onde os passantes vão chupar a água para matar a sede.

Os burrinhos substituem as carroças nessas ruelas estreitas e cheias / (67) de gente. Estes animais são tão atentos, inteligentes e mesmo graciosos, quanto os seus irmãos do Ocidente são estúpidos, sujos e repugnantes! Correm, impelidos pelos seus

jovens burriqueiros. Levam rapidamente uma pessoa para qualquer lugar da cidade e não se fazem pagar muito. Já me explico melhor, depois desta viagem, as passagens do Evangelho em que vemos Nosso Senhor honrar o burro escolhendo-o para levar sua mãe ao Egito e para fazer a sua entrada em Jerusalém.

Os banhos do Oriente dão uma ideia bastante exacta dos banhos romanos. Encontram-se neles os tanques de natação, as salas mornas, os banhos de vapor. São todos requintes de uma civilização pagã.

Várias mesquitas têm os seus monges chamados Derviches. Os derviches-giratórios são uma curiosidade do Cairo. Apressámo-nos a ir vê-los e assistir à sua oração dum misticismo original. Eram em número de dezassete, vestidos com túnicas de cores / (68) diferentes e com altos bonés de feltro cinzento na cabeça. Reuniram-se numa grande sala rodeada por grades e tribunas onde o publico é admitido. Um leitor salmodiou lentamente algumas páginas, depois os nossos homens começaram, a girar lentamente sobre si mesmos ao som de três flautas fanhosas. Em breve os tamborins animaram o acompanhamento e a valsa sagrada animou-se. Esse homens esticavam os braços e rodavam até se atordoarem..., singular procedimento para abstraírem o seu espírito das coisas humanas e para se excitarem à meditação. O resultado poderá ser outra coisa que vertigens e alucinações? Esses valentes derviches recomeçam isso três vezes, antes de se concederem um descanso pelo qual deveriam ter começado.

Fizemos duas subidas para ter uma vista de conjunto. Subimos sucessivamente ao Mokatam e à cidadela. A vista é maravilhosa, de ruelas / (69) e de terraços. A Leste, está a cidade dos mortos, o imenso cemitério e as suas mesquitas; mais longe, há o deserto de Suez. Ao norte vêem-se os castelos de Abassich e de Chubrah, depois as culturas de Delta. A oeste, há a bela vegetação da serra líbica.

O Cairo é admiravelmente rico de belas mesquitas em estilo árabe. Esta lembrança renova em mim o horror da nossa famosa Revolução que estupidamente destruiu todas as nossas riquezas artísticas.

A mesquita de Hassan tem uma altura majestosa. Como as outras, tem um pórtico a céu aberto, uma floresta de colunas, um púlpito finamente esculpido com arabescos,

em madeira de sicómoro. Os muros estão cobertos com largas inscrições em caracteres cúbicos<sup>44</sup>. As portas do sepulcro do príncipe são incrustadas de ouro e prata.

A mesquita El-Moyed é notável pelos seus tectos a caixotões graciosamente pintados em azul e ouro e pelas suas portas / (70) ornadas de aplicações em cobre rebatido e cinzelado sobre painéis de sicómoro.

A mesquita de Nasser Mohamed faz lembrar a nossa arquitectura do séc. XIV. Tem o mais gracioso dos minaretes, todo enfeitado com arabescos cinzelados.

Foi preciso uma assinatura do paxá e a escolta dum janizaro para visitar a mesquita das flores (El-Azhar). É uma universidade. Dizem que se conta 32.000 estudantes. Aí se ensina todo o programa da ciência egípcia, desde a leitura até às matemáticas e ao direito. Homens e crianças, sentados sobre tapetes, Lêem o Alcorão, a gramática, a aritmética e as leis. É um imenso “hall” com uma floresta de colunas, treze fileiras por nove.

A mesquita El-Ghuri é lindíssima. Tem o chão de mosaicos como as basílicas romanas. As janelas são de vidros coloridos. Os tectos, a caixotões, são pintados em ouro velho. As molduras são trabalhadas como favos de mel. / (71) O “Member” (púlpito) é todo incrustado de marfim e de pequenos painéis esculpidos com graciosas figuras geométricas.

A cidadela do Cairo é uma vasta acrópole. Contém o palácio de Mehemet-Alí; a sua mesquita onde o alabastro é prodigamente utilizado em folheados ou mesmo em colunas monolíticas; a mesquita de Kalaun, com a sua floresta de colunas antigas de vários modelos; o poço de José no rochedo. A lembrança de José continuou viva no Egipto.

O cemitério é uma das grandes curiosidades do Cairo. A sua parte principal, ao Sudeste, enche todo um vale árido. Umas trinta mesquitas ou vastos monumentos dominam os modestos sepulcros do povo, que são simples montículos de pedra com duas chapas erguidas nas extremidades. Os principais monumentos são as mesquitas do sultão Barkuk e de Kait-Bey. Esta tem a sua cúpula ornada de cordões entrelaçados,

---

<sup>44</sup> A escrita “cubica” é aquela de que se serviam os árabes antes do quarto séc. da hégira. Ela é de caracter angular e rígido e usada para o Alcorão, depois para as inscrições nos monumentos e nas moedas.

finamente esculpidos. Tem um rico pavimento em / (72) mosaico, um púlpito elegante com embutidos. Mostra-se aí uns pretensos traços do pé de Maomé.

O Cairo tem muitas metas de excursões que se impõem: o velho Cairo ou Fostat, Heliópolis, a barragem do Nilo e a floresta petrificada.

O Velho Cairo fica a pouca distância, do outro lado de alguns campos de cana-de-açúcar. Está ligado ao Mokatom por um aqueduto ogival construído pelo Saladino. Compreende duas partes: Fostat e Babilónia. Fostat é a cidade de Amron o Conquistador<sup>45</sup>. O seu corpo aí repousa, na mesquita que ele mandou levantar com colunas antigas. Vê-se aí um poço maravilhoso e lendário. É uma pequena cidade copta. A sua igreja de S. Jorge tem um púlpito finamente esculpido com as figuras dos quatro Evangelistas. A antiga Babilónia do Egito conservou a sua cerca romana. A sua velha basílica é realmente venerável. A cripta passa por ter sido o lugar de descanso da Sagrada Família. Rezei aí com prazer. / (73)

O Cairo com este santuário e com as recordações de Heliópolis é realmente quase o vestíbulo da Terra Santa.

Fomos a Heliópolis com as graciosas cavalgaduras do Cairo, por uma bela avenida de sicómoros e de gomeiras. A árvore que se diz ter sido testemunha do descanso da Sagrada Família é um belo sicómoro de sete metros de circunferência, perto de uma modesta fonte. Estremecemos, nestes lugares testemunhas de tão grandes mistérios. Eu era menos arqueólogo do que o meu companheiro de estrada e fazia essa viagem com a preocupação da minha vocação que iria decidir-se; por isso, os lugares de peregrinação impressionavam-me vivamente.

Noutro dia, uma carruagem conduziu-nos à famosa barragem do Nilo. É um bom trabalho de engenharia. É uma imensa ponte de 70 arcos, muitos dos quais podem ser fechados com enormes comportas de ferro para reter o Nilo, favorecer a inundaçã / (74) e suprir as cheias das águas.

A “floresta petrificada” fica no deserto, a duas léguas a leste do Cairo. São os destroços de árvores de várias essências, pinheiros e palmeiras, sicómoros e árvores de goma, que estão reduzidos ao estado de petrificação. Nem um só tronco está de pé. São

---

<sup>45</sup> ‘Amr ibn al-Às, general árabe (+ 663), companheiro de Maomé e conquistador do Egito.

como montículos de cavacos de pedra. É realmente uma das curiosidades naturais mais espantosas do mundo.

Tínhamos visto o Cairo e os seus arredores. Fomos a Bulacq escolher um dahabich (pequeno barco à vela) para a viagem do Nilo e assinámos um contrato com dois drogmans Núbios<sup>46</sup>. Dois companheiros juntaram-se a nós, o filho de um banqueiro russo, educado em Utreque e o jovem barão de Maltzam de Mecklemburgo.

## O NILO

12 de Janeiro. Íamos passar dois meses no Nilo, no nosso barquito ou “cange”<sup>47</sup>, empurrados pelo vento ou puxados pelos nossos homens, parando muitas vezes para visitar os templos, os palácios e os sepulcros dos séculos antigos. / (75). Durante uns tempos íamos ser privados dos nossos recursos religiosos; nunca teríamos ao nosso alcance nem igrejas nem padres.

Éramos quatro. Os meus dois novos companheiros, o senhor Böhlingk e o senhor de Maltzam, eram protestantes. As nossas relações eram geralmente corteses. Falávamos de belas-artes, de literatura, de viagens. O senhor de Maltzam tinha uma alma delicada e nobre. Tinha recebido uma educação cuidada. Era um coleccionador. Juntou todas as espécies de conchas do Nilo. Pareceu-me que tivesse sérias dúvidas sobre o seu protestantismo. Falou-nos muitas vezes de religião. Interrogou-nos sobre todos os pontos que são objecto normal de controvérsia entre protestantes e católicos. Nós defendemos valentemente a nossa fé. Possamos nós ter preparado a sua conversão! Nunca mais ouvi falar dele. Havia um barão de Maltzam director das ambulâncias prussianas durante a guerra<sup>48</sup>; Seria o mesmo? / (76)

Os nossos dois intérpretes eram Núbios. Um era prático no ofício, tinha acumulado a sua pequena fortuna e fazia connosco a sua última viagem. Sabia pouco francês, falávamos com ele em inglês. O outro, Júnés, era novato. Parecia ingénuo. Deve ter-se deixado enganar muitas vezes. Tinha aprendido o francês ao serviço de um negociante de Alexandria com o qual fizera uma vez uma viagem a Paris. Além deles tínhamos seis remadores. Todo este pessoal era muçulmano. Todos rezavam fielmente várias vezes

---

<sup>46</sup> “drogman” (cf. Interprete) é o antigo nome dos intérpretes nos países dos Levantes

<sup>47</sup>NT Nome especial dado aos barcos estreitos e velozes que sulcam o Nilo

por dia; praticavam as suas abluções e observavam estritamente o jejum do Ramadão ou Quaresma dos muçulmanos. Durante 40 dias não comiam nem fumavam antes do pôr-do-sol. Isso é heróico para gente que trabalha. Porque é que esta pobre gente não irá para o céu? Eles estão de boa fé e parece que observam razoavelmente a lei natural. A poligamia no Egipto é só para os grandes. As pessoas do povo não a conhecem. / (77)

Quanto a nós, fazíamos as nossas breves devoções na nossa cabina. Durante os longos dias na ponte do batel pudemos ler várias obras históricas e arqueológicas sobre o Egipto.

Também passávamos longos momentos a contemplar estas paisagens onde tudo era novo para nós. Esse belo rio, tão largo e tão poderoso; esse vale tão rico e tão fecundo, tão cheio de recordações e semeado de monumentos; essas colinas paralelas que ladeiam o deserto; esses campos regados com tanta arte; essas culturas de algodão e de cana-de-açúcar; esses bosques de palmeiras à volta das aldeias pobremente construídas em tijolos crus e mesmo assim tão pitorescas, e depois de longe em longe, pirâmides, pilones, templos, ruínas de toda a espécie; tudo isso debaixo de um céu eternamente azul e maravilhosamente estrelado de noite, com uma atmosfera quente e perfumada; tal é o Egipto. Acrescentai a isto as suas grandes recordações históricas: / (78) a história de José filho de Jacob, Moisés, Sesóstris<sup>49</sup>, Alexandre, Cleópatra, Amoron, S. Luís<sup>50</sup>, Bonaparte, os santos, os doutores, os monges do deserto e para além de todos eles a Sagrada Família, que aí passou vários anos. Haverá algum país que ofereça mais interesse?

Estes dois meses encantaram-nos e depois das grandes emoções religiosas da peregrinação aos Lugares santos, foi o Egipto que nos deixou as melhores recordações desta viagem ao Oriente.

Subimos o Nilo sem fazer muitas paragens, para aproveitar o tempo favorável. Deixámos a nossa visita aos lugares mais interessantes para o regresso.

---

<sup>48</sup> NT É a guerra franco-prussiana de 1870, de que se falará nestas NHV, mais adiante.

<sup>49</sup> NT Há três pessoas desse nome: avô, neto e bisneto, todos conquistadores e construtores. O mais construtor foi o segundo (II) governou de 1907 a1887 a.C., com a sua famosa esposa Nefetíri)

<sup>50</sup> NT Luís IX, rei de França; participou na VII cruzada, desembarcou no Egipto, conquistou Damietta; mas, avançando sobre o Cairo foi tocado pelo inimigo e feito prisioneiro. Pagou um forte resgate e foi para a Terra Santa onde ficou dois anos, 1243-1245.

Tomávamos nota da temperatura três vezes por dia. Ela variou de 5 a 15° de manhã às 6 horas; de 20 a 30° ao meio-dia; de 15 a 25° às 6 h. da tarde.<sup>51</sup>

A bandeira francesa ondulava à ré do nosso “cange” e galhardetes de fantasia no alto dos mastros.

Ladeámos primeiro as ilhas de / (79) Bulacq e de Rudah. Esta é toda ornamentada de graciosas “villas” e de ricos jardins. O vasto palácio do vice-rei na margem de Bulacq tem três andares de pórticos bem desenhados. A oeste, uma floresta de palmeiras separa-nos das pirâmides de Gizè; mais longe há os grupos das pirâmides de Abukir, Sakkarah, Dahchur. A leste a cadeia arábica mais próxima do Nilo do que a cadeia líbica está toda perfurada por pedreiras.

Desde a tarde do primeiro dia aproximávamo-nos de Menfis, a cidade das grandes recordações, a sede de tantas dinastias! Foi para lá que foi levado Moisés em criança, lá ele realizou os seus prodígios.

No dia 13, calma total. O vento, quase todos os dias, só se levantava depois do meio-dia. De manhã os remadores puxavam lentamente o “cange”; nós caçávamos, na margem, para nos distrairmos e trazíamos para o barco alguns pássaros, poupas, cotovias e outros.

Todas as aldeias da margem / (80) se assemelham. São barracas de terra crua, de forma cúbica. Os terraços têm altos pombais e provisões de excrementos secos para o aquecimento. Os pombos são incontáveis no Egipto; com os pintos nascidos artificialmente, formam um dos principais componentes da alimentação.

No dia 14 fomos de Acfiels a Beni-Suef. Avistamos a oeste o rico vale de Fayum. A cadeia líbica abre-se para deixar lugar a um oásis. As mulheres vêm das aldeias ao Nilo buscar água em grandes recipientes que levam ao ombro. Todas elas trazem um vestido e um véu de algodão azul. Têm as pernas nuas e enfeitadas com anéis de ferro.

A 15 passámos diante de Beni-Suef, cidadezinha rodeada por um belo bosque de árvores-da-borracha.

A 16 parámos em Fechn aldeia pitoresca que enriquece com as indústrias dos oleiros. É sem dúvida desde os séculos mais remotos que aí se fabricam ânforas, urnas, /

---

<sup>51</sup> Na Viagem ao Oriente, caderno V, pp. 159v-160v encontra-se uma tabela de temperaturas do estado atmosférico

(81) taças que nunca variaram de forma. A nossa caça dá-nos lindos pássaros, entre outros um picanço verde e uma tarambola.

A 17 e 18 constatamos os progressos rápidos da lavoura máquinas a vapor para levantar a água substituem os “chaduf” e as “sakkieh”<sup>52</sup>. O vice-rei apropriou-se de vários domínios para explorar fábricas de açúcar. Ele instalou charruas e outros instrumentos a vapor. O soberano do Egipto tem o alto domínio sobre todo o seu território. As pessoas empregadas na agricultura são consideradas como seus locatários, e dizem que isto vem desde os tempos de José, que comprou todas as propriedades a favor do faraó dando em troca o trigo por ele armazenado nos tempos da abundância.

No dia 19 passamos diante de Djabal-el-Tair, a montanha da ave. Alguns casebres coroam os rochedos; aí vivem monges ou eremitas coptas. Estes valentes descem do rochedo por uma corda, nadam em nossa direcção, abordam / (82) o nosso barco, pedem emprestada uma capa, e pedem-nos uma esmola: bagchich, cristiani! Bagchich, cristiani! Usam longa barba e os braços tatuados com cruces azuis. Parecem bem rudes (incultos). Eles escandalizam os nossos árabes, com a sua vida ociosa; nós coramos por sermos seus correligionários (nt: os coptas são cristãos).

A 20, Minieh, cidade modernizada por algumas “villas” italianas, habitadas pelo governador e pelos empregados do estado. Na caça, matamos alguns gaios-azuis. Que clima encantador! O ar é perfumado! As florestas de palmeiras são tão majestosas! Há jogos de luz tão graciosos, quando o sol desce por trás desses altos caules em fileiras apertadas. Diante de tão linda sementeira de estrelas, prolonga-se com prazer a velada. Faz-nos bem meditar aí, sobre a grandeza e o poder de Deus.

Dia 21. De Beni Hassan a Tell-al-Amarna. A cadeia montanhosa toma um aspecto mais grandioso. Na margem ocidental avistam-se, através das palmeiras, as ruínas de Antinoc. / (83)

Dia 22 (Janeiro). Manfalut. O interesse que as margens oferecem aumenta cada dia. O sol, ao nascer, inflama as nuvens no Oriente. O vento levanta-se cedo e empurra-nos, vigorosamente, durante o dia. Alguns viajantes franceses sobre o vaporzinho do vice-rei saúdam-nos à passagem. Numa garganta da montanha, no meio de um pouco de

---

para todos os dias às seis da manhã, ao meio-dia e às seis da tarde.

<sup>52</sup> “Chaduf” aparelho a alavanca para tirar água dos poços, dos canais de rega ou do rio. “Sakieh” ou “sakkiech” nora egípcia, movida por bois que vão girando à volta.

verde, brilham as cruces brancas dum cemitério cristão; os coptas são numerosos nestas paragens.

À tarde, tocamos terra na margem esquerda, em Manfalut, onde os nossos homens fizeram algumas provisões. Manfalut passa por ser uma cidade; é uma aldeia grande, de aspecto pitoresco. Devido às inundações no Nilo, as suas casas meio tombadas sobre o rio, dão-lhe a aparência de uma cidade violentamente cortada em duas por algum cataclismo.

23 de Janeiro. Assiut. O vento continua e ser-nos favorável e o nosso “cange” corre sobre as águas do Nilo. Os arredores de Assiut são atraentes. As duas cordilheiras, arábica e líbica, são bastante / (84) próximas e fecham o estreito vale do Nilo. A cidade está na planura, um pouco afastada da margem. Os seus altos minaretes turcos e as suas cúpulas elevam-se entre manchas verdes. Toda esta parte do Egipto oferece uma magnífica vegetação. As palmeiras são numerosas e reunidas em florestas profundas. As árvores-da-borracha, os lódãos, as acácias formam sombras impenetráveis.

O rio corre com a majestade das suas águas profundas num leito de grande largura. As casas têm o aspecto que encontraremos nos desenhos dos túmulos e dos templos. Construídas com tijolos crus, são enfeitadas com desenhos geométricos feitos com cal e coroadas com pequenas torres que servem de pombais. Encontramos uma barca à vela quadrada como as dos antigos egípcios. Um barco de Núbios desce o Nilo carregado de muitas avestruzes e de um leopardo.

24 de Janeiro. De Aboutig a Guirguèh. De manhã atracámos / (85) junto a um fresco bosque de palmeiras, de árvores-da-borracha e de lotos. Ultrapassámos numerosas aldeolas. Por momentos a violência do vento nos aterroriza.

25 de Janeiro. De Guirgueh a Farchout. Passámos a noite ancorados no meio do Nilo. Guirguèh é minada pelas águas. Tem numerosos minaretes. As máquinas a vapor desapareceram; a água é elevada unicamente por chadouf. A civilização europeia tinha-nos perseguido até aqui. Homens nus de pele bronzeada, com uma tanga ou um tufo de folhas à volta dos rins, fazem andar as chafout<sup>53</sup>. A água sobe por degraus até uma planície elevada. Desde há vários dias as nuvens desapareceram e o céu está constantemente claro. A vegetação é já tropical. A palmeira-doum, com suas folhas em

---

<sup>53</sup> Cf. Nota 1, pp. 82 (número na margem)

leque, fez a sua aparição. Os nossos homens compram numa aldeia provisão de cana-de-açúcar e nós tomamos parte na festança.

26 de Janeiro. Hiw. Todo o encanto deste dia está na natureza. Os perfis / (86) angulosos das cordilheiras, arábica e líbica, destacam-se sobre o cinzento-claro do céu e as suas encostas gredosas reflectem uma luz intensa. Eu segui a pé, durante várias horas, a margem oriental e recolhi petrificações em sílex, conchas bivalves, folhas aglomeradas, caroços de tâmaras. Nos bosques da margem as palmeiras estão misturadas com os “doums”, as árvores-da-borracha, os lódãos e as plantações de cana-de-açúcar sucedem-se aos campos de rícino. À noite, gosto de seguir a marcha lenta dos astros. A estrela polar não aparece acima do horizonte. A Ursa Maior só deixa ver 5 das suas estelas às 7h. Às 9h mostra-se completa.

#### DENDÉRAH

27 de Janeiro. Tínhamos andado uma parte da noite e de manhã, ao nascer do sol, ladeamos a margem arenosa da ilha de Taberna, tornada famosa por S. Pacómio. Estamos no país dos solitários, na Tebaida; a lembrança deles recorda-me a minha vocação, invoco-os com emoção. / (87)

Estávamos impacientes para ver algum grande templo egípcio. Por isso cobrimos apressadamente a distância da margem até Dandérah. As ruínas da antiga Tentyris são para nós uma completa revelação. Por fora templos e edifícios de tijolos crus. As casas e até os palácios eram construídos com esses materiais pobres.

O grande templo de Dandérah está em parte sepultado debaixo dos escombros; contudo a sua massa imponente faz ainda impressão. Tomei o plano dele, como iria depois fazer para todos os templos principais<sup>54</sup>. Todos estes templos são muito parecidos uns com os outros. Aproximam-se mais do Templo de Jerusalém do que dos templos gregos. O “naos” propriamente dito é geralmente pequeno. Está rodeado de salas escuras que dão para um corredor que é precedido de um ou mais pórticos<sup>55</sup>. A época romana muitas vezes acrescentou um pórtico vasto e alto, diante do alpendre antigo, como se vê em Dandérah. / (88) O aumento da população exigia, sem dúvida, este

---

<sup>54</sup> A planta do grande templo de Dandérah está desenhada na viagem do Oriente cahier V, pp. 50r. Reproduzido aqui na pág. 502.

acrescento e a popularidade dos imperadores ganhava com isso, pois era debaixo dos pórticos que se ofereciam os sacrifícios. Cada templo era consagrado à trindade protectora do nome ou da província. Todas as superfícies dos pórticos são ornadas de hieróglifos e de esculturas ocas. O tecto representa o Zodíaco. Um homem deitado representa o sol. Os desenhos destacam-se graciosamente sobre fundo azul claro. As salas representam procissões e cenas funerárias. O templo é dedicado a Aton e à sua tríade. Dendérah possui três pilones<sup>56</sup>. Estas portas triunfais são realmente majestosas.

No dia 28 passámos perto de Ballas, lugar do fabrico dos grandes vasos de terra, chamados em árabe Ballasi. A aldeia de Nagada interessou-nos muito particularmente. Ela é toda cristã e mesmo em parte católica. Olhávamos com satisfação para o seu campanário branco e para as cruzes brancas do seu / (89) cemitério. As casas são altas, bem construídas; as únicas aberturas são as portas. Um bosque de tamareiras abriga o mercado. O tipo dos habitantes é o dos antigos egípcios. Eles têm as orelhas altas, os olhos largos no interior e levantados no exterior, os traços finos, a barba abundante. São esses os descendentes dos verdadeiros súbitos dos faraós. A sua língua continua a ser a das inscrições antigas.

29 de Janeiro. Frente a Lúcsar. Eis-nos mesmo no alto Egipto. O vestuário está reduzido à mínima expressão, especialmente para as crianças. As mulheres veladas deixam todavia descortinar grandes anéis pendurados no nariz e nas orelhas. Avistamos os pilones e os templos de Tebas.

Lúcsar tem alguns consulados que arvoraram as suas bandeiras. Vários “canges” estão amarrados; um é francês, dois são americanos.

30 de Janeiro. Erment. O vento abrandou; o calor é sufocante. Os nossos homens depois de terem brigado / (90) rumorosamente, puxam o “cange” pela corda; durante todo o dia só avançamos quinze quilómetros.

31 de Janeiro. Tempo calmo; o “cange” arrasta-se ao longo das margens; os passeios são inebriantes: miríades de aves juntam as suas vozes para cantar ao Criador; os juncos balançam os seus penachos de prata; as tamargueiras de flores rosadas exalam um perfume de mel; o azul do céu enquadra este panorama, que se reflecte nas

---

<sup>55</sup> nt. *Em termos de nomenclatura arquitectónica, a palavra é pórtico.*

<sup>56</sup> nt. *Pilone/pílo no = pórtico de templo egípcio em forma de pirâmides truncadas ficando à entrada entre elas (dic. Lisa)*

águas irreais de uma miragem. Levanto o meu pensamento a Deus para louvá-Lo por tantas maravilhas.

## ESNÉH

1 de Fevereiro. Esnèh tem o seu grande templo como Dendérah. Aqui também foi acrescentado pelos romanos um pórtico de 24 colunas. O templo é do reinado de Ptolomeu Evergete<sup>57</sup>, 145 anos antes de Cristo. O pórtico é de Vespasiano. Os costumes de Esnèh são árabes; parámos para escutar um narrador de histórias à entrada de um café. A naturalidade e o à-vontade valorizavam a sua recitação; a nitidez da sua voz e a franqueza do seu gesto eram mesmo notáveis. / (91) Ele contava a façanha dos Sarracenos contra Óstia e Roma. A assistência atenta, às vezes provocava o narrador e ele mesmo incitava-a a replicar. Parecia-me ouvir um menestrel narrando as cruzadas, ou um Aedo<sup>58</sup> homérico entusiasmando os gregos com as façanhas dos seus antepassados.

2 de Fevereiro. O vento norte empresta-nos as suas asas. Ultrapassamos Edfu cujo altivo pilone domina majestosamente a planície.

3 de Fevereiro. Vento de tempestade. O rio redemoinha; estamos inquietos. Ultrapassamos a garganta alpina de Silsilis onde as montanhas de grés se banham no rio em ambas as margens.

4 de Fevereiro. Chegamos a Assuão. Rochedos de granito emergem do rio e indicam a aproximação da catarata.

## FILAE

5 de Fevereiro. Filae. Bordejamos a ilha fresca e graciosa de Elefantina. Uma enseada perto da catarata serve de porto comercial; montanhas de tâmaras estão a ser carregadas. / (92)

A ilha de Filae situa-se num lugar único no mundo. Não me admira que tenha sido a ilha santa dos egípcios: o rio largo, as montanhas de granito, o ribombo da catarata engrandecem o mistério e elevam o pensamento para Deus. O porto ainda tem a sua

---

<sup>57</sup> nt. È Tolmeu VII Evergetes II, ampliou a biblioteca de Alexandria e restaurou vários templos. Reinou entre 145 e 116 a. C. Evergetes significa “o das boas obras - benfeitor”.

escadaria antiga e o seu arco de triunfo romano. As ruínas desta ilha têm toda a majestade da Acrópole de Atenas. Uma linda aldeia árabe e uma branca habitação de missionários alemães erguem-se na encosta.

Todas as épocas aí marcaram a sua passagem. Algumas pilastras dóricas recordam uma “villa” de Tibério, ao lado de uma basílica cristã.

O grande templo de Ísis e as suas dependências, avenida, pilones e pórticos, formam um conjunto majestoso. É o que o Egípto tem de mais imponente.<sup>59</sup>

Ao fundo do santuário uma inscrição assinala a passagem da missão científica enviada pelo Papa Gregório XVI. Senti-me feliz ao encontrar aí um testemunho do zelo dos papas pelos estudos arqueológicos.

## A NÚBIA

Depois da visita à ilha santa de Filae entrámos numa barca local, conduzida por Barabras ou Berberes. Queríamos fazer uma excursão à Núbia e subir o Nilo até ao trópico. O vento levou-nos rapidamente. A paisagem era sempre grandiosa. O Nilo era apertado pelas montanhas. À noite, tínhamos feito 34 quilómetros, parámos ao pé da ilha Margos e deitámo-nos alegremente sobre as pranchas da barca, embrulhados nos nossos cobertores.

No dia 6 fomos até Kalabschée. A Núbia tem uma única fileira de árvores, doums ou tamareiras, ao longo das margens do rio. O granito das montanhas deu lugar ao calcário. No lugar onde os rochedos deixam um pouco mais de espaço encontra-se uma pobre aldeia e algumas culturas, um wadi. Os campos produzem favas e / (94) trigo. Cultiva-se também um pouco de kennéh (*lawsonia alba*) cujas folhinhas lanceoladas fornecem um carmim com que as mulheres pintam as unhas. Os casebres são miseráveis. O ar e a luz não entram senão por uma baixa porta aberta ao norte. Ao pé de cada casa alguns vasos de terra seca, duma boa altura, em forma de cones truncados, servem de celeiros e de armários. Alguns dos casebres têm o aspecto de edifícios públicos. Estão abertos para o norte e para o sul; contêm bancos para repousar e um vaso cheio de água sempre refrescada pela corrente de ar. Uma meia-abóbora ou

---

<sup>58</sup> nt. *Aedo* = cantor da antiga Grécia.

<sup>59</sup> 1- Planta desenhada na viagem ao Oriente, cahier V pp. 60; reproduzida aqui na pp. 203.

cabaça serve de copo para beber. Na falta destas fontes bastante frequentes, os vasos públicos são colocados à sombra dos sicómoros. Aves de plumagem rosa e azul complementam a cor tropical da paisagem. O céu é mesmo tal como o esperávamos, pálido e cheio de luz. O sol tem raios muito escaldantes para a estação. Ao meio-dia marcamos / (95) mais de 30° à sombra. A população não é numerosa. São os antigos etíopes. Os seus traços indicam uma raça intermédia entre o egípcio e o negro. Têm o nariz achatado, os lábios espessos, mas o seu cabelo é o da raça branca. Esta gradação de egípcio, etíope e negro marca bem a acção primitiva do clima sobre as raças. O vestuário dos homens limita-se a uns calções de algodão; os rapazes andam nus; as raparigas trazem uma cintura com franjas de couro enfeitada com conchas; As mulheres usam largos anéis de cobre ou de prata no nariz e nas orelhas. Têm o cabelo dividido em pequenas tranças, como os antigos egípcios. O seu unguento preferido é o óleo de rícino. Todos os homens andam armados com uma lança e um escudo. O escudo é revestido com pele de hipopótamo.

Os Núbios mostram-se alegres e serviçais para connosco, mas maçam-nos com os seus pedidos de bagchic<sup>60</sup>. São pobres e o governo não os poupa. Cada sakié / (96) ou bomba de roda <sup>61</sup> paga 80 piastras de imposto por ano; cada palmeira paga 3 piastras. É esse um dos motivos da sua tendência para se revoltarem contra o Egipto, e procurarem um salvador, um profeta ou Madhy.

Os Núbios fazem pão fresco para cada refeição. Estendem a sua massa de milho sobre uma lata aquecida.

À noite, dormimos de novo sob as estrelas, embrulhados nos nossos cobertores.

## KALABSCHÉE

7 de Fevereiro. Em Kalabschée um pequeno “spéos” do tempo de Sésostris cavado no flanco da montanha serviu de igreja durante os séculos cristãos. As suas colunas são de estilo dórico primitivo.

O grande templo de Kalabschée tem o seu espaço cavado na montanha. É rodeado por uma dupla cerca. Uma parte da sua decoração interior foi apenas riscada

---

<sup>60</sup> 1- Cf. pp. 83 ( número à margem )

<sup>61</sup> 2- nota 1, pp. 82 ( número à margem )

com lápis vermelho, e o tempo não apagou as cores<sup>62</sup>. Um porto e um molhe antecedem o templo. Era a última etapa da conquista romana. Foi também o ponto extremo da / (97) nossa excursão. Daí, começamos a descer de novo o Nilo, no 26º dia da nossa partida do Cairo.

Wady-Tafat, a antiga Taphys, e Kardasch têm ruínas de graciosos templos pequenos. Que pena, que populações tão religiosas tenham adorado divindades tão absurdas!

Kardasch tem o seu pequeno templo bem situado, como os da Grécia, sobre um outeiro rochoso à beira do rio.

À tarde chegávamos a Dabud, depois de termos feito 45 quilómetros.

8 de Fevereiro. O que enobrece o templo de Dabud é a avenida triunfal, composta de três pilones, que leva até ele<sup>63</sup>. Os Egípcios souberam realmente trabalhar bem para os seus deuses. De Dabud a Assuão, segui a pé pela crista das montanhas para desfrutar com toda a calma a vista, esplêndida, das cataratas e da ilha sagrada. À noite fui visitar as célebres pedreiras de Sienite<sup>64</sup>. É curioso ver fustes de colunas e de obeliscos meio-talhados e aí abandonados desde há 16 ou 18 séculos. / (98)

9 de Fevereiro. De regresso a Assuão, visitei o pequeno templo, construído no lugar onde Eratosthène viu, no dia do solstício, o sol iluminar com seus raios o fundo dum poço, o que o ajudou a determinar aproximadamente o trópico. Na visita à ilha fresca e graciosa de Elefantina, os indígenas ofereceram-nos lindas cestas feitas com folhas de palmeira e pedras de ágata oriental. A ilha é fértil e os seus trigais já têm espigas a 9 de Fevereiro.

#### KON OMBO

10 de Fevereiro. Kom Ombo tem ruínas colossais. O seu templo é duplo em todas as suas partes, são como dois templos unidos<sup>65</sup>. É uma obra do tempo de Físcion e Cleópatra, Algumas lajes do tecto medem de 6 a 7 metros de comprimento. Pode-se aí descobrir o que era o trabalho do desenho e da escultura para os Egípcios. Há desenhos

---

<sup>62</sup> A planta está desenhada em viagem do oriente, cahier V, p. 65r e reproduzido aqui mapa 204.

<sup>63</sup> Planta desenhada em viagem do Oriente, cahier V, p. 66v; reproduzido aqui na p. 205.

<sup>64</sup> O nome antigo da Assuão era Siene. Perto desta cidade funcionavam as pedreiras do célebre granito rosa (sienite).

inacabados, a lápis vermelho, que revelam o segredo dos artistas. Os espaços eram quadrículas; um número proporcional de quadrados / (99) era atribuído às diversas partes do corpo humano a desenhar: invariavelmente 22 quadrados e meio para o comprimento do corpo humano, três e meio para a altura da cabeça, e quatro para a largura em perfil até à ponta do nariz. Depois da descoberta deste procedimento, já não nos devemos admirar da perpetuidade das formas por assim dizer estereotipadas, sem o mínimo sinal de talento pessoal. Eu suspeito que Leonardo da Vinci, que nos deixou figuras tão regulares, tenha usado algum truque deste género.

11 de Fevereiro. Silsilèh é famoso pelas suas pedreiras de grés<sup>66</sup>. Mas as belas paredes dos rochedos, tentaram todas as gerações do antigo Egipto, e os Grandes deleitaram-se em fazer-se representar nelas em monólitos, inscrições, santuários e sepulcros. Um “speos” contém uma cena histórica largamente descrita: o triunfo do rei Horus. Este rei recebe a investidura do deus / (100) supremo, Ammon-Ra<sup>67</sup>. Depois é levado no seu trono pelos representantes de todas as províncias do Egipto. Avança, rodeado de portadores de leques. Um arauto toca a trombeta e, diante do rei, desfilam os Etíopes vencidos e as tropas vitoriosas.

EDFU

12 de Fevereiro. O grande templo de Edfu é dos mais bem conservados de todo o Egipto. Tomei-lhe a planta, como a de muitos outros. Essa planta vem aqui no verso desta página<sup>68</sup>. Há analogias visíveis entre estes templos e o de Jerusalém. Os sacrifícios oferecidos eram, mais ou menos, os mesmos. O diabo macaqueou sempre o bom Deus. O templo de Edfu abre-se com um pilone colossal que não tem menos de 50 metros de altura. A gradação crescente dos pórticos e do santuário ajuda à perspectiva e dá um aspecto misterioso e profundo a esta sequência inumerável de portas que se segue com os olhos até que a vista se perde na escuridão. Este templo, embora forme um conjunto / (101) harmonioso foi construído em várias fases. O primeiro pórtico é de Physcon, o

---

<sup>65</sup> A planta está desenhada em viagem do Oriente, Cahier V, p.69 v, reproduzido aqui na p. 206.

<sup>66</sup> Silsilèh (adjabal ou cadeia): colina de grés núbio que reduz o vale do Nilo a menos de 400 m. de largura, a norte de Kom-Omb.

<sup>67</sup> Ammon-Ra, Deus de Tebas, identificado muito cedo com o deus sol Rê e chamado Ammon-Rê.

<sup>68</sup> A planta encontra-se na p.102 do cahier IV das NHV. Foi tirado do cahier V da viagem do oriente onde faltam as páginas 72 e 73 (r e v), Reproduzido aqui na p. 84.

segundo de Filométor; uma parte do santuário é do faraó Amyrtée, da 28ª dinastia. O santuário tem esculturas duma fineza toda helénica.

A escultura egípcia está longe de ser realista; ela negligencia a perspectiva, e diminui o relevo. Todavia, é muito decorativa. Deste modo a escultura é realmente um acessório da arquitectura, da qual respeita as linhas e as superfícies.

Qual poderá ser o sentido desses pequenos templos sempre colados aos grandes e dedicados ao terceiro deus da tríade, de quem aí vem representado o nascimento, o aleitamento, a educação? Estes pequenos templos chamados “Mammisi” serão santuários destinados às crianças? Serviam para a iniciação das crianças como os nossos baptistérios? Os hieróglifos revelar-nos-ão isso um dia.

Subi ao alto do grande pilone. Encontrei lá nomes de soldados franceses da campanha de 1799... / (103) A vista alarga-se sobre uma imensa e rica planície onde as colheitas semeadas depois da última inundação estão já todas verdejantes.

Não longe de Edfu, os sepulcros de Elita revelaram-nos toda a vida dos antigos Egípcios. Vêem-se os trabalhos dos campos, a navegação, a vindima, a pesca, a caça, os funerais. Em toda a parte o chefe da casa é representado mais alto que o natural. Reconhece-se a cultura do trigo, do “dourah”<sup>69</sup>, os vasos de água postos na corrente de ar para os trabalhadores, os navios de carga, os de passageiros com cabines e velas quadradas; os vindimadores que se seguram em cordas para não escorregarem no lagar; as manadas de burros, de bois e de cabras; as aves presas na rede, depenadas, aprontadas, metidas em conserva. Em todo o lado há um macaco amarrado à cadeira do patrão. Os macacos substituem vantajosamente os nossos cães. Os homens têm a pele vermelha; as mulheres amarelas; as sombras / (104) infernais são azuis. As cenas fúnebres são curiosíssimas. Vê-se o embalsamamento do corpo, a pintura da múmia, o transporte em trenó por um terreno humedecido até à margem, depois em barco que às vezes é arrastado ao longo da margem, às vezes levado a remos. Aí estão também as carpideiras e a refeição fúnebre. Como este Oriente tinha uma civilização avançada antes da nossa!

13 de Fevereiro. Vento norte, balanço do navio, vagas encapeladas, dia aflitivo.

---

<sup>69</sup> O “Sorgho doura” (milho miúdo) é uma gramínea dos países quentes cuja farinha é utilizada na panificação.

## TEBAS, LÚQSOR, KARNAK

14 de Fevereiro. Lúqsor. Eis-nos então em Tebas. Tebas das cem portas, isto é, Tebas rica em pilones, em pórticos, em portas sagradas e triunfais. Imagino que os historiadores gregos ao falarem nas portas de Tebas não pensassem numa cerca da cidade furada por portas inumeráveis, mas sim nos pilones tão numerosos e dispostos em avenidas, diante dos templos da grande cidade sagrada, ou à volta dos seus palácios.

Tebas devia ser uma cidade imensa, / (105) como as nossas capitais modernas. Precisamos de vários dias para visitar as suas ruínas. Ela estendia-se pelas duas margens do rio. Diversas aldeias ocupam hoje os seus antigos bairros: Karnak e Lúqsor são as mais conhecidas.

A visita de Tebas deixa uma impressão profunda, indelével. Que potência e que perfeição tinham atingido essas civilizações antigas! Pena que elas se tenham afastado da verdade religiosa! Templos, palácios, túmulos, tudo é grande, tudo é colossal em Tebas, tudo é prodigiosamente rico. E essas avenidas de pilones, de esfinges, de carneiros! Esses colossos e obeliscos! Ficamos com uma impressão de entontecimento, de pasmo, de esmagamento. Esses homens sabiam trabalhar à grande. Eram também artistas, arquitectos incomparáveis, escultores finos e dedicados, decoradores maravilhosos. Que grande ideia eles tinham da divindade e da realeza!

Tebas tinha quatro templos / (106) principais, descritos por Diodoro de Sicília: dois na margem direita, os de Lúqsor e de Karnak, e dois na margem esquerda, os de Médinet-Abou.

O templo de Lúqsor só tem um obelisco agora, cujo gémeo está em Paris. Escolhemos bem, quando trouxemos esta amostra da arte egípcia para a França. Estes dois obeliscos contemporâneos de Ramsés II ultrapassam todos os outros pela perfeição das suas esculturas. Os hieróglifos, os “cartuchos”, as figuras de animais são duma admirável nitidez: merecem ser assinalados especialmente os gafanhotos, os mochos, os íbis.

Os pilones deste templo estão revestidos por grandes cenas de batalhas muito notáveis. São as campanhas do ilustre Ramsés-Sesostris. Aqui, é uma rixa de cavalaria, acolá é a infantaria que atravessa uma ribeira, o rei combate sobre o seu carro, os

inimigos vencidos vêm prestar-lhe submissão. Aqui, é um acampamento: no centro, está colocada a arca sagrada do deus, a “Bahri” Não é / (107) humilhante ver que essas nações pagãs teriam corado por ir ao combate como nós sem invocar o deus protector da sua causa?

As ruínas de Karnak formam uma massa colossal que domina toda a planície. O templo de Karnak tem duas avenidas de pilones, uma avenida de carneiros e de vários obeliscos. Está ligado com o de Lúqsor pela mais maravilhosa avenida de esfinges implantadas numa extensão de dois mil metros. A este templo estava pegado um palácio rodeado por uma vasta cerca. É este o conjunto mais colossal das ruínas de Tebas, mas os detalhes são menos acabados e menos delicados que os de Lúqsor e de Medinet-Abou. Um pequeno templo de Ramsés IV é muito mais perfeito como escultura.

Os dois grandes templos de Medinet-Abou são conhecidos com os nomes de Memnonium e de Ramesseium. / (108)

O Memnomium é esplêndido. Os seus pórticos sustentados por colunas alternadas com cariátides que representam Mémnon em figura de Osiris são as obras-primas da arte faraónica. Os tectos conservaram o seu azul estrelado de ouro; as muralhas, as suas cenas religiosas e históricas. As batalhas fazem lembrar as pelejas homéricas. Aqui também o rei sobressai dos ombros para cima a todo o exército. Uma longa procissão tem uma grande perfeição de execução.

O Ramesseium tem muitas analogias com o templo precedente. O seu estilo é nobre o seu aspecto é imponente. As grandes batalhas do pilone e de toda a superfície são absolutamente notáveis.

Perto daí ergue-se o colosso de Mémnon, a famosa estatua que faz ouvir sons harmoniosos. Eu constatei que uma parte da estátua feita em pedra fina e vermelha tem um som metálico quando é batida. Se é isso o que os antigos queriam dizer, não vejo aí nenhum milagre. / (109)

O palácio de Qournach, o de Médinet-Abou, fazem lembrar um pouco a disposição das casas romanas. Havia um pórtico central, de um lado o pátio, do outro um templo familiar, os apartamentos principais ao fundo do pórtico, outros mais pequenos aos lados. Alguns pormenores do palácio de Médinet-Abou, muros com ameias, torres com reboco,

consolas, fazem lembrar a Idade Média e deixam-me acreditar que a nossa arte ogival pode ter herdado vários procedimentos egípcios através da arte árabe.

O pequeno templo de Athor em Médinet-Abou é puro estilo dórico primitivo<sup>70</sup>. A arte grega parece derivada da primitiva arte egípcia.

A época da glória de Tebas foi decididamente uma das maiores épocas da humanidade. São as dinastias egípcias 18, 19 e 20 que ergueram essas obras-primas na época da guerra de Tróia.

O que é chamado sepulcro de Osymandias é um simples amontoado / (110) de tijolos feitos com terra.

Mas uma das atracções de Tebas, são uns sepulcros reais escavados na montanha<sup>71</sup>. São escavações realmente vastas e profundas, compostas cada uma duma série de salas e de corredores totalmente cobertos de esculturas e de pinturas. Visitei não menos de uma dezena. Em geral as pinturas do primeiro corredor representam uma oferta do defunto a Horus e a história do rei em caracteres hieróglifos. Frequentemente os corredores representam a descida da múmia. As salas são ornadas de procissões onde aparecem muitas vezes quatro raças de cores diferentes, representando todas as nações da terra. O julgamento da alma é também um dos temas preferidos de decoração e na sala nº 9 o resultado do julgamento é o reenvio da alma à terra sob a forma de porco. Os harpistas, de um desenho tão leve e tão harmonioso que deram o nome a um dos sepulcros, estão quase inteiramente destruídos. / (111) Os argumentos de três sepulcros são esculpidos em relevo, com um trabalho muito acabadinho. Os outros são gravados em oco, ou desenhados sobre calça. Um dos sepulcros ainda tem o seu imenso sarcófago de granito. Sobre a tampa há uma estátua deitada.

Em Tebas, não são só os sepulcros dos reis que resistiram à acção dos séculos. Há vários outros grupos de sepulcros, os de Assasif, os de Qournach, que também têm interesse pelas suas pinturas.

---

<sup>70</sup> A planta se encontra na viagem do Oriente, cahier V, pp. 790, reproduzido aqui pp. 208

<sup>71</sup> É o famoso vale dos Reis

## KENÈH

19 de Fevereiro, Kenèh. Tínhamos andado toda a noite com vento favorável, tínhamos descido cerca de 20 léguas. Fizemos uma nova visita a Dendérah. Mariette-Bey quis fazer-nos ele próprio a honra de visitarmos as suas escavações. Fez-nos notar como a escultura deste belo edifício era fraca.

Perto da margem oriental, num braço / (112) do Nilo está Kenèh, cidade bastante bem traçada, um pouco modernizada e rodeada de belas palmeiras e sicómoros.

A França tem ali um agente consular, um amável e rico copta, o Sr. Bichara, que nos recebeu com uma hospitalidade toda oriental. Mais não teria feito para príncipes de sangue. Ele soube criar-se no meio das areias, para além do cemitério da cidade, uma graciosa "villa" com um pomar encantador plantado de laranjeiras e de quase todas as árvores de fruto europeias. A água do Nilo, trazida de muito longe, operou este milagre. Foi lá que fomos apresentar-lhe as nossas homenagens. Eram cinco horas da tarde, reteve-nos para jantar e a festa prolongou-se pela noite dentro. O nosso anfitrião depressa deu as suas ordens para os preparativos e pôs em movimento todo o seu pessoal. A espera foi passada num vasto salão guarnecido de um magnífico tapete de Meca, e rodeado de grandes divãs.

Tivemos de honrar os / (113) ricos "chibouck"<sup>72</sup> que nos foram apresentados já bem acesos. Cedo entraram músicos revestidos com grandes capas brancas, como os harpistas do sepulcro dos reis. Formavam uma pequena banda com o tamboril, a cornamusa, e uma espécie de harpa. Cantavam e representavam-nos os menestréis da Idade Média. Um grupo de jovens dançarinos completava o nosso entretenimento. Entretanto, o jantar ficou pronto. Escravos ajoelhados apresentavam-nos a água que iam deitando de ricos jarros. Outros escravos imóveis como cariátides seguraram durante toda a refeição grandes lanternas em que ardiam bastantes velas. Depois da sopa, foi-nos servido um peru assado, recheado de arroz, de passas e de avelãs; depois abóboras recheadas, um capão, carnes frias, massas e fruta, tudo regado com champanhe, de creme Moka, de aguardente de Dantzic e de duas chávenas de café. / (114)

Nós comíamos com apetite, fazendo de vez em quando brindes ao nosso anfitrião, cuja cara exprimia a satisfação. Pouco habituado, acho eu, a se pôr à mesa, ele ponha-

se por vezes a comer com os dedos, à moda árabe. Depois do café, novos chibouks e música. Era meia-noite quando dissemos adeus ao nosso anfitrião. Era noite escura. Uns escravos acompanharam-nos até ao barco levando estranhos faróis, cestos cheios de achas acesas que eram renovadas cada vez que fosse preciso. Descrevi aqui esta festa porque ela revela bem os costumes do Oriente. Ela pode ajudar a compreender certas cenas da Bíblia.

20-21 de Fevereiro. Vento do norte. Não avançávamos. O “cange” balouçava; alguns sentiam uma espécie de enjoo.

## ABIDOS

22 de Fevereiro, Abidos. O vale alarga-se; as ruínas de Abidos estão lá ao longe, ao pé / (115) das colinas. Fazemos o percurso numa hora e meia sobre pobres burros sem cela. As melhores montadas foram levadas por Mariette-Bey e sua família. A planície é rica, os trigos amadurecem já em Janeiro, como também as favas que aí abundam. Animais numerosos e variados, cavalos, dromedários, burros, carneiros, cabras, búfalos e bois, pastam nas pradarias artificiais. Os seus guardiães habitam em casebres de colmo de “durah”<sup>73</sup>. Os dois principais monumentos de Abidos são o Memnonium e o templo de Osiris assinalado já por Estrabão. Estão em parte arruinados. Ambos são contemporâneos de Ramsés II. O Memnonium era um palácio. Nas esculturas das suas paredes Ramsés é exaltado pelos deuses; as províncias do alto e do baixo Egipto vêm prestar-lhe homenagem.

Numa das vastas salas, suportadas todas por numerosas e poderosas colunas, encontra-se uma série de esculturas de grande interesse histórico; é / (116) uma árvore genealógica das dinastias egípcias explicada pelo rei Seti a seu filho Ramsés. O Sr. Mariette estava lá, ocupado a vigiar as escavações; demos-lhe os parabéns por esta importante descoberta que lhe é devida. Os cartuchos reais encontram-se em três filas. As duas linhas superiores incluem 76 cartuchos, desde Menés até Seti. A 12ª dinastia precede imediatamente a 18ª<sup>74</sup>. Mais algumas descobertas desta espécie e as

---

<sup>72</sup> Cachimbo com longo cano.

<sup>73</sup> cf. Nota 1, p. 104 (número da margem)

ESTRABÃO: geógrafo e historiador grego (63 a.C.; d.C. 24) fixou-se em Roma. Ficam nos 8 livros de geografia da Europa, 6 da Ásia, 1 do Egipto, 1 da Líbia.

<sup>74</sup> A planta desta sala encontra-se na viagem ao oriente, cahier V, p.93 v, reproduzido aqui, p. 209.

ingenuidades de Heródoto e de alguns modernos que dão ao Egipto uma antiguidade inconciliável com a Bíblia ficarão reduzidos a nada.

As nossas observações pessoais convenceram-nos totalmente que as dinastias antigas, até à 18ª, não foram sucessivas mas simultâneas, e isso subverte completamente a cronologia do Heródoto.

23-24 de Fevereiro. O céu está nebuloso. Estão ainda 20º de calor à sombra ao meio-dia; mas nós, que voltamos da Núbia, quase estamos com frio. / (117)

#### MAABDÈH

25 de Fevereiro, Maabdèh. De manhã estávamos frente a Manfalut, ao pé das colinas que fecham a gruta de Maabdèh. Trepamos pela montanha acima, atravessamos um planalto coberto de quartzos hialinos, dir-se-ia que é uma montanha inteira de cristal-de-rocha. Finalmente encontramos a entrada da gruta misteriosa. É o sepulcro secular de muitas gerações de homens e de inumeráveis animais sagrados. Subimos e resvalamos para um aglomerado de panos e de ossos ressequidos. Fomos muito imprudentes em lá irmos com tochas: o mínimo incidente teria podido inflamar todos esses resíduos de cânhamo e de linho que envolvem as ossadas. Numa das salas mais profundas encontram-se, em pacotes de 25, inumeráveis múmias de pequenos crocodilos. Estranha aberração! Se estes animais eram divinos, porque matá-los? Se não eram, porque ter tantos cuidados com os seus cadáveres? / (118)

26 de Fevereiro. Tell-al-Amarna. Aí também há sepulcros reais, que apresentam esculturas e pinturas bastante finas. Algumas ultrapassam tudo o que nós vimos até agora no Egipto, quanto aos efeitos de perspectiva, realismo e animação dos grupos. Merece ser assinalada uma vista de sala de jantar, um jardim plantado de flores com uma lagoa ao centro, um sacrifício religioso: o rei é rodeado de portadores de flabelos, o sacerdote oferece os presentes que numerosos serviçais lhe trazem. Noutra parte, o rei, sobre o qual incidem raios de sol, recebe os presentes trazidos por uma multidão de pessoas inclinadas numa posição obsequiosa.

BENI-HASSAN

27 de Fevereiro, Beni-Hassan.

A aldeia tinha uma animação excepcional, todo o povo estava em hábitos festivos e dirigia-se para o cemitério. Aí, alguns grupos dançavam e saltavam ao som de tamborins. Todos tinham provisões de bolos. Era o primeiro dia do Pequeno-Baïram, festa de três dias que segue ao Ramadão e começa com o mês de Chawal. / (119)

Durante estes três dias, o trabalho fica suspenso, as fortalezas disparam os canhões e o povo diverte-se, especialmente ao pé dos mortos. Nessas terras ainda não foi inventada a estúpida laicização da vida social. Beni-Hassan tem grutas interessantes. Indo lá, encontramos um pequeno santuário cavado na rocha (templo de Diana, ou Pacht). Pensa-se que fosse o santuário destinado aos operários das pedreiras. Nós somos menos civilizados do que esses pagãos de há três mil anos, quando esquecemos de dar aos nossos operários os meios para prestar culto a Deus. Contam-se umas vinte grutas. Algumas têm pormenores dóricos; datam da XII<sup>a</sup> dinastia. Deve ter sido nesta época que os Egípcios foram colonizar a Grécia levando para lá o estilo dórico. Quatro dessas grutas têm um interesse especial. As suas paredes ostentam cinco ou seis bandas sobrepostas, com argumentos pintados sobre calça. O desenho é bastante natural. Os animais são perfeitos; / (120) a imitação do granito sobre algumas colunas e plintos está ainda nos nossos hábitos. Encontram-se aí cenas de agricultura e de ofícios, a preparação do linho, a tecelagem, a fundição dos metais; oleiros giram a roda com a mão esquerda e seguram o seu vaso com a direita; sopradores de vidro, barbeiros, pintores, finalmente um escultor armado dum cinzel e dum maço que vai acabando uma estátua. Há também, jogos, danças, trabalhos duros, lutas de homens corpo a corpo, jogadores de dama. Uma cena comovedora fez crer a alguns viajantes, que fosse aí o sepulcro de José: uma personagem principesca recebe dez estrangeiros que chegam sobre suas montadas em trajes asiáticos e trazem presentes. A hipótese não parece admissível porque o sepulcro de José deve estar no Fayoum, mas a cronologia não se opõe. José deve ter sido contemporâneo da XII / (121) dinastia que reinava ao mesmo tempo que a XVII, a dos Pastores.

28 de Fevereiro, 1 de Março = 3 Chauwal de 1281<sup>75</sup>. Atrasos, devido ao vento e às areias. Encalhamos. Os nossos homens não chegam para nos tirarem do apuro; após cinco horas de esforços inúteis, são ajudados pela equipagem doutro barco que passa.

## O FAYOUM - O LABIRINTO

### 2 de Março. O Fayoum – O Labirinto

O Fayoum é um oásis no qual se entra por um rasgão na cordilheira líbica. O canal de José conduz as águas do Nilo ao Fayoum e, com as águas, a fertilidade. A tradição popular atribui este canal a José, filho de Jacob. Os trabalhos hidráulicos no Fayoum são muito bem executados, como no Delta. Vamos até à pirâmide de Havvara. Pensa-se que seja aquela que Heródoto e Estrabão assinalaram no ângulo do Labirinto. Está construída com grandes tijolos crus misturados com palha. Foi sem dúvida o trabalho dos Hebreus escravizados. / (122) Tinha um revestimento de pedra sobre o qual estavam, certamente, esculpidas as figuras de que fala Heródoto. Do cimo, desfruta-se duma extensa vista sobre a província do Fayoum, o deserto e o vale do Nilo. Avista-se, a Sudoeste, os diques que rodeavam o lago Moeris, hoje seco. A Leste estava o Labirinto. É agora um amontoado de ruínas informes em que domina o tijolo cru. Deve-se usar de fantasia para encontrar aí as salas inumeráveis e as séries de pórticos que maravilham os antigos.

À noite, para descansarmos, encontrámos um pequeno quarto numa aldeia de Havvara. Com alguns tijolos fizemos uma almofada para dormir, de qualquer maneira, nos nossos cobertores.

3 de Março. Fayoum. Os habitantes de Fayoum são dum tipo visivelmente diferente dos árabes. Têm a tez quase branca e a barba / (123) longa. O Fayoum tem belas pradarias, como não se vêem outras em África. É uma província fértil; e isso, segundo a tradição copta, ela deve-o ao canal criado pelo patriarca José. No regresso, atravessando o deserto, encontramos acampamentos de beduínos, um chacal errante, caçadores de gazelas. De tarde, produzem-se espantosos efeitos de miragem. Dir-se-ia

---

<sup>7575</sup> Esta é a data da Hégira, a era muçulmana. De facto, no verso da capa do Cahier V da viagem ao Oriente, L. Dehon escreve: Era muçulmana 1281.

que ao Norte há um lago imenso no qual se reflectem árvores, aldeias e a pirâmide de Meïdoum.

## MÊNFIIS

4 de Março. Mênfis. A cidade de Mênfis deixou poucas ruínas. É assinalada por um montão de escombros. Um dos outeiros tem o nome de Tell-Monf, colina de Mênfis. Do templo de Ptah, assinalado por Diodoro Sículo, só resta o belo colosso de Sésostris, caído de bruços. Mas o grande interesse de Mênfis são os sepulcros reais, as Pirâmides. / (124) Visitámos primeiro a grande pirâmide de Sakkara. Do seu cimo a vista estende-se ao longe até às pirâmides de Dachur. Ao pé dos túmulos que rodeiam as pirâmides, o sr. Mariette-Bey fez construir uma pequena “villa”, a alguns passos do edifício cujas escavações lhe custaram tantos trabalhos, o Serapeum. Que coisa estranha estes numerosos sarcófagos em granito escuro, de dimensões colossais e que continham as múmias dos bois Ápis! Estão dispostos regularmente em vastos hipogéus. Têm quatro metros de comprimento, três de altura e dois e meio de largura. Os Egípcios devem ter tido uma bem grande devoção para com esses bois para terem ido buscar a Siena, tais blocos de granito. O interior da pirâmide contém sarcófagos simples, destinados ao rei e à rainha. / (125)

Passámos a noite entre as ruínas, sob as estrelas, perto da grande Esfinge, guardados pelos Beduínos.

No dia seguinte subimos, antes da madrugada, à grande pirâmide de Gizé, para do alto desfrutarmos o levantar do sol. Apesar dalgumas nuvens, tivemos uma vasta visão sobre o vale do Nilo e sobre o deserto. Essas pirâmides tinham um revestimento que foi arrancado para as construções do Cairo. A sua superfície tem agora degraus com cerca de um metro de altura, tal como de largura. A terceira pirâmide tinha um revestimento de granito. Além das três grandes, Gizé tem outras seis mais pequenas.

Voltando ao Nilo, quisemos visitar em Gizé uma pequena curiosidade do Egipto, um forno para o nascimento e a criação de pintainhos. Os Egípcios fizeram isso 3.000 anos antes de nós.

Durante a tarde, a nossa canoa / (126) levou-nos ao Nilómetro, na ponta da ilha de Roudah. Perto das escadarias de mármore duma graciosa “villa” uma lagoa contém uma coluna graduada que serve para medir as fases da inundação anual.

6 de Março. O dia passou-se em liquidação de contas, compras e preparativos da partida para a Síria.

#### BOULACQ

7 de Março. Visita ao museu de Boulacq. Só o Egipto, até alguns anos atrás, não tinha museu egípcio, mas o sr. Mariette-Bey encarregou-se de preencher essa lacuna. O próprio museu, pelo menos no seu mobiliário, é uma feliz tentativa de estilo egípcio. As salas das jóias, as dos objectos de mobiliário, as das estatuetas sagradas, são interessantíssimas. Um bracelete de ouro em charneiras está encrostado de lápis-lazúli. Um machado e um punhal têm os cabos revestidos com folhas de ouro, e as suas lâminas cinzeladas. Há vários barcos votivos de prata com doze remadores. Na sala dos móveis: enxadas, açafates, paletas de / (127) pintor, espelhos ovais em metal, estiletos de madeira colocados numa carapaça de tartaruga, dados, vasos, etc. Constatamos mais uma vez que não há nada de novo debaixo do sol. Que estranho Olimpo esta sala dos deuses: todos esses Osiris, Ísis, Horus, Pacht, Phtah, Tifon, etc. E esses bois Ápis, conduzidos por sacerdotes ou transportados em trenós. Possa o bom Deus ter achado neste culto uma pequena parte de boa fé, de religião, de boas intenções.

8 de Março. Últimos preparativos.

Vamos então deixar este Egipto. Não lamento tê-lo visitado. A sua história confirma a cada instante a santa Bíblia. Depois da visita à Palestina, é a visita ao Egipto que ajuda mais a exegese e que melhor revela a verdade histórica do Antigo Testamento. Houve tantas relações entre a Palestina e o Egipto! / (128)

#### O ISTMO DE SUEZ - O SINAI - O DESERTO

Excelentes burricos nos levam cedinho até à estação. Há nela acampamentos de beduínos que vêm à grande cidade para o seu comércio. A cor das tendas indica a diversidade das tribos.

Mal partimos do Cairo estamos no deserto até Suez. As areias da planície são escuras; as das colinas são douradas. A miragem faz muitas vezes reluzir uma água imaginária. Depois das colinas de Awebed, avistamos o mar Vermelho. E não sem emoção. Em espírito, reconstituímos as nossas recordações clássicas, e particularmente os milagres de Moisés. Em tais circunstâncias eu prefiro sempre começar por um acto de fé simples e ingénuo. Não recuso à crítica os seus direitos, mas não quero que ela venha antes do tempo estragar as impressões duma peregrinação. / (129)

Suez tinha ainda as suas torres árabes e os seus bazares, mas o bairro europeu tendia a tomar a supremacia. É uma Babel pela confusão de línguas e uma Babilónia pela corrupção. Todos os povos da Europa, da Ásia, da África, da Oceânia têm aí os seus representantes. Procurei, em vão, uma igreja católica. Disseram-me que havia uma, mas que era tão pequena e tão pobre que não a encontrei. Em contrapartida, encontrei montes de cafés-cantantes, de casas de jogo, teatros e maus lugares. É assim que a Europa civiliza os novos países. A companhia do Canal fez bons trabalhos: diques, molhes, lagoas de “radoub”.

A vista sobre o mar Vermelho é solene. E seu belo azul é realçado pela cor dourada das suas margens desertas. Os montes da Attaka, ao pôr-do-sol, cedem às colinas da Arábia a cor roxa que lhes dava o sol da manhã. / (130)

#### AS FONTES DE MOISES

10 de Março. A passagem dos Hebreus; as fontes de Moisés.

É mesmo no Suez que deve ter-se dado a passagem dos Hebreus. O mar nesse tempo avançava mais pelas terras dentro. Por outro lado, a passagem de quase um milhão de homens deve ter ocupado uma extensão bastante grande<sup>76</sup>.

As areias que encheram a parte alta do golfo, devem ter recoberto o que podia ficar do exército engolido. Fomos por mar às fontes que foram testemunhas do primeiro descanso dos Hebreus. O percurso levou cinco horas, mas que agradável variedade, que

---

<sup>76</sup> Segundo os exegetas, a passagem fez-se provavelmente a Norte do Suez, no braço de mar da parte Sul dos lagos Amargos. Há aí um vau. Devido a um vento violento que sopra de Sudeste (o siroco), as águas retiraram-se, o que permitiu aos Israelitas escaparem-se (Ex. 14, 1 sg.). É impossível dar um palpite certo quanto ao número dos Hebreus. O Êxodo fala em 800.000 homens a pé, sem contar as crianças, e também numa “numerosa multidão que subiu com eles” (Ex. 12, 37-38). Pode ser que se trate de 600 grupos familiares ou pequenos clãs.

admirável distração é o fundo deste mar transparente que exhibia, só dois ou três metros de profundidade, a sua vegetação luxuriante e a sua inumerável população: algas, musgos, líquenes, plantas arborescentes, tudo isso encobre milhões de conchas, de polípeiros, de caramujos e de peixes. O mar, como o deserto, tem as suas areias e os seus oásis mais ou menos férteis e povoados. As maravilhas / (131) da criação são realmente inesgotáveis. Paramos numa praia árida aos pés das primeiras encostas do Sinai, cujas cores morenas se reflectem, como as do Attaka, nas águas do golfo e lhe dão o nome de mar Vermelho.

A água é baixa; alcançamos a margem caminhando com água até aos joelhos. A uma hora de distância fica o oásis de Moisés que nós avistamos desde há muito tempo. Compõem-na três jardins. As nascentes são ligeiramente sulfurosas. Crescem nela tamareiras, romãzeiras, oliveiras, lotos. O beduíno Jousouf Ibrahim oferece-nos com a melhor graça do mundo as provisões de que dispõe: ovos frescos, leite de cabra, pão quente, lotos e café. Imaginamos com uma certa emoção o acampamento dos Hebreus e as suas impressões depois da passagem milagrosa pelo mar, os seus agradecimentos ao Senhor, as suas orações, os seus sacrifícios, os cânticos inspirados de Moisés e da / (132) sua irmã Maria. A lua e um lindo planeta guiam o nosso regresso a Suez até às 10 horas.

#### EM CARAVANA

11 de Março. O canal dos Faraós. De manhã, encontrámos o sr. Larousse, engenheiro da Companhia, para o qual tínhamos cartas de recomendação. Ofereceu-nos graciosamente os meios de transporte da Companhia, mas a nossa caravana estava pronta e nós íamos montar nos nossos camelos.

A nossa caravana não tem falta de originalidade. É bastante imponente. Há três camelos de sela e cinco de transporte. Além do (drogman) intérprete e do cozinheiro egípcio, temos dois cameleiros e um rapaz sírio. Usam turbante branco e vestuário azul. Os nossos camelos, ao sinal que lhes é dado com um golpe de varinha no joelho, deitam-se. Nós trepamos para as selas colocadas sobre as suas bossas, eles levantam-se e metem-se a caminho gravemente e pesadamente; eis-nos, colocados durante meio-dia, balançando como num navio, a ponto de experimentar uma espécie de enjoo. Será este o

nosso meio de transporte durante quinze dias. Era assim que deviam viajar muitas vezes os patriarcas. Foi assim que os magos vieram para Jerusalém e para Belém.

Seguimos o canal de água doce. Já lá passam batéis e por ele a comunicação já se faz de Suez a Porto-Said. Vamos visitar os restos ainda importantes do canal dos Faraós. Era uma obra grandiosa. Tinha 50m de largo, mas os navios de então não requeriam grande profundidade. Ia de Suez a Bubastis (ou Zagazig), como o canal de água doce de hoje. As margens são bem conservadas. Em Challouf encontrámos um acampamento bem organizado, onde o representante da Companhia, o sr. Henri, fez-nos as honras. Uma larga rua é ladeada por casas bem adaptadas ao clima. O estaleiro / (135) espera as novas dragas da firma Borel-Lavallée. O canal marítimo está traçado, mas faltam-lhe ainda 5m de profundidade. À noite armamos as nossas tendas a 30 km de Suez. É uma nova fase desta grande viagem. Durante vários meses na Palestina e na Síria, viveremos assim, debaixo da tenda, excepto nas cidades. É uma vida meio militar, meio nómada. Todavia, sempre levamos connosco alguns recursos da vida civilizada e, todas as noites, encontrávamos na tenda uma modesta cama e aceitáveis provisões de comida.

12 de Março. Os Lagos Amargos. Rodeamos os Lagos Amargos pelo Leste, com a ajuda dum mapa e de uma bússola, e corremos o risco de nos afundarmos nos pântanos. Estes lagos escondem as águas na areia e no sal. É o deserto. Voltamos a encontrar umas moitas de tamargueiros só em El-Ambaq. O canal aqui está traçado somente por estacas indicadoras. À noite, / (135) levantamos as nossas tendas perto do Serapeum. O agente da Companhia vem saudar-nos; é um velho soldado reformado; era trompetista em Isly.

#### ISMAÍLIA

13 de Março. O Serapeum. Toussoum. Ismaília. A entrada do Serapeum ficará cortada pelo canal. Os trabalhos começaram há cinco meses. É um estaleiro animado onde se agitam 400 trabalhadores. A maioria são Árabes. A seguir, são os Franceses, depois os Dálmatas, os Italianos, os Sírios. Todo o conjunto é uma Babel. Todos ficam alojados em casas de madeira. Abastecem-se nos armazéns da empresa. Mais longe passamos perto do estaleiro de Tussum. Aí vê-se uma grandiosa vala de grande largura,

por um comprimento de cerca de 1.000 metros. Rodeamos o lago Timsah para chegar a Ismaília. Aí já nasceu uma pequena cidade. Bonitos chalés italianos pertencem ao vice-rei, a Bey, ao sr. De Lesseps. Aí, o canal de água doce liga-se ao canal marítimo por uma comporta. Aí / (136) pelo menos pensou-se em construir uma pequena igreja. É modesta, mas limpa. Ismaília já tem 4.000 habitantes.

O sr. Voisin, director-geral, recebeu-nos graciosamente. Um jovem engenheiro, o sr. De Galard, deu-nos todo o seu dia; 200 Bretões, chegados há pouco, trabalhavam com ardor.

14 de Março 1865. El Guisr. Lago Ballah. É o meu 22º aniversário natalício. O dia começa alegremente. O sr. De Galard almoça connosco; mas a tarde traz-nos fortes dissabores. Queremos seguir o dique do novo canal através do lago Ballah, mas este dique tinha rebentado de manhã; temos de refazer o caminho e contornar o lago. Íamos em zig-zag, obrigados muitas vezes a recuar diante dos baixios. A noite surpreendeu-nos, tivemos de acampar no deserto.

15 de Março. Kantara. Um antigo oficial corso, agente da Companhia, fez-nos as honras em Kantara e convidou-nos a almoçar. Era o Sr. / (137) De Angelis, parente do Cardeal deste nome e bom católico.

De tarde, excursão de barco a Porto-Said.

Íamos deixar esse canal. Os trabalhos tinham começado a sério, e a Companhia mostrava uma confiança que não era partilhada na Europa mas que os factos justificaram. Desde então podiam-se prever imensos resultados deste canal que tanto aproxima de nós a Ásia extrema e a Austrália.

A civilização da Europa conquistará a Ásia e a Oceânia. Infelizmente a corrupção do nosso velho mundo estorvará a acção dos nossos missionários. O canal de Suez, todavia, ajudará entretanto poderosamente o desenvolvimento das missões da Ásia que acabarão por dar a Cristo todo esse continente.

## O DESERTO

17 de Março. Kantara. O deserto. Do Egipto à Palestina, seguiremos a estrada do deserto. É a estrada seguida pelos Patriarcas Jacob, José e os irmãos de José. É a

estrada / (138) de Sesóstris, de Alexandre Magno, do Califa Omar e de Bonaparte. Mas é especialmente a estrada da Sagrada Família, a estrada da fuga para o Egito. Por este motivo, ela é uma estrada sagrada, já são os Lugares Santos.

Imediatamente após o acampamento de Kantara, é o deserto. É uma planície sem limites, com alguns tufos de tamargueiras que o deserto não respeita. A estrada é bem traçada e frequentada. Esqueletos de animais de carga marcam-na e sulcam-na. Chegam numerosas caravanas. Árabes e Sírios guiam os seus rebanhos de carneiros, cabras e vacas. Os Sírios são de um tipo muito diferente do dos Árabes. Parecem-se mais com os Judeus. Têm o nariz arqueado, os olhos castanhos, a barba abundante e muitas vezes cabelo louro.

Após a nossa paragem para o almoço, o deserto toma um aspecto mais grandioso. As areias nuas e largamente espalhadas em todos os sentidos, os bosques de palmeiras que crescem numa dobra do terreno, aí está o verdadeiro deserto, / (139) com a sua imensidão que eleva até Deus, e os seus oásis que nos ligam de novo à terra. À noite, levantámos a tenda ao pé de um monte de areia.

18 de Março. Pela manhã, encontramos o oásis de Katych, a antiga Pentaschoenen. Há algumas palmeiras, um poço e sepulcros. A maior parte dos poços ao longo do caminho foram entupidos com areia pelos árabes a quando da passagem do Bonaparte. Encontramos poucas caravanas. Ninguém nos molesta. Apenas um Sírio se dirige a nós para pedir o bagchich. Mal recebido e chicoteado pelo meu companheiro por causa da sua impertinência, ele puxa do sabre para se vingar, mas um dos nossos cameleiros acalma-o.

Durante a noite acampamos mesmo na estrada. Um chacal vem cheirar as nossas provisões.

19 de Março. Encontramos só um oásis; que nos abriga durante o almoço. Os terrenos ondulados semeados de tamargueiras alternam-se com planícies nuas que se parecem com o leito de um lago ressequido.

20 de Março. Hoje devemos chegar / (140) a El-Arich, o que será o fim do deserto. Os nossos homens sentem grande alegria. Vestem, desde manhã, os seus fatos festivos. Mas esses vestidos de seda bem se vê que cobrem farrapos.

Alcançamos El-Arich às 4h. É a cidade triste e solene do deserto. Tem a sua cidadela reforçada por quatro torres, com alguns canhões ferrugentos nas frestas. Pobres casebres formam a cidade. Uma mesquita arruinada tem algumas colunas antigas. Não há culturas nem vegetação. De que poderão viver as 1.500 almas que vivem nesta aldeia? Os homens são camelheiros e condutores de gado no deserto, e depois a pouca distância, ao pé do mar, encontra-se uma verdadeira floresta de palmeiras que se estenda ao longo da costa, e algumas culturas apoiadas por alguns poços.

21 de Março. Os passaportes, fim do deserto. Formalidades maçadoras. O médico do forte deve certificar-se da nossa saúde. O Mudir ou governador deve assinar os nossos passaportes mas ele só se levanta, dizem-nos / (141), ao meio-dia. Perdemos meia jornada. E ainda temos de lutar, à partida, com um Beduíno que reclama 5 francos por passageiro para a portagem do deserto. O meu companheiro e cozinheiro empurraram-no e chicoteiam-no, e ele deixa-nos em paz. Após 7h de marcha, chegamos ao fim do deserto. Encontramos alguns magros campos de trigo e um acampamento de Beduínos.

Cinco dias passados no deserto tinham-nos permitido apreciar os seus aspectos imponentes, as suas austeras grandezas e alguns dos sofrimentos que impõe aos seus hóspedes. O vento de Kamsin soprou durante dois dias, respirávamos um ar ardente carregado de um pó fino e penetrante. O vento tão temido pelas caravanas seca a água mesmo através dos odres que a contêm. Assim no dia em que chegámos a El-Arich tivemos de comer as nossas conservas sem nos podermos refrescar. Mas estes pequenos sofrimentos são bem depressa esquecidos. / (142)

## PALESTINA E SÍRIA

22-25 de Março. Gaza. Eleutherópolis. A fonte de S. Filipe. Jerusalém (Incidentes de fronteiras).

De El-Arich a Kan Jounes (a antiga Rafeia) tínhamos passado da África para a Ásia, e do território egípcio para o território turco. Um incidente de fronteira por pouco não interrompia bruscamente a nossa viagem. O Sultão estabelecera um cordão sanitário rigoroso. Um indivíduo pediu-nos o nosso atestado de saúde passado pelos médicos egípcios. Nós tínhamo-lo. Chamam isso de "Patenta". É uma palavra italiana. O meu companheiro não percebeu e chicoteou esse importuno, que, aliás, não vestia nenhuma

farda oficial. Acontece que era um soldado do Grão Turco. O caso era grave: chicotear um soldado do Nizan. O oficial do posto decidiu que iriam prender-nos primeiro, para nos enviar depois para Constantinopla. O caso virava-se para o trágico. Eu / (143) parlatei, tanto por meio de intérprete como pelas poucas palavras de árabe que sabia. Ofereci uma compensação monetária ao soldado. Mas este resistiu e achou que a honra dum soldado turco valia mais que o dinheiro. Bravo, tais sentimentos só merecem louvores. Finalmente consegui fazer valer o facto de que o soldado não vestia a farda, o que mudava completamente a questão, e que o meu companheiro não tinha percebido que lhe pediam a “Patenta”, mas que ele julgava estar a confrontar-se com um vulgar pedinte. Deixaram-nos livres após uma hora. Mas, durante uns momentos, pensei que em vez de passar as festas da Páscoa nos Lugares santos, iríamos passá-los em Istambul.

Chegamos a Gaza só à noite e tivemos de acampar fora da cidade.

## GAZA

Gaza apresenta-se graciosa e pitoresca, especialmente para quem vem do deserto. Uma cidade nova cresce na planície, mas a cidade velha / (144) sobre a sua colina rodeada por um cordão de vegetação, é a única interessante. Tem monumentos da época cristã e da época árabe. A sua mesquita é uma antiga igreja ogival. O Serái é um palácio árabe, no género dos do Cairo e da Sicília. A cada passo encontram-se recordações de Sansão. Aqui é o seu sepulcro, segundo a Tradição árabe; acolá, à entrada da cidade, estão as portas, que ele arrancou e carregou até ao alto da colina a Leste. Na cidade erguia-se o templo dos Filisteus que o herói hebreu derrubou.

Uma outra mesquita aproveitou colinas de granito provenientes de uma igreja bizantina. A planície de Gaza é duma grande fertilidade. De tarde encontrámos nuvens de gafanhotos, uma praga para o país. À noite acampamos ainda no campo.

## 24 DE MARÇO. ELEUTERÓPOLIS

Guvrin (em Eleuterópolis) tem também ruínas duma igreja ogival de lindíssima apresentação. Os Cruzados / (145) tinham coberto a Palestina com belas igrejas. Mas o principal interesse de Guvrin são as suas numerosas grutas cavadas na montanha e

formando salas variadas, profundas, que se seguem umas às outras e formam verdadeiros labirintos.

Estas grutas devem ter servido de morada ou de refúgio durante as guerras das diversas épocas. Aí também um incidente causou-nos uma emoção bem viva. Quando estávamos a subir duma dessas grutas, um grupo de Beduínos de má catadura apontava-nos espingardas na entrada. Eu era o primeiro; tinha confiança na Providência; avançava sorridente. A minha atitude desconcertou-os e retiraram-se. Os nossos bons anjos protegeram-nos também desta vez.

25 DE MARÇO DE 1865. JERUSALÉM!!!

Quisemos fazer a pé a última jornada de caminho, para chegar como verdadeiros peregrinos. Pelo caminho, encontrámos a fonte onde S. Filipe baptizou o eunuco de Candace. A Judeia / (146) revelava-se aos nossos olhos com a aridez das suas colinas desarborizadas. Estávamos profundamente emocionados, pensando que em breve veríamos Jerusalém. Chegamos ao convento grego da Santa Cruz. Está rodeado do Olivais. Foi daí, dizem-nos, que foi tirado o madeiro da Cruz.

Depois de S. Cruz, Jerusalém apareceu-nos com as suas cúpulas e com a sua cerca ameada. Caímos de joelhos e rezamos por uns momentos. É este o lugar da nossa redenção, o lugar onde Nosso Senhor manifestou o Seu grande amor dando a Sua vida por nós.

Jerusalém ergue-se sobre várias colinas e domina por três lados ravinas profundas e pitorescas. A Leste, a colina das Oliveiras ergue a sua mesquita branca por sobre as suas encostas verdejantes. Ao Norte, ai de mim!..., as construções russas têm um ar de grandeza que faz mal aos católicos quando a olham. A cidade é rodeada de muralhas cinzentas, ameadas, flanqueadas por torres. / (147) Um ângulo saliente, no Oeste, contém a torre de David e a porta de Jaffa. É para lá que nos dirigimos. Por dentro, as ruas conservam o seu aspecto da Idade Média; várias estão cobertas com abóbadas ogivais. Parece que os Francos acabam de largar a sua conquista. Instalamo-nos no convento latino (La Casa Nuova) onde os bons Franciscanos nos darão hospitalidade durante 15 dias.

## A VIA DOLOROSA E O S. SEPULCRO.

26 de Março. A via dolorosa. O S. Sepulcro. Continuo a fazer a minha narração dia por dia; considero esses dias tão importantes para minha vida! Eles fortaleceram tanto a minha fé! Deixaram-me recordações tão comovedoras! Forneceram-me tantos elementos para instruir e edificar nas minhas conversas e nos meus sermões!

O nosso primeiro dia foi para a Via-sacra e para o S. Sepulcro. Eu dava demasiada importância à arquitectura; todavia, graças a Deus / (148), fazia a visita rezando, e sentia-me mais peregrino que turista.

Assisti à Missa celebrada por um missionário das Índias na capela da Flagelação, pequeno santuário venerado desde tempos bem recuados, visto que conservou algumas colunas dos séculos VII e VIII. Daí, passando a porta de S. Estêvão, íamos deitar uma olhadela sobre o vale do Cédron e sobre o monte das Oliveiras. Quantas recordações acumuladas em tão pequeno espaço! Em baixo, do outro lado do terreno ressequido, uma cerca de muros encerra as oliveiras do Getsémani: propriamente falando, é aí que começa a Via-sacra. Voltámos para trás, deixando à esquerda a esplanada do templo e seguindo o caminho dos tormentos (Via dolorosa).

Eis à esquerda o palácio de Pilatos; agora são casernas, os cristãos têm aí uma capelita; à direita, a capela da Flagelação; mais longe, o arco do Ecce Homo, porta triunfal de estilo romano; mais longe as recordações / (149) da primeira queda, do encontro com Maria, da casa de Verónica. Uma coluna indica o lugar da porta judiciária. Fora dela, o caminho subia para o Gólgota.

Senhor Jesus, escrevendo estas recordações, eu refaço em espírito este caminho da cruz, e vos ofereço de novo todos os méritos da vossa Paixão para a expiação dos meus pecados.

O S. Sepulcro! Que outro edifício no mundo oferece maiores recordações!? Foi aí, sobre esse rochedo, que Cristo foi crucificado; foi aí mais em baixo que Ele foi posto no sepulcro. Ele morreu por nós, para expiar os nossos pecados, para salvar as nossas almas. Mas não é logo numa primeira visita que se pode meditar com calma estes mistérios. Há primeiramente uma emoção profunda, um esmagamento, um frémito misterioso que arrebatava o pobre peregrino; será preciso voltar lá muitas vezes, rezar, reflectir, comungar, assistir ao S. Sacrifício, para saborear as graças deste santuário, e

por toda a vida, a lembrança desses santos lugares / (150) nos ajudará na contemplação dos mistérios da nossa salvação.

Um adro precede o S. Sepulcro. Uma dupla porta ogival lhe dá entrada. É um belo portal construído pelos Cruzados, mas onde se encontram colunas bizantinas e fragmentos de cornijas romanas. Desde Constantino, esta igreja foi constantemente remodelada e os restos antigos foram utilizados.

O interior da igreja é muito irregular. Há lá como que vários edifícios reunidos. A grande cúpula abriga o S. Sepulcro. A nave dos Gregos a Leste tem também a sua cúpula. A sudeste é a capela do Calvário, a Norte a de S. Helena e da invenção da Cruz.

A grande cúpula estava tão arruinada que chovia como na rua, porque não era possível haver acordo entre Latinos e Gregos para saber quem devia restaurá-la. Este pobre santuário tornou-se na verdade, pelo passar dos tempos, o domínio partilhado e disputado por todos os ritos e por todas as raças. Os Latinos católicos e / (151) os Gregos cismáticos têm a parte maior, mas diversos outros ritos têm aí os seus altares. O S. Sepulcro é comum, e os vários ritos aí celebram nas suas próprias horas. O policiamento sobre todas as raças é feito, infelizmente, pelos turcos. Que dolorosa impressão se sente ao ver o S. Sepulcro de Cristo submetido a todas estas lutas, e ao ver todos os ritos partilharem os direitos da Igreja Católica. Aí é que se sente bem como Deus é paciente e como Ele tem o tempo do Seu lado.

#### O RECINTO FECHADO DO TEMPLO – SEPULCROS DE SAMUEL E DOS JUÍZES.

27 de Março. Começamos alguns passeios para ver o conjunto da cidade. Saímos pela porta chamada de S. Estêvão. Mais tarde descobriram-se os restos da Basílica de S. Estêvão do lado da porta de Damasco. Junto da porta S. Estêvão, no lado de dentro, uma grande piscina rodeada de arcadas passa por ser a Piscina probática, que foi testemunha da bondade do Senhor para com o parálítico. / (152)

Fora da porta começa o recinto do Templo, que nós seguimos a Leste e a Sul até à porta dos Barbarescos. As primeiras bases deste recinto são de Salomão; são grandes e belas pedras, um pouco irregulares, e bojudas. Eram estas pedras que faziam a admiração do Senhor e dos Apóstolos. A parte alta do muro foi refeita pelos Cruzados e pelos Árabes. O recinto do templo fora destruído com o próprio templo, no tempo de Tito,

segundo a profecia de Nosso Senhor. A Leste, também se encontra a Porta dourada, dupla porta arqueada de estilo romano, hoje murada.

De tarde, saímos pela porta de Jaffa; desse lado, o recinto é todo da Idade Média. Passamos diante do convento russo. Ai! Essas construções russas acusavam já pretensões de domínio que aumentaram ainda mais desse tempo para cá. Íamos visitar os sepulcros atribuídos a Samuel e aos Juízes. São sepulcros / (153) de família, salas cavadas na rocha, com colunas, e um lintel ornado de rosas e de papoilas na frontaria. Será isso muito antigo? Não será da época romana? Parece que além do templo de Salomão, os judeus não tenham tido uma grande arte, capaz de suportar a comparação com o Egípto, a Grécia e Índia e, infelizmente, desse templo, só restam as bases e o pavimento.

#### OS SEPULCROS DOS REIS - O VALE DE JOSAFAT - GETSÉMANI

28 de Março. Os sepulcros dos Reis, a alguma distância dos dos Juízes são mais interessantes e mais autênticos. Do ponto de vista histórico, bem poucos reis de Judá merecem louvores. Porém, são os antepassados de Cristo e eu inclino-me a pensar que Deus lhes terá perdoado. A igreja costuma representá-los nos seus templos nas árvores simbólicas de Jessé. Do ponto de vista artístico, esses sepulcros, no seu interior, são simples câmaras sepulcrais / (154) sem ornamentação, mas a sua fachada tem um cunho particular. O friso apresenta no centro um cacho de uvas entre duas coroas e, aos lados, palmeiras e tríglifos. A entrada, dividida por duas colunas, é rodeada por uma grinalda.

De tarde, visitamos o vale de Josafat. Mal saímos da porta de S. Estêvão, desfrutamos de uma vista imponente. Diante de nós temos o monte das Oliveiras, coroado pela mesquita da Ascensão; os seus pés, o jardim da Agonia, o túmulo da S. Virgem; nas encostas que fecham o vale, à direita, os sepulcros dos judeus apertados como os quadrados dum tabuleiro de damas; à esquerda as dos muçulmanos com uma floresta de estelas em pedra; no fundo da garganta, os sepulcros históricos de Absalão, de Zacarias e dos Profetas. É um imenso cemitério que bem se presta a tornar-se a figura bíblica do palco do juízo universal.

Este vale está cheio de / (155) recordações do Salvador; só tremendo de emoção se pode fazer esta visita. Ele passava por aqui para ir a Betânia e voltar. Aqui foi Ele

recebido em triunfo. Aqui Ele sofreu a Sua agonia, aqui Ele foi atraindo e entregue. Foi aqui também, no alto do monte, que Ele disse adeus aos discípulos para subir aos céus. Eu voltaria várias vezes a ver estes lugares testemunhas de tão grandes mistérios! Eles ficaram-me bem gravados no espírito. A lembrança deles é para mim uma nova ocasião para oferecer a Jesus os actos de amor, de gratidão e de contrição que esses grandes mistérios suscitam. Sinto-me feliz por fazer tantas peregrinações espirituais, ao escrever esta narração.

O sepulcro de Absalão continuou odioso para os judeus; é o sepulcro do filho mau. Lançam-lhe pedras ao passar; fui testemunha disso. Como arte, é uma mistura dos estilos jónico e dórico; o friso está adornado de tríglifos; a cornija / (156) tem um cunho egípcio. Uma espécie de cilindro coroa este sepulcro. Tem alguma analogia com o de Terão em Agrigento. Há um parentesco evidente entre a arte judaica da época dos Reis, por aquilo que se pode avaliar pelos monumentos que dela ficam, e a arte primitiva do Egipto, da Grécia, da Etrúria. O dórico encontra-se em toda a parte como elemento primitivo.

A quarta parte destes sepulcros é monolítica, é maciça, e não tem escavação. É antes um monumento comemorativo, mais do que um sepulcro. Estes dados adaptam-se bem ao sepulcro de Zacarias. Jesus censurou aos judeus de lapidarem os Profetas, e de lhes construir depois monumentos sepulcrais.

O jardim do Getsémani conta nove oliveiras seculares que a tradição tem por contemporâneas de Jesus. Os Franciscanos têm um piedoso cuidado com estas árvores tão veneráveis. Mais acima do jardim, vêem-se as pedras onde dormiam os Apóstolos; uma coluna indica / (157) o lugar do beijo de Judas e a grande gruta da agonia: lugares sagrados que pisamos, tremendo. Faz-nos bem rezar e reflectir aí, especialmente na solidão da manhã ou da tarde. A fantasia facilmente reconstitui aí os mistérios sagrados da Paixão e a alma pode entregar-se às suas impressões e dizer ao seu Salvador todo o seu amor e toda a sua gratidão.

#### O TEMPLO – SANTA ANA – A TORRE DE DAVID

29 de Março. Temos a autorização para visitar o Templo. Chegámos lá às 6 da manhã. Essa hora matinal é fixada pelo paxá; é uma medida precaucional por causa do

fanatismo dos muçulmanos, os quais não suportam que os Giaurs<sup>77</sup> entrem nas suas mesquitas santas.

Acompanhavam-nos um professor de Munique e vários Ingleses entre os quais um prelado de nome Harr. O Kawas ou suíço do consulado conduziu-nos. O piquete turco apresentou-nos armas, o que não nos impediu de receber algumas pedras lançadas por fanáticos. / (158)

O interesse nesta visita é a peregrinação ao Templo, testemunha de tantos milagres e de acontecimentos importantes. Foi aí que se deu o sacrifício de Abraão, figura do sacrifício do Calvário. Foi aí que Salomão, os reis, os profetas, o povo de Deus louvaram o Senhor e Lhe ofereceram sacrifícios durante o reinado da antiga lei. Era aí que guardavam as Tábuas da Lei do Sinai, e o maná do deserto. Foi aí que Joás triunfou de Atalia. Aí o Anjo fulminou Heliodoro. Aí os Macabeus lutaram pelo seu Deus e pela sua pátria. Aí viveu a S. Virgem na sua infância; aí Nosso Senhor confundiu os doutores; aí Ele instruiu os seus discípulos e operou muitos milagres. E aí também Deus troçou dos esforços de Julião Apóstata.

Ai de mim!..., isto é hoje uma mesquita onde os muçulmanos honram Abraão seu pai, Maomé seu profeta, Omar seu chefe vitorioso. / (159)

Do próprio Templo não fica pedra sobre pedra. Tito mandou-o arrasar. Mas ficam os alicerces, a terraplanagem, o pavimento e alguns restos do recinto, especialmente a Oeste onde os Judeus vão chorar.

O monumento principal, a mesquita de Omar, é rodeado por diversos pequenos monumentos espalhados, tais como pilones ogivais, túmulos de santas personagens, fontanários. Uma graciosa edícula árabe, rodeada por um pórtico, é chamada Tribunal de David. A mesquita é árabe. É um octógono, género dos baptistérios bizantinos; a parte baixa é revestida de mármore, a alta de faianças em que predominam os tons azuis. A cúpula é coberta de chumbo. Quatro pequenos alpendres precedem a porta. No interior a cúpula repousa sobre quatro pilares e doze colunas; rodeada por uma dupla galeria octogonal. As colunas provêm de edifícios bizantinos, são desiguais e mal colocadas. Os arcos e o tambor da cúpula / (160) são ornamentados com mosaicos de fundo ouro que representam graciosas folhagens.

---

<sup>77</sup> Giaurs, nome que os Turcos davam a todos os infiéis, e em particular aos cristãos.

Em conclusão, este edifício relaciona-se com os de Ravena, dos séculos VI e VII. Nada faz lembrar a planta e as disposições do Antigo Templo que devia parecer-se um pouco com os do Egipto. Uma rocha no centro da mesquita passa por ser a pedra do sacrifício de Abraão. Desce-se por baixo dela. Os Árabes crêem ingenuamente que ela esteja suspensa no ar, sem apoios.

No extremo da esplanada e a cavalo sobre um muro da cerca, encontra-se outro edifício que também se tornou mesquita, mas que era antes a igreja da Apresentação, construída pelos Cruzados. É uma bonita igreja ogival do século XII, com sete naves: a nave central é mais alta e mais larga que as outras. Quando virá o dia em que estes lugares, testemunhas dos principais mistérios da vida de Cristo, serão arrancados aos Muçulmanos? / (161)

Os terraços construídos no ângulo sudeste por Salomão, para alargar o monte Moriah são extraordinariamente notáveis. Descendo por debaixo do lajedo do pavimento, encontram-se vastos subterrâneos, galerias que têm quinze fileiras de pilares em dez. Os muros exteriores desta parte subterrânea, e as bases dos pilares em blocos ciclópicos devem ser obra de Salomão. As abóbadas devem ter sido refeitas por Justiniano.

A igreja de St<sup>a</sup>. Ana no bairro de Bezetha estava a ser restaurada. Depois da guerra da Crimeia foi doada à França. Uma gruta conservada no seu estado natural debaixo do coro, dizem que fez parte da casa de St<sup>a</sup>. Ana. A igreja é ogival, data dos Cruzados, voltada para o Oriente; tem três naves e três absides bem desenhadas.

Daí passámos para a cidadela. A torre de David, grande torre quadrada cuja construção, até meia altura, é de Salomão, tornou-se na Idade Média como a torre de menagem duma fortaleza feudal. / (162) Foi envolvida com uma cerca com fosso e ponte levadiça. Os Israelitas vangloriavam-se desta bela torre branca que era a força e a defesa de Sião. A igreja fez dela um símbolo da Virgem Maria, que é a sua força e a sua defesa.

Durante a tarde fizemos um estudo das muralhas sucessivas de Jerusalém. Evidentemente a cidade cresceu sempre para Norte, e é para esse lado ainda que ela cresce hoje. A primeira cerca não deixa dúvidas: Incluía o monte Sião inteiro, a ponta do Ofel e o monte Máriah! Terminava a Norte da torre de David, que estava ligada directamente à porta ocidental do Templo.

Toda a importância da controvérsia cai sobre a segunda cerca, por causa da autenticidade do S. Sepulcro. Pesquisas conscienciosas, feitas pouco tempo antes da nossa viagem, reconheceram os restos dela. Partia da porta de Gennath ou dos jardins, por baixo dos bazares / (163) actuais perto do ângulo sudeste do hospital de S. João. Um arco meio enterrado deve ter pertencido a essa porta.

Mais a Norte, a cem metros para baixo do S. Sepulcro, encontra-se, num pátio, a base dum bastião quadrado com alguns restos duma grande construção em pedra saliente. Dum lado estão as colunas da porta judiciária. Frente a essas colunas, por baixo do consulado de França, há alguns socalcos antigos. Há outros no convento das Damas de Sião. Finalmente, atrás da igreja de St<sup>a</sup>. Ana, foi descoberto o ângulo dum bastião. Estes diversos marcos determinam a segunda cerca e provam a autenticidade do S. Sepulcro. O Gólgota era de facto nos jardins a um tiro de pedra da segunda cerca.

A terceira cerca tem muito menos importância histórica. Corresponde mais ou menos à muralha de hoje.

Fizemos no mesmo dia duas boas visitas: uma ao Sr. Lafont, chanceler do consulado; a outra ao Rev. / (164) Padre Vigário do convento de S. Salvador. Este bom padre, natural da Córsega, acolheu-nos amavelmente e deu-nos algumas relíquias.

O cônsul, o Sr. De Barrère, tinha partido para França onde esperava obter do governo a fundação dum hospício francês em Jerusalém. O Sr. Lafont teve a amabilidade de fazer-nos passar pela cidade, para estudar connosco o assunto das cercas. Era arqueólogo e católico praticante.

## SÃO SABAS

30 de Março. Pomo-nos a caminho para a excursão ao mar Morto. Temos um drogman<sup>78</sup> maronita chamado Jorge, bons cavalos de sela que galopariam facilmente mais do que nós queríamos, e cavalos de carga para a tenda e as bagagens. Saídos pela porta de Jaffa descemos o vale de Gihon, rodeamos o monte Sião e em Siloam tomamos o vale do Cédron para segui-lo quase constantemente. A estrada é simplesmente / (165) uma vereda mal traçada. A torrente não tem água, o leito em muitas partes é cultivado.

---

<sup>78</sup> Cf. Nota 1, pág.75 - intérprete.

As colinas são gredosas e áridas. Toda a palestina é assim hoje. Trazemos uma escolta de quatro Beduínos a pé, armados com longas carabinas. Após uma hora de marcha encontramos um acampamento de Árabes: tendas negras, baixas, quadradas, mulheres e crianças esfarrapadas, numerosos rebanhos nas montanhas em redor. É um exemplo de vida nómada.

Em breve o vale é só uma garganta profunda, estreita e selvagem, uma paragem deserta, silenciosa e solene, aberta pela própria água através das estratificações calcárias. Estes ambientes austeros falam à imaginação e são apropriados para o retiro e a oração. Os ascetas dos primeiros séculos tinham escolhido a solidão das cavernas desta garganta. Mais tarde reuniram-se para assumir uma vida monástica. Daí surgiu esse mosteiro imponente e pitoresco que nos apareceu / (166) de repente ao sairmos da ravina. É uma verdadeira fortaleza, e contudo os muros nem sempre foram suficientes para proteger os habitantes que várias vezes foram vítimas da impiedade e da avidez dos Árabes. Os bons monges de hoje, infelizmente cismáticos, têm a prudência de não abrir a pequena porta de ferro a qualquer um que chega. Eles baixam primeiro do alto dos muros uma cesta na qual os visitantes devem colocar as suas cartas de recomendação. Nós estávamos munidos duma carta do seu patriarca. Abriram-nos graciosamente e ofereceram-nos o “araki” e o café. Os Russos ajudam esta comunidade e o bem-estar reina nela. As construções estão sobrepostas nas duas margens da ravina.

A igreja principal é ogival e parece datar do século XII; tem uma cúpula por cima do coro. Uma capelinha octogonal cobre o sepulcro de S. Sabas. Uma gruta, na extremidade do mosteiro, é muito venerada; lá vivia S. Sabas, na companhia de um leão. / (167) Os bons monges cultivam alguns frutos e legumes nos seus terraços. Possuem uma única palmeira secular. Ainda há lá 60 monges. Parecem cumpridores, e cantam Matinas antes do dia. Não são eruditos. A sua biblioteca é rica em manuscritos, mas a chave é guardada pelo patriarca, em Jerusalém.

## O MAR MORTO - O JORDÃO

31 de Março. Após uma hora e meia de marcha por colinas quase áridas, o mar Morto apareceu-nos com a sua coroa de montanhas sombrias e escavadas de barrancos pelas tempestades; mas precisámos ainda de quatro horas para alcançarmos a margem.

A descida é longa. Enfiamo-nos num desfiladeiro estreito e selvagem. Avista-se ao longe o Nebi-Monça, a montanha de Moisés, com um monumento árabe no alto. Quantas recordações reúnem esta terra privilegiada! Quando nos estávamos a aproximar do mar, os nossos Beduínos avistaram um grupo de cavaleiros e queriam fugir e arrastar-nos atrás deles. / (168) Nós resistimos, com confiança, e logo reconhecemos que os cavaleiros não eram salteadores, mas simples turistas como nós. Em conclusão, eu não sei para que nos servia essa escolta.

As margens do mar estão todas impregnadas de sal; mesmo assim, ainda se encontram algumas plantas. A água é clara, transparente e enganadora. Ela é pegajosa. Pode-se tomar banho facilmente, a sua densidade não deixa ninguém afogar-se. Mas sai-se dela totalmente enfarinhados de sal. Esta água tem um sabor a Sodoma e Gomorra.

Depois do almoço sobre a areia, partíamos para o Jordão. Atravessámos nuvens de gafanhotos. O Jordão está encaixado nas suas margens. A alguma distância já não se vê o rio, mas o seu curso é sinalizado por uma faixa de vegetação. O vau onde param os peregrinos / (169) é um dos lugares mais encantadores da Palestina. Também João Baptista era artista, e escolhia bem os lugares para onde queria atrair o povo. Um belo espectáculo da natureza é próprio para elevar as almas a Deus. Foi então aí que Jesus foi baptizado, aí que S. João o reconheceu como Cordeiro de Deus, e que a SS. Trindade se revelou. Banhámo-nos com fé para renovar as graças do nosso baptismo.

A torrente é rápida nesse sítio. Uma vegetação espessa e pujante embeleza as margens, predominando os choupos e as tamargueiras. Depois do banho, dirigimo-nos a galope para Jericó, passando perto da colina de Gálgala. Acampámos durante a noite junto da fonte de Eliseu. Um acampamento Inglês estava ao pé de nós; era lorde Spencer e duas crianças, uma das quais nos foi indicada como sendo o príncipe Artur de Inglaterra.

#### JERICÓ - BETÂNIA.

1 de Abrir. A fonte de Eliseu / (170) nasce da terra na base dum outeiro. As suas águas são doces; dividem-se em dois regatos que vão regar a planície e os seus bosques. Jericó já não tem as suas palmeiras históricas. As matas da planície compõem-se de figueiras, lotos, rícinos, macieiras de Gomorra, e árvores de bálsamo.

O outeiro que domina a nascente oferece um lindo panorama. Primeiro, é a fértil planície de Jericó, depois o curso do Jordão e as linhas sombrias das montanhas que encerram o vale. Ao norte, é o monte Quarentena com a gruta do Salvador e numerosos ermitérios. Foi aí que o Salvador rezou e jejuou. Ofereço a Deus estes tesouros de mérito pelo perdão dos meus pecados.

Subindo de novo para Jerusalém encontramos uma caravana pitoresca de peregrinos gregos e russos. Eles são um bom milhar que se vão banhar no Jordão. Uns são Levantinos, vestidos muitas vezes de / (171) azul, com calças largas. Os outros são Russos de aparência larga, longos cabelos lisos abertos a meio da cabeça; estão vestidos e enfeitados de peles e parecem deslocados neste clima. Muitos iam a pé, as mulheres e as crianças tinham cavalos, mulas e burros. O seu desfilar durou três boas horas. Nós deplorávamos o número reduzido de peregrinos católicos aos Lugares Santos, mas desde então, graças a Deus, eles multiplicaram-se.

Após algumas horas de caminho por montes e vales, chegávamos a Betânia, a amável pátria dos amigos do Salvador. Ficámos agradavelmente surpreendidos à vista desta colina ridente, plantada de oliveiras, figueiras, damasqueiros, e outras árvores frescas e floridas. No cimo, há uma aldeiazinha muçulmana coroada pelas ruínas dum castelo que tem alguns alicerces hebraicos. Abaixo da aldeia, ao sul, na encosta da colina, está o sepulcro de Lázaro. / (172)

Uma estreita escadaria desce a uma salita ogival onde se encontra um altar. Daí desce-se por um corredor para outra salinha abobadada que é o sepulcro propriamente dito. Não há nada mais emocionante do que as recordações de Betânia. Parámos no alto da aldeia, nas estradas para a Galileia, para lermos o capítulo XI de S. João e reconstituir a cena tão dramática que aí se passou quando Marta e Maria vieram sucessivamente para junto do Salvador e quando Nosso Senhor, vendo-as chorar e pensando no seu amigo Lázaro começou a chorar ele próprio (infremuit spiritu et turbavit seipsum)<sup>79</sup>. Aí nós compreendemos bem a ternura do Coração de Jesus.

Voltámos à noite a Jerusalém pelo caminho que Nosso Senhor seguiu tantas vezes.

---

<sup>79</sup> Jo. 11, 33.

2 de Abril. Dia de descanso. Um missionário capuchinho holandês fala-nos dos progressos da Igreja no seu país. Os pastores / (173) protestantes, diz-nos ele, são ateus ou teístas e o povo abandona-os.

#### SILOÉ - A GEENA - HACÉLDAMA - SIÃO - OS LEPROSOS

3 de Abril. A aldeia de Siloam, escalonada sobre os terraços rochosos do flanco oriental do vale de Josafát tem o aspecto mais pitoresco que a fantasia possa imaginar. Na aparência é um ninho de águia, na realidade parece ser um ninho de salteadores. Ainda se nota um pequeno templo que teria sido dedicado aos ídolos por Salomão. A fonte dita da S. Virgem, no vale, é com toda a certeza o depósito de Salomão descrito por Josefo e por ele colocado entre o muro do Templo e a piscina de Siloé. A água da piscina rega os admiráveis jardins que sucederam aos de Salomão e onde abundam ainda as flores, os legumes e as frutas. Mais abaixo encontra-se a amoreira secular que assinala o lugar do martírio de Isaías, e o poço de Job. Daí, que vista deslumbrante sobre o vale de Josafát! É um quadro variado, / (174) bem preenchido e distribuído pela natureza melhor ainda do que a arte o teria feito. Em primeiro plano estão os jardins; à direita a aldeia toda oriental de Siloam, coroada de oliveiras; à esquerda, a colina do Ofel, a bela muralha do Templo e as cúpulas de Jerusalém; em frente, é a perspectiva do vale, fechado pelo sepulcro piramidal de Absalão que se destaca sobre o fundo verde do monte das Oliveiras.

Deste ponto, subimos para Norte pela Geena, vale triste, esburacado por túmulos, árido e sem vida. Lá no alto uma abóbada ogival com dois arcos cobre o campito do oleiro, o Hacéldama, cuja terra foi levada para a Europa por Santa Helena.

Por cima deste campo está o monte do Mau conselho onde Caifás tinha uma “villa”. Desfruta-se daí uma vista imponente que se estende até S. João do deserto, ao vale das Rosas e até às montanhas do Mar Morto.

Daí, descemos até à vasta / (175) piscina inferior do vale de Gihon, que deve ser a antiga piscina de Betsabeia.

De tarde visitávamos o convento dos Arménios e o Cenáculo. O convento dos Arménios está construído sobre o local da casa de Caifás; pelo menos, assim diz a

tradição. Aí mostra-se a prisão de Nosso Senhor e o lugar da negação de S. Pedro. Fizemos aí uma boa oração, no espírito desses mistérios.

No Cenáculo, um vasto estabelecimento muçulmano tomou o lugar, infelizmente, do mosteiro franciscano. Uma sala ogival do século XIV tem dois espaços e está no lugar da última ceia. Há no mundo um lugar mais venerável e mais comovedor? Foi aí que Nosso Senhor nos amou “usque in finem”<sup>80</sup>. Foi aí que a Igreja nasceu no Pentecostes. Porque terá sido necessário que a divisão entre cristãos deixasse cair este santuário nas mãos dos muçulmanos!

Voltando, passámos diante / (176) dos leprosos que vivem nalguns pardieiros fora da porta de Sião. Eram uns vinte. É um espectáculo horroroso. Estes infelizes têm as carnes roídas por úlceras. Esta horrorosa doença é hereditária como a tuberculose e, como ela, só se manifesta a uma certa idade.

## BELÉM

4 de Abril. Depois de termos revisto o S. Sepulcro, de termos rezado e meditado, visitámos o tesouro que tem uma bela relíquia da verdadeira cruz e a gloriosa espada e as esporas douradas de Godofredo de Bulhões, o mais valente e o mais humilde dos Cruzados. Não conheço suficientemente a vida de Godofredo para poder prever se a Igreja o colocará um dia sobre os altares, mas o que eu sei dele leva-me a invocá-lo como um santo. Coloco-o com muito gosto ao lado de S. Luís, de Joana d’Arc e de Cristóvão Colombo.

Depois desta visita partíamos para Belém. Passada a montanha / (177) do Mau Conselho é preciso seguir um longo planalto para chegar a Belém. A cidade de David está no extremo dum semicírculo de montanhas. É uma desordem de casas cinzentas de coberturas de terraço, e parecidas a tantas torres com um balcão no primeiro andar. A igreja da Natividade é apenas visível, no meio dos imensos conventos que a rodeiam. Ela ocupa a extremidade da colina. Antes de lá chegar, passa-se pela aldeia dos Pastores. Foi aí que Booz acolheu Rute, Os campos ainda produzem bom trigo todos os anos. Um bom sacerdote de Lião fixou-se aí, em Bethsur; converteu alguns Gregos. Construiu pouco a pouco casa, igreja e escola; mostrou-nos os frutos admiráveis que obtém neste

solo aparentemente pedregoso e árido. Foi também aí que os pastores souberam, pelos anjos, do nascimento do Salvador. Que recordação comovedora!

Chegando a Belém, encontra-se / (178) a gruta do leite, onde a S. Virgem teria parado e o sepulcro de Raquel, o que fez dizer ao Profeta anunciando o massacre dos inocentes de Belém: “Rachel plorans filios suos”<sup>81</sup>.

A igreja da Natividade é uma bela basílica constantiniana, de cinco naves. As suas colunas monolíticas em mármore vermelho são coroadas de capitéis coríntios. Os mosaicos parecem posteriores, de vários séculos, à igreja. Representam vários mistérios da vida de Nosso Senhor. Esta nave, infelizmente, é disputada entre latinos e gregos.

A cripta conservou, em grande parte, o aspecto original. Há várias grutas consecutivas: a de S. Jerónimo, a dos Santos Inocentes, a da Natividade.

Foi então aí que nasceu o nosso Jesus! Há, porventura, no mundo algum lugar que fale tão docemente ao coração? Eu compreendo S. Jerónimo: ele não conseguia apartar-se daí. Aí / (179) se fixou, para aí atraiu o que a aristocracia romana tinha de mais distinto, nomeadamente S. Paulo e St<sup>a</sup>. Eustóquia. Com que felicidade recebi o meu Salvador na sagrada comunhão no próprio lugar do seu nascimento!

#### O MONTE DOS FRANCOS - HADULLAM - HEBRON

5 de Abril. Depois da santa missa montamos o cavalo, para Hebron. Íamos andando por montes e vales em direcção a um cone de aparência vulcânica. A região é nua, quase inculta, pedregosa e sem árvores. O abandono dos poios e das plantações permitiu, às chuvas, pôr a nu as rochas das montanhas e, da fértil terra produtiva, ficou só o esqueleto, como os Profetas tinham anunciado. Perto deste cone, ao Norte, estão os fundamentos de um palácio que deveria ser o Heródium. No cimo encontra-se a planta dum castelo franco que tinha três torres e um torreão. De lá, a vista espraia-se até ao mar Morto, à região de Belém e ao planalto de Engaddi.

Ao sul várias aldeias de Beduínos / (180) parecem ser acampamentos de guerreiros, cujas tendas negras estão dispostas em quadrado. É desse lado que nós

---

<sup>80</sup> “In finem dilexit eos” (Jo. 13, 11).

<sup>81</sup> Jer. 31, 15; citado por Mt. 2, 18.

descemos, juntando pelo caminho uma escolta forçada de Beduínos, mais curiosos que maus, todos armados e pedindo bagchich, mas sem exigência.

Após uma hora de cavalgada alcançamos Koreitoum, a antiga Hadullam, cujo interesse se concentra no labirinto de grutas calcárias em que David ficou escondido, no fundo de uma ravina escura e selvagem.

A uma hora de distância estão as ravinas de Thécua; encontram-se aí algumas colunas bizantinas e um baptistério monolítico.

Finalmente voltamos a encontrar terras cultivadas, um vale plantado a vinha, moitas de oliveiras; é Hebron. A cidade está espalhada em três grupos sobre os flancos dum rico vale. O interior faz lembrar Jerusalém; a ogiva é dominante, várias ruas estão cobertas. / (181) Tomamos hospedagem em casa de um Judeu cuja casa revelava bem-estar.

Da mesquita de Abraão, nós só vimos, como toda a gente, o muro de cerca. Os muçulmanos de Hebron são demasiado fanáticos para deixar entrar alguém. Que muralha admirável! Que testemunho de grandeza e de força! É um paralelogramo de 35m sobre 70, em perfeito estado de conservação. A construção é colossal, os fundamentos têm um metro de altura, certas pedras tem 9m de comprimento. Do interior só se vêem os telhados, que indicam uma igreja ogival a transepto, com rosácea, naves laterais, contrafortes e um pátio rodeado de alpendres.

É portanto aí que repousam os patriarcas Abraão, Isaque e Jacob e a cerca terá sido erguida por Salomão? Quantas recordações comovedoras! Aí descansam os principais antepassados de Nosso Senhor; e as suas relíquias, para tristeza nossa, estão em poder dos muçulmanos.

Em Hebron visitamos uma fábrica de vidro: / (182) era tudo primitivo, e parecido com o que se vê nas pinturas egípcias. À volta duma caldeira colossal, uns homens estão sentados, soprando e dando forma a pequenos objectos de vidro.

## MAMBRÉ - OS DEPÓSITOS DE SALOMÃO

6 de Abril. A Oeste de Hebron estende-se um belo e rico vale, todo plantado de vinhas e oliveiras, o vale de Mambré. No centro ergue-se o carvalho de Abraão. É um "quercus ilex" muito venerável, que mede 7,50m de circunferência.

Voltando para Belém, pelas 10h alcançamos os reservatórios de Salomão, depois de termos levado umas pedradas da parte dum insolente Beduíno.

Há lá três vastos tanques sobrepostos, cuja construção é em parte de Salomão. Aí estavam os célebres jardins de Salomão (hortus conclusus) e o seu palácio de Ethan. Aí estava também a fonte selada (fons sigillatus)<sup>82</sup>, a nascente que fornecia água aos reservatórios e aos jardins. Esta nascente chama-se hoje Raz-el-ain. Ela / (183) é protegida por salas abobadadas; a mais profunda bem poderia ser de Salomão. Esta sala tem os seus muros formados por blocos de grande acabamento, e tem uma abóbada formada por pedras que se contrabalançam, como já tínhamos visto em Micenas, na Grécia, e em Tebas no Egipto. Ainda hoje este vale tem magníficos jardins, que fazem dele um esplêndido oásis. Percebe-se aí porque Salomão, no Cântico dos Cânticos compara a sua amada ao jardim fechado e à fonte selada. Este jardim tão bonito e esta fonte tão preciosa tornaram-se símbolos graciosos da Santíssima Virgem.

Uma hora mais tarde chegávamos a Belém e, depois de jantarmos na casa dos bons Franciscanos, voltamos à noite a Jerusalém.

## JERUSALÉM: A MURALHA ONDE OS JUDEUS VÃO CHORAR<sup>83</sup>

7 de Abril. De manhã íamos à missa na capela de Nossa Senhora das Dores, no S. Sepulcro: era a festa do dia. Durante o dia íamos constatar a dor convencional / (184) dos Judeus, junto da muralha da cerca do Templo. São numerosos, uns quarenta pelo menos. A maior parte, sentados sobre os calcanhares, lêem as lamentações de Jeremias. Duas ou três mulheres beijam a muralha e parecem estar realmente a chorar. Eles vêm assim, cada semana, confirmar pelo espectáculo da sua cegueira, a realização das profecias bíblicas.

---

<sup>82</sup> "Hortus conclusus, fons signatus" (Cânt. 4,12).

<sup>83</sup> Nt. É o Muro das Lamentações famoso em todo o mundo.

Perto daí, nas construções do tribunal, os restos duma arcada indicam o lugar em que a ponte do Tyropéon e a primeira cerca ligavam o monte Moriah à cidade de David.

#### S. JOÃO DO DESERTO

8 de Abril. Fizemos a pé a excursão até S. João do Deserto. A 20 minutos de Jerusalém encontra-se o mosteiro grego da Santa Cruz. Foi aí que teria sido cortada a árvore da Cruz. Há lá uma igreja bizantina do séc. XII, bem conservada.

Uma hora depois estávamos em S. João. É um sítio agradável. O belo convento dos Franciscanos / (185) está à entrada do vale. Não longe daí ergue-se a casa das Damas de Sião, rodeada por bonitos jardins. O vale é cultivado com esmero; os seus poios são plantados de oliveiras; é um oásis. A igreja é de cruz grega, datada do séc. XVII. A cripta é venerada como lugar do nascimento de S. João Baptista. Também este mosteiro suscita a recordação de comovedores mistérios: a visita de Maria, os cânticos inspirados do Magnificat e do Benedictus, a cura milagrosa de Zacarias. É um dos santuários mais preciosos dos Lugares santos; está entregue a Franciscanos espanhóis.

A uma hora de caminho, à entrada do vale do Terebinto, está o deserto de S. João. Há lá uma gruta em que ele vivia, e uma nascente pertinho da gruta. É um lugar solitário mas gracioso, favorável à oração e à contemplação.

À entrada da aldeia, uma capela com duas naves, da época das Cruzadas, marca o lugar da visitação. À noite voltamos a Jerusalém. / (186)

#### OS RAMOS - BETÂNIA

9 de Abril. De manhã, bênção dos Ramos no S. Sepulcro por Mons. Valerga, o venerável patriarca. Prestam-se honras ao representante da França. Ele tem um ramo de palmeira ornamentado; dão-lhe a beijar o livro dos Evangelhos. Fizemos uma procissão à volta do S. Sepulcro. A ordem é mantida pelas tropas Turcas que se comportam muito dignamente.

Os Gregos tinham oficiado antes de nós; os Arménios oficiariam depois; a seguir os coptas. Na tarde fazemos de novo a peregrinação de Betânia, em recordação da entrada triunfal de Nosso Senhor.

10 de Abril. Visitamos as grandes instituições russas, muito desgostosos com o pensamento de que o governo francês não faz nada para os Lugares Santos.

#### MONTE DAS OLIVEIRAS

11 de Abril. Ao pé do monte das Oliveiras encontra-se a igreja subterrânea que contém o sepulcro da Virgem Maria. A fachada é gótica e data das Cruzadas. Na escadaria monumental que desce para esta igreja, abrem-se / (187) umas arcadas laterais onde se veneravam os sepulcros de S. Joaquim, de S. Ana, e de S. José. A igreja é uma bela nave terminada em ábside. Foi aí que se deram os comovedores mistérios da Assunção.

De lá, subimos o monte das Oliveiras para venerar o lugar da Ascensão do Salvador. Aí também, que tristeza! Como no Templo e em Sião, a antiga igreja tornou-se numa mesquita. É octogonal e com cúpula. A vista alarga-se sobre Jerusalém e sobre o vale de Cédron até ao Mar Morto e às montanhas de Moab.

Descendo, veneramos a recordação do "Credo" e o lugar onde Nosso Senhor chorou sobre Jerusalém e predisse a sua destruição. O Senhor não desdenhava lugares bonitos para elevar a alma dos seus Discípulos.

Deste lugar, a vista do Templo é lindíssima. O Senhor quis apagar com as suas lágrimas todas as faltas deste povo cujo Templo ia ser condenado à destruição. / (188)

#### JERUSALÉM – A SEMANA SANTA

12-16 Abril de 1865. Estes grandes dias da semana santa em Jerusalém são mais emocionantes do que se possa dizer. Seguem-se aí com tremor, todas as etapas da Paixão e da Ressurreição.

Em cada hora do dia, contemplando os sagrados mistérios, podemos dizer: "Era aqui! Foi aqui que Jesus nos deu esta prova de amor. Foi aqui que Ele sofreu; foi aqui que Ele derramou o Seu sangue!" Recebi aí impressões profundas, que sempre me foram de ajuda para a contemplação.

Na quarta-feira passamos a manhã em ocupações profanas, para / (1) fazer um favor ao vice-cônsul. Ele tinha entre mãos uma questão litigiosa entre um Árabe argelino

e um cônego do S. Sepulcro. O bom cônego acabava de morrer. Tinha emprestado, em vida, 4.000 francos a este Argelino ao juro de 10%. Esse juro é normal nesse país. O Argelino pretendia ter pago os juros e reembolsados 800 francos de capital. O vice-cônsul pediu-nos para formar com o cônsul de Espanha um tribunal arbitral, que foi aceite pelas duas partes. Eu presidia. Encontrei um princípio de provas escritas para o pagamento dos juros. Denunciei o juramento ao devedor. Ele ficou livre dos juros, mas foi condenado a pagar todo o capital. Resignou-se facilmente, pois não o tínhamos carregado excessivamente.<sup>84</sup>

De tarde, as relíquias da Paixão estavam expostas. Fiquei feliz por honrar, com emoção e respeito, a coluna da Flagelação. É de granito. A de Roma é de mármore, e vem, dizem, da casa de Caifás onde / (2) Nosso Senhor foi também amarrado e flagelado.

Na quinta-feira santa, o Santo Sepulcro era reservado aos católicos. Os Gregos oficiavam fora, no átrio. Por conseguinte, a cerimónia dos Latinos foi calmíssima e edificantíssima. Mons. Valenga oficiava. O vice-cônsul foi o primeiro a ir à Comunhão. Tive a felicidade de receber o Senhor junto do Santo Sepulcro. O Santíssimo Sacramento ficou deposto no Sepulcro até sexta-feira de manhã. De tarde, o Patriarca fez a cerimónia do lava-pés. Cantaram-se depois os ofícios das trevas. As profecias, lidas nesse lugar e nesse dia, eram particularmente claras e comovedoras.

Na sexta-feira de manhã o ofício foi feito na própria capela do Calvário. Esta cerimónia calma e acolhedora prestava-se à meditação; mas à noite a pregação da Paixão, feita sucessivamente em várias línguas, foi muito perturbada pelas idas e vindas dos Gregos que vinham / (3) já ocupar a igreja para se prepararem para a sua solenidade do dia seguinte.

Pela tarde eu tinha feito uma boa Via-Sacra ao longo da Via dolorosa.

No Sábado, a cerimónia do Fogo novo dos Gregos e Arménios não é, infelizmente, mais do que um doloroso escândalo. Todos os anos, ela dá lugar a rixas sangrentas. Por isso os Turcos têm o cuidado de revistar todos os que, nesse, dia entram no S. Sepulcro,

---

<sup>84</sup> Nt Juízes, escrivães, advogados e todos os participantes da grande máquina judiciária. Costumavam fazer-se pagar de uma maneira tão esosa que mais valia perder o capital ou a quantia emprestada. Daí a facilidade (a alegria...) com que o Argelino aceitou a sentença de pagar unicamente o capital, sem sobrecarga de 1.000 ou mais francos por "direitos de justiça" que mais verdadeiramente pareciam de injustiça!

para lhes confiscar as armas. Os guardas certificaram-se de que não tínhamos facas. Os dois Patriarcas cismáticos apadrinham a superstição e deixam que os seus peregrinos nacionais acreditem que o fogo sagrado lhes vem do céu. Parece ser, para eles, ocasião para uma boa venda de círios. Ambos estão no S. Sepulcro ao mesmo tempo e transmitem o fogo povo desde que o fizeram sair da pederneira. O povo quer acender um grande número de círios no fogo sagrado para levá-los como talismã / (3) para a Rússia ou a Arménia. Eu assistia a esta cerimónia dumas galerias exteriores da cúpula. No momento solene, quando se levantam os gritos de alegria, os empurrões começam e a chama avermelhada dos círios balanceia numa espessa fumarada, apresenta-se um espectáculo sinistro que teria inspirado Dante para descrever o seu Inferno.

No dia de Páscoa assisti ao ofício pontifical às 8h; depois, fiz uma visita de adeus aos lugares e aos santuários mais emocionantes da cidade e particularmente ao vale de Josafat, tão cheio de recordações e de poesia.

#### BETHEL - SILO – NAPLUSA

17-18 de Abril. Deixamos Jerusalém de manhã, não sem tristeza. Os Lugares Santos da Palestina, apesar do seu estado de desolação, são soberanamente sedutores. Percebo o entusiasmo e o sacrifício dos Cruzados para libertarem os lugares que foram testemunhas dos mistérios do amor do Redentor. - Tomamos a estrada de Naplusa e do alto / (5) da colina de Scopos lançamos por mais uns momentos os nossos olhares comovidos sobre a Cidade Santa.

Encontramos alguns Tells, ou outeiros cobertos de ruínas: *Nobé*, a cidade sacerdotal; *Gabaa*, célebre no tempo dos Juízes e que foi residência real; e *Ramah*, que é ainda habitada. À esquerda, *Nataroth*.

Pelas 11h chegamos a *El Birch*, que tem as ruínas de um reservatório antigo e as de uma igreja gótica com três naves. A aldeia está cheia de construções da época das Cruzadas.

Deixamos a estrada para irmos visitar, à direita na montanha, o lugar bíblico de *Bethel*. Encontra-se aí um imenso reservatório antigo e uma capela ogival situada talvez no lugar da visão de Jacob e do seu primeiro sacrifício. De lá ainda se vê Jerusalém.

Às 2,30h chegamos a *Gifna*, aldeia toda cristã, num vale rico e gracioso. Quatro padres franceses tinham-se aí estabelecido e já cem Gregos tinham abraçado o Catolicismo. Sentimo-nos felizes por conversar longamente com esses bons padres. Pelas seis chegou a caravana francesa. Essas peregrinações anuais contribuíram muito para conservar a influência francesa no Oriente.

No dia seguinte mergulhávamos nas montanhas de Efraim. É já a Samaria. Esta zona é rica devido à actividade dos seus habitantes que criaram em todas as encostas uns socalcos sustentados por muros e plantados com oliveiras, vinhas e figueiras. É um contraste absoluto com as colinas áridas e gredosas da Judeia. - Passamos perto das aldeias de Ain-Yabrud e de Tourmes-Aya. Fazemos um desvio para visitar *Seiloum*, a antiga Silo. É um amontoado de ruínas. Esses nomes: Betel, Silo, falam-nos à alma. Foi em Betel que Deus prometeu a Abraão a terra de Canaã. A arca e o Tabernáculo estiveram, longo tempo, em Silo. - Passámos em seguida pelas aldeias de Lebben (a antiga Lebonah) e de Hawara. Chegávamos / (7) então à planície de Maknah, cujos belos campos, variados como um tapete do Oriente, eram o património de José.

Mais longe estavam os cumes de Ebal e de Garizim. Aos pés de Garizim está o poço da Samaritana. A época bizantina construíra aí uma igreja da qual ficam algumas colunas de granito. Faz-nos bem descansar e rezar no lugar onde Jesus descansou, onde Ele testemunhou tanta bondade à pobre pecadora da Samaria. Lemos aí com emoção a página do Evangelho que relata este episódio da vida do Salvador.

Aos pés do monte de Ebal está o sepulcro de José, venerado pelos muçulmanos como pelos cristãos e pelos judeus.

Naplusa tem uma longa rua comercial ou bazar, com uma porta ogival em cada extremidade. Pelo meio encontra-se o portal da antiga igreja da Paixão. A cidade tem três mesquitas e belos fontanários. A curiosidade principal de Naplusa é a sinagoga samaritana, situada no meio de um / (8) bairro que é um verdadeiro gueto pela sua sujidade repugnante.

Esta sinagoga é simplesmente uma salinha grosseira com abóbada em ogiva. Mas é o testemunho histórico do cisma das dez tribos. Mostram-nos o famoso *Pentateuco de Abissua*.

O pergaminho está colado sobre uma tira de seda vermelha, ornada de inscrições bordadas em prata. Está enrolado em duas barras de ferro rodeadas de juncos e terminadas por bolas de cobre cinzeladas. Está escrito no sentido do comprimento e numa sequência de páginas. Os versículos são numerados com letras. Dizem que os caracteres são fenícios. Parecem-se aos caracteres hebraicos. Tudo isso está conservado num estojo de cobre incrustado de prata.

Este cisma, que ainda persiste, é uma prova viva da verdade das Escrituras.

Fizemos a subida de Garizim por uma vereda rude e pedregosa. Lá do alto a vista estende-se até ao Hermon ao Norte, ao Mediterrâneo no Oeste / (9) e até ao Jordão a Leste. O cume do Garizim está coberto de ruínas. Uma cerca guarnecida de torres, com os restos de uma igreja octogonal, data da época bizantina. Um altar de pedras toscas tem fama de ser contemporâneo de Josué. Os Samaritanos ofereciam os seus sacrifícios aí, onde está a cerca bizantina. Há sinais de cisternas, de altares e de lareiras. A pequena comunidade samaritana actual oferece os seus sacrifícios na extremidade do planalto.

A cidade, vista do alto, tem boa apresentação. É bastante grande e estende-se em triângulo. Está rodeada por esplêndidos pomares de laranjeiras, romãzeiras e amendoeiras. Possui uma pequena paróquia católica.

## SAMARIA

19 de Abril. Samaria, a segunda capital do reino de Israel, está só a duas horas de Siquém. A sua situação é pitoresca. Cobria um planalto isolado e triangular, como nossas cidades de Langres e de Laon. Herodes fizera dela uma cidade luxuosa, com uma longa e rica colunata que / (10) ladeava a rua principal, com um teatro, um circo e templos.

A aldeia actual de Sebaste tem restos importantes da época ogival, especialmente tem a sua igreja de S. João. A colina é rodeada de ricos pomares.

De lá, vamos a *Betúlia*, hoje Sanur, sobre um cone isolado na planície. A pequena cidade ainda tem parte da sua cerca. Nada de mais emocionante que as recordações de Judite, uma das gloriosas figuras proféticas da SS. Virgem.

Deixamos à direita o «Tell» de *Dótain* perto do qual o patriarca José foi vendido pelos seus irmãos; e chegamos a *Djénin*, donde se começa a descortinar o Carmelo, a planície de Esdrelon, o Hérmon e as montanhas da Gelboé.

#### JEZRAEL- ENDOR- O TABOR

20 de Abril. Subimos a um planalto para visitar a humilde aldeia que foi Jezrael, antiga capital do país. Foi aí que a ímpia Jezrael encontrou a morte pela mão de / (11) Jeú. Mais longe, nas encostas basálticas do Hémon, está *Sunam*, a pátria da esposa misteriosa do Cântico. Na outra vertente, está *Naim*, onde Nosso Senhor manifestou a bondade do Seu coração com um lindo milagre.

Já temos diante de nós o *Tabor*. É um cone isolado, medianamente alto e que seria pouco notado se não nos recordasse tão grandes mistérios.

No último contraforte do Hémon está *Endor*, aldeia com numerosas grutas, pátria da Pitonisa ou Sibila que Saúl teve a fraqueza de consultar antes da batalha de Gelboé em que pereceu.

Decidimos, aí mesmo, ir acampar sobre o Tabor. Os primeiros declives são suaves, arborizados e ricos de caça, depois a montanha torna-se rude, mesmo para os cavalos que somos obrigados a conduzir pelas rédeas. Chegamos ao cimo, numa hora, pela encosta oriental que está toda plantada de azinheiras. No planalto encontramos um pequeno convento / (12) grego novinho, ao pé do qual acampamos. Uma grande cerca encerra ruínas e escombros, entre os quais crescem madressilvas, ilex e terebintos. Todo o planalto já foi habitado. No ângulo Sudeste, três longas abóbadas ogivais servem de igreja aos católicos nas suas peregrinações. Foi aí que teve lugar, provavelmente, a transfiguração. É o ponto mais alto. Fizemos nele uma breve oração. As minhas recordações muitíssimas vezes voltaram lá, desde essa peregrinação.

A vista desde o Tabor é uma das mais bonitas da Palestina. Estende-se desde o mar de Tiberíades até ao Mediterrâneo. Ao Norte há o Hérmon com a sua coroa de neve e a cidade judaica de Safed. Ao Sul e a Leste é o Carmelo e o Gelboé. Lamentamos a falta de um mosteiro católico aí; o nosso desejo realizou-se mais tarde.

## TIBERÍADES

21 de Abril. Descemos em direcção ao Norte / (13) e atravessamos acampamentos de Beduínos armados de lanças e com cara de poucos amigos.

Dirigimo-nos para o *Koroun-Hattin*: a montanha das Bem-Aventuranças. Na orla do planalto tem-se uma vista magnífica sobre o lago de Tiberíades. As suas belas águas azuis estão perfeitamente emolduradas por estas montanhas. Aos nossos pés o planalto inclina-se para a garganta pitoresca e selvagem de *Arbela*, através da qual se avista toda a planície de Genesaré.

No lugar em que estamos agora, alguns rochedos de duro basalto à flor da terra foram testemunhas do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O Senhor era o mais maravilhoso dos artistas. Ele tinha escolhido admiravelmente este lugar como já escolhera a morada florida de Nazaré, o lugar do seu baptismo, o da quarentena, o Tabor, o Getsémani, a colina da Ascensão. Visitar estes lugares bonitos e tão emocionantes, é uma graça preciosa para as almas que gostam de meditar. / (14)

A paisagem de Tiberíades é calma e nobremente triste. Não lhe falta grandeza. A cidade conservou o seu recinto da Idade Média e o seu castelo franco. O interior é um horrendo dédalo de ruas sujas e tortuosas. A população Judaica compõe-se dos restos desse povo errante, vindos desde a Alemanha, Espanha e Rússia. As casas, nesse dia, tinham no topo umas pequenas latadas de folha, restos da festa dos tabernáculos.

À beira da água encontra-se uma igreja católica, de longa nave em abóbada com janelas ogivais, construção severa e sombria da época das Cruzadas. No interior há sete quadros de madeira, da velha escola alemã, relativos à história de S. Pedro. São dom de um peregrino Bávaro.

Um padre só está encarregado do serviço religioso, que abarca apenas duas famílias.

O lago, tão calmo durante o dia, estava agitado à noite, e justificava os temores que inspirou outrora a S. Pedro. / (15)

Os terrenos rubros deste vale atestam uma depressão posterior ao dilúvio, porque não estão cobertos de aluviões. Os sedimentos calcários das montanhas vizinhas estão

inclinados no sentido da depressão. Ao sul da cidade encontram-se as águas quentes termais de Emaús.

#### CAFARNAÚM – GENESARÉ – CANÁ

22 de Abril. Seguindo a margem do lago, através dos loureiros, alcançámos a planície de Genesaré, à entrada da qual está Midjdel ou Magdala. A planície tem cerca de 5 km por três. É bem irrigada, quente, fértil, mas inculta, salvo dois ou três campos de cevada. A maldição de Cristo pesa sobre ela. Só produz cardos que atingem à altura de um homem a cavalo. Como única população encontra-se apenas um lugarejo de casebres árabes. Na extremidade Norte um «Tell» de ruínas informes de basalto marca o lugar de Cafarnaúm. Foi aí que habitou tantas vezes o Senhor. Bem queríamos nós reler e meditar / (16) longas páginas do Evangelho, mas o tempo apertava. Cada passo nestes lugares sagrados traz uma nova emoção e suscita uma oração.

Daí, rodeia-se um promontório rochoso para alcançar uma planície muito mais pequena, a de *Betsaida*, hoje *Chabigeh* (pesca - é a tradução árabe da palavra Betsaida). É a pátria de S. Pedro, S. André e S. Filipe.

Da cornija pela qual lá se chega, vê-se um belo panorama. A vista alcança todo o lago de Tiberíades e a sua bacia montanhosa. Ao longe, à esquerda, está Gamala; à direita Tariqueia, ao fundo o vale do Jordão. Foi diante deste quadro poético e tão cheio de recordações bíblicas que foram instruídos os Apóstolos. Era aí que eles exerciam o seu humilde ofício de pescadores. Foi aí que o Senhor os chamou e que lhes testemunhou tanta bondade.

De volta a Cafarnaum vamos diretos à garganta de Arbela. Foi aí que Josefa tentou defender-se contra / (17) Tito. Daí subimos ao planalto de Hattim onde Saladino venceu em 1187 a funesta batalha de Tiberíades que fez recair Jerusalém nas mãos dos infiéis.

Três horas depois chegamos a Kafr-Kana, a *Caná* da tradição. Aí Jesus mudou a água em vinho, e Maria manifestou a sua bondade terna e compassiva. O lugar do milagre pertence aos Franciscanos. A aldeia é graciosa. A sua fonte rega um vale rico de romãzeiras e figueiras.

Passamos por outra aldeia e chegamos a Nazaré, cujas casas brancas estão bem escalonadas num círculo de colinas. Uma torre de mesquita ensombra a vista. Acampamos ao pé da fonte.

## NAZARÉ

23 de Abril. Quantos mistérios se deram nesta cidadezinha privilegiada! A Sagrada Família aí viveu longamente! O Senhor, a Sua Santa Mãe e S. José percorreram muitas vezes as ruas, as praças e os campos. Rezaram na sinagoga. Foram buscar água à fonte. / (18) Compraram as suas provisões na loja.

Gostaria de viver aí algum tempo para meditar, com todo o vagar, sobre a vida oculta da Sagrada Família.

O grande convento latino está na parte inferior. A igreja é simples e sem arte. A gruta da anunciação está debaixo do coro. É precedida por uma capela rectangular situada no lugar da Santa Casa. Duas colunas de granito indicam, desde S. Helena, o lugar da Anunciação. - Tive a felicidade de receber o Senhor na sagrada comunhão nesse lugar em que Ele viveu tanto tempo. As impressões de Nazaré são diferentes das de Jerusalém, são mais doces: são graças de devoção, de caridade, de pureza; em Jerusalém são graças de perdão, de amor de Nosso Senhor e de força de alma.

A oficina de S. José é, hoje, uma pequenina capela nova. A antiga sinagoga é uma capela ogival que pertence aos Gregos. Pode ser que esteja no lugar da antiga sinagoga, mas como / (19) construção pertence à Idade Média. Fora da cidade, os Gregos têm também, uma linda igreja a três naves, a igreja de S. Gabriel. Sobre a colina que domina a cidade estão as ruínas do pequeno santuário de N<sup>a</sup> Senhora do Pavor<sup>85</sup>, e mais acima os rochedos a pique que formam o monte do Precipício.

Para quem ama um pouquinho a Nosso Senhor e a Sua Santa Mãe, todas estas recordações de Nazaré e dos Lugares santos são como lembranças de família, e mais ainda; cada um destes lugares benditos provoca uma impressão única. Fazem-se aí provisões de graças que se podem renovar durante toda a vida, pela meditação.

---

<sup>85</sup> NT Nossa Senhora do Pavor: é fácil de perceber que se refere ao terrível medo que a mãe de Jesus teve, quando os Nazarenos queriam precipitá-Lo do monte abaixo (Lc. 4,28-29).

## SÉFORIS – HAIFA – O CARMELO

24 de Abril. A uma hora e meia de Nazaré, sobre um morro isolado, há uma grande aldeia dominado por uma torre. É a antiga Séforis, pátria de S. Joaquim e S. Ana. A aldeia está semeada de fragmentos antigos e de colunas utilizadas nas construções. No extremo da aldeia estão as ruínas da sua igreja franca. Só fica / (20) o coro. Daí seguimos o vale do Kisson onde almoçamos, à sombra de belas laranjeiras. Já avistamos o Carmelo. Dirigimo-nos para ele através da planície. O Carmelo forma uma cadeia de colinas verdes e arborizados duma frescura excelente.

Passamos por *Kaifa* (Haifa). Pomares anunciam a sua aproximação. É uma cidadezinha próspera, cheia de bazares, rodeada por uma cerca abandonada, com um belo subúrbio a Oeste, ocupado pelos Consulados. No alto da cidade há uma igreja com cúpula e junto ao mar uma mesquita e um minarete. Atravessamos Haifa; um olival conduziu-nos até junto do Carmelo, que subimos num quarto de hora. Chegados ao mosteiro, tomamos o xarope e o café tradicional; depois visitamos o convento. É uma massa imponente e sem elegância. A igreja está ao centro. É do gosto Italiano moderno, com uma vasta cúpula e decorações medíocres. Debaixo do altar-mor, uma gruta / (21) regular que se diz ter sido o retiro de Elias. Sobre o altar há uma estátua antiga de Nossa Senhora do Carmo, em madeira, vestida de panos bordados a ouro, que é muito venerada pelos peregrinos

Pedi a Nossa Senhora do Carmo a cura duma chaga que me fizera no pé durante a viagem. Esta chaga, contra todas as previsões, estava curada no dia seguinte; desde então fiquei convencido de que devia este favor a Nossa Senhora do Carmo. Fiquei-lhe reconhecido para sempre.

O mosteiro abre-se no rés-do-chão só por portas de ferro. Possui uma biblioteca de 1500 volumes muito bem cuidada.

A maravilha do convento é o panorama que se desfruta dos seus terraços. O mar estava calmo. As suas águas ofereciam tons azuis suavíssimos. O olhar seguia o golfo até S. João de Acre e a escala de Tiro. A Leste, está a planície com as montanhas de Nazaré. Ao Sul, a costa / (22) com suas aldeias.

Um religioso francês, o padre Pedro, falou-nos longamente do Oriente e dos Gregos. Tem pouca esperança na conversão dos cismáticos, e menos ainda na sua

perseverança. Contou-nos o caso de 200 convertidos, que voltaram ao cisma logo que o seu bispo ordenou sacerdotes, para lhes fazer um favor; dois chefes de família escolhidos entre eles e absolutamente ignorantes. Este bispo cismático faz comércio de cereais em S. João de Acre.

#### S. JOÃO DE ACRE

25 de Abril. Depois da santa missa descemos até à beira-mar, pela encosta do Carmelo, para visitar as grutas ditas «Escola dos Profetas». Pensa-se que os discípulos de Elias terão vivido aí. Às 10 h retomámos as nossas montadas para seguir a costa até S. João de Acre. A estrada é agradável. Cavalgávamos por sobre uma areia fina e resistente. Tínhamos à nossa esquerda as ondas / (23) azuis do mar, à direita belas hortas plantadas com palmeiras e laranjeiras; depois, dunas de areia. Passámos a nau o Kisson e o Bélus. Esta última torrente era famosa na antiguidade. A areia fina da sua foz é boa para fabricar vidro. Todo o mar é costeado por uma espessa camada de gafanhotos. O vento lançou-os para as ondas e o mar amontoou-os sobre a praia. Os cães da zona regalam-se com eles. Como o cão se alimenta de maneira análoga ao homem, já não me espanta que S. João Baptista tenha podido viver de gafanhotos.

S. João de Acre ergue-se dos seus escombros. A sua cerca e a sua velha cidadela foram restauradas do lado da terra. As suas lojas são prósperas. A sua rica mesquita de Djeddar tem um belo jardim, uma esplanada rodeada de pórticos que servem de passeio ou de praça para a cidade. À noite vamos / (24) armar a nossa tenda na praia e dormir ao ruído das ondas, perto de Ezzab, a duas horas de S. João. Transpuséramos as colinas onde acamparam os Cruzados e Bonaparte; atravessámos deliciosos jardins, e um verdadeiro bosque de laranjeiras e romãzeiras, tudo isso florido e perfumado.

#### TIRO

26 de Abril. Desde o nosso acampamento de Ezzab até Tiro, a estrada transpõe vários promontórios, em particular a escala de Tiro e o Cabo branco. Aí o caminho é cortado em escarpas abruptas, e horizontes variados alegram a vista. A planície de Tiro estende-se ao longe. Medindo-a com o Ihar, a vista descansa sobre o grande Hérmon velado de neve a Leste, e sobre a cadeia do Líbano a Norte.

Antes de alcançar a península de Tiro, desviamos-nos do caminho subindo uma torrente para ir visitar as *Lagoas de Salomão*. São verdadeiros castelos de água, bacias de diferentes formas constituídas por espessas e altas / (25) muralhas de pedras colossais. Aquedutos ligam-nas umas às outras. Vários moinhos utilizam essas águas. Estes magníficos tanques talvez datem do tempo de Salomão. Enviavam as suas águas para a cidade por aquedutos hoje arruinados.

Mais longe, sobre uma colina em frente da cidade, está *o sepulcro do rei Hirão*<sup>86</sup>. É um sarcófago enorme e grosseiro levantado sobre cinco bases de pedras colossais a uns três ou quatro metros de altura. Os rochedos vizinhos são semeados de sepulcros menos importantes, sarcófagos ou jazigos. Daí, numa hora chegamos a Tiro.

Quantas recordações, suscita esta cidade em ruínas! Ela foi uma das rainhas da civilização antiga. Levantou as suas colónias em todas as costas do Mediterrâneo. Ela ensinava aos povos do nosso litoral as artes, o comércio e a indústria. «Rainha do comércio», chama-lhe Isaías (Isaías XXIII); ela levava às ilhas do / (26) Mediterrâneo o trigo do Nilo. Gloriava-se da sua antiguidade. Os seus comerciantes e os seus armadores eram como príncipes e reis. Mas Deus castigou o seu orgulho (Is, XIII). Onde estão agora os seus navios, os seus palácios, os seus armazéns?

É preciso ler o Cap. XXVI de Ezequiel. O quadro traçado pelo profeta é exacto ainda hoje. A cidade orgulhosa foi destruída, desmantelada, arrasada ao chão. Os seus palácios, os seus teatros desapareceram. Já não se ouvem os cantos e as harpas. As suas colunas foram lançadas ao mar e as redes de pesca estão a secar sobre os seus escombros. «Lapides tuos in medio aquarum ponent... siccatio sagenarum eris»<sup>87</sup>. Há três mil anos, Tiro era o que foram depois Alexandria, Roma, Veneza; o que é Londres hoje. O cap. XXVII de Ezequiel é maravilhoso de realismo. Depois de ter traçado neste capítulo e no precedente os esplendores / (27) de Tiro, os seus palácios, seus alpendres, seus foros e suas estátuas; antes de predizer a sua ruína definitiva, o Profeta tem gosto em descrever as maravilhas do seu comércio. Ele mostra-nos os seus navios trazendo para as suas docas os pinheiros da Itália (Cethim), os cedros do Líbano, com os carvalhos de Basan e as faias do Hérmon. Faz-nos admirar nas lojas da opulenta cidade os tapetes e as fazendas do Egipto, os panos e a púrpura da Grécia (Elisa), o ébano e o marfim de

---

<sup>86</sup> NT Hirão-Hiram, rei de Tiro, ajudou Salomão na construção do templo ( I Reis 5,1 e seguintes).

<sup>87</sup> «Pulverem tenens in medio aquarum ponent... siccatio sagenarum eris» (Ez, XXVI, 12-14).

Rodes e da Abissínia, os perfumes da Arménia (Aram), as pedras preciosas, os diamantes, as ónixes, as sedas e a púrpura da Síria, o ouro e pedras de Sabá; nas praças, os cavalos e jumentos da Frígia e da Turquia (Thogorma), os carneiros e as cabras dos Árabes de Cedar; nos mercados os escravos e os utensílios de metal da Grécia (Javan), da Espanha (Thubal) e da Capadócia (Mosoch); a prata, o ferro, o estanho, o chumbo dos cartagineses; o trigo, o azeite, o bálsamo, o mel e a resina de / (28) Judá e de Israel; o vinho e a lã de Dams; os panos e os cordões de seda de Assur e da Média. Os feirantes de Paneias (Dan) anunciam a sua mirra e os seus perfumes. Realmente Tiro era o encontro mercantil do mundo inteiro.

Ela é hoje o que Ezequiel profetizou. A ilha rochosa que a sustentava está desnudada; as pedras e as colunas dos seus templos e dos seus palácios jazem sob as ondas e as redes dos seus pescadores estão secando sobre as suas ruínas. Este espectáculo foi com certeza um dos mais impressionantes da minha viagem<sup>88</sup>.

Há, todavia, uma cidadezinha moderna ao lado, já fora da península sobre a qual se erguia a antiga Tiro. Esta cidade moderna é triste, mal habitada e pouco hospitaleira. Está misturada com ruínas e já nem tem mesmo a importância da cidade das Cruzadas. O seu porto tem alguns barcos e dois veleiros. Encontram-se também, aí, as ruínas de duas igrejas ogivais. / (29)

Dos seus esplendores, Tiro guardou unicamente a sua bela vista sobre o mar e sobre as montanhas do Hérmon e do Líbano.

## SÍDON

27 de Abril. De Tiro a Sídon seguimos pela costa. A planície estreita que se estende entre o mar e as colinas formava toda a antiga Fenícia. A meio caminho, algumas ruínas indicam o lugar de Sarepta. Já muito antes de chegar, avistamos Sídon que avança pelo mar dentro. Do lado da terra a cidade está rodeada pelos mais admiráveis jardins. Ela continua a ser *Sídon, a florida*. As tamargueiras atingem aí um tamanho insólito. Do lado leste a cidade é protegida por uma cidadela da Idade Média. Outra fortaleza com ameias ergue-se sobre um ilhéu ligado à cidade por uma ponte de

---

<sup>88</sup> Na viagem do Oriente, Cahier V, pp 68-70, não há nenhuma referência bíblica (Arq. Deh. B 13/ 2-f). Pode-se consultar o texto reproduzido em apêndice, p. 188.

nove arcos. O interior da cidade é triste, as ruas são estreitas e muitas vezes abobadadas. Os habitantes são hospitaleiros e o francês bastante espalhado. Sidon não tem o aspecto de uma cidade muçulmana mas de uma cidade da Idade Média. Como Tiro ela suporta o peso da maldição divina e já não tem / (30) nada dos primitivos esplendores. Todavia a sua feliz posição e os seus jardins deliciosos fazem dela uma das cidades mais engraçadas e mais poéticas do Oriente no seu aspecto exterior.

## BEIRUT

28 de Abril. Seguimos a praia entre o monte Líbano e o mar para irmos até Beirut. O lugar tradicional onde Jonas saiu do ventre da baleia é uma pequena baía pedregosa onde se encontra um bonito "Khan" com os seus acessórios, poço e mesquita.

As aldeias espalhadas pela encosta da montanha têm um cunho particular. É como um viveiro de "vilas" e de casitas em pedra, isoladas no meio dos seus jardins em terraços. Ao aproximar-se de Beirute a planície alarga-se. Avançamos por entre dunas de areia vermelha e campos de amoreiras rodeados por cactos. Mais longe está uma floresta de pinheiros cujas alamedas permitem belas perspectivas. Foi aí que acompanhou o nosso exército de ocupação em 1860. Entramos na cidade pela nova estrada de Damasco. / (31)

À entrada encontra-se um grande estabelecimento das Irmãs da Caridade com uma Igreja nova em estilo ogival. Beirute deve às suas obras católicas a corrente de civilização que a distingue das outras cidades do Oriente. Tem um antigo bairro Francês. Graças às suas novas estradas ela sabe o que são carroças. Vários carros partiam para Damasco e o Paxá passeava numa vitória<sup>89</sup>. O porto espera uns cais e molhes protectores. Vários navios, dois deles a vapor, estavam ancorados.

## BIBLOS – NAHR-EL-KELB

29 de Abril. Subimos para Biblos. Deixámos para trás as vilas e quintas que rodeiam Beirute, a igreja de S. Jorge agora mesquita, a torrente de Beirute. Caminhamos ao longo do monte Líbano, cujos poios férteis e numerosas aldeias revelam a actividade toda viril e cristã dos habitantes. Sentimo-nos num país amigo. Os Maronitas saúdam-

nos. Estas caras francas e cordiais são mais simpáticas que os cenhos / (32) impassíveis dos turcos.

Em Nhar-el-Kelb, ou torrente do Cão, as paredes dos rochedos ostentam, em vários quadros, figuras e inscrições na pedra. Algumas são Assírias. Vê-se um rei vestido com uma longa túnica, com a mitra persa na cabeça, com a barba e o cabelo entrançados. As outras são Egípcias.

Quem são os conquistadores que aí marcaram a sua passagem? Talvez Nabucodonosor ou Sesostris.

O Nhar-el-Kelb é um sítio totalmente montanhoso, com uma garganta profunda e selvagem. Para Beirute, tornou-se uma meta de passeio onde se encontram restaurantes à europeia.

Mais adiante, Djuni é uma engraçada aldeia maronita, ao fundo de uma baía pitoresca. Era a aldeia do nosso drogman (intérprete). Ele foi beijar devotamente a porta da igreja antes de ir para sua casa. / (33) Um mosteiro domina a aldeia. Tomámos o almoço na casa do drogman. Estes interiores maronitas respiram a limpeza, a ordem e o espírito cristão.

Dirigimo-nos depois para Biblos, hoje Djébaïl. Atravessamos o rio Adonis que desce numa garganta arborizada. Biblos tem uma cerca que se estende sobre os flancos dum vale. O seu pequeno porto está bem protegido. Numerosas colunas antigas estão espalhadas pelos rochedos da praia. Sem dúvida, provêm do templo de Adonis e devem ter sido lançadas para lá quando a fé cristã se implantou em Biblos. A cidadezinha tem uma igreja ogival com três naves.

O LÍBANO –

30 de Abril – 1 de Maio. Toda esta província do Líbano tem uma boa aparência. O trabalho dessas populações cristãs soube tornar férteis as encostas das montanhas. É um contraste completo com os países muçulmanos. Os Maronitas são gentis e hospitaleiros. As próprias mulheres cumprimentam os estrangeiros. Elas têm / (34) a sua personalidade e não estão aniquiladas como as mulheres dos muçulmanos.

---

<sup>89</sup> Viatura descoberta, com quatro rodas.

Cada pequena enseada da costa tem um ou dois barcos em construção.

Encontramos o portinho de Botroun num pequeno golfo. É a antiga Botris. Aí abandonamos a costa para subir por uma torrente, a Leste. O vale plantado de amoreiras torna-se em breve rochoso e selvagem. Temos diante de nós os cimos nevados do Líbano. Virando-nos para trás avistamos sobre um promontório da costa as casas brancas de Trípoli.

À noite, acampamos perto duma aldeia da serra. Toda a população vem ver os peregrinos franceses. Este povo moronita parece profundamente piedoso, doce e trabalhador. Indo buscar água ao poço, as mulheres rezam o terço. Homens e mulheres ajoelham ao toque do Angelus e rezam virados para o Oriente. As crianças têm um aspecto jovial e puro, mas o trabalho dos campos endurece os traços com a idade. / (35)

No dia seguinte subimos as encostas íngremes da montanha. Um cume sustenta um vasto mosteiro. Uma garganta habitada por solitários chama-se o Vale dos Santos. O planalto é rico de fósseis calcários. Já avistamos o tronco negro dos famosos Cedros e o cimo nevado do Mekmel. Num contraforte do Mekmel está o Ehden, prazenteira aldeia que se atribui a honra de ser o lugar do nascimento da raça humana.

Aos nossos pés o *Nhar Kadissat* murmura numa garganta que se vai alargando entre duas altas paredes de rochedos. Vários mosteiros maronitas seguem-se neste vale santo. É a parte mais grandiosa e impressionante do Líbano. Mas estas paisagens não têm a severidade e a grandeza da dos Alpes e dos Pirinéus. Aqui o trabalho marcou em toda a parte a sua presença e populações laboriosas levantaram pacientemente uns socalcos nas encostas das montanhas em todo o lugar onde a lavoura oferecia possibilidade / (36) de sucesso. À noite levantávamos as tendas perto do convento carmelita de Mar - Serkis, ou S. Sérgio, não longe das primeiras neves.

## OS CEDROS

2 de Maio. Subimos por uma vereda dura que, em breve, se confunde com um leito de um regato, até ao anfiteatro cheio de neve que esconde o último resto da floresta de cedros do Líbano. É já só uma mão cheia de árvores, não se contariam mais de duzentos. Todavia, é com emoção que nos aproximamos dele. A Sagrada Escritura falou-nos tantas vezes dos Cedros do Líbano. Eles forneceram a madeira incorruptível do

Templo e do palácio de Salomão. Na Escritura eles são símbolos de grandeza, de durabilidade e de fecundidade. Alguns são realmente imponentes. Remontam a uma antiguidade incalculável. Vários têm até treze metros de circunferência e os seus ramos majestosos estendem-se até dez metros do tronco. Sentíamos-nos satisfeitos à sombra / (37) destes gigantes misteriosos. A neve respeita-os, mas fora deste pequeno bosque, ela cobre, nesta estação, todo o desfiladeiro do Líbano. Nós atravessamo-lo penosamente com a ajuda de carregadores que aliviam os nossos jumentos.

Desde o desfiladeiro, a vista estende-se sobre o vale de Kadissat a oeste e sobre toda a Coelesira até ao Anti-Líbano a leste. A descida é íngreme e difícil. Paramos para almoçar na fonte de Ain-atou, e retomamos a nossa marcha através das encostas arborizadas de carvalhos e de ciprestes, até aos pés da montanha, frente a Balbeck.

#### BALBECK<sup>90</sup>

3 de Maio. As ruínas de Balbeck são grandiosas e pitorescas. Cobrem uma colina inteira e destacam-se sobre um fundo de vegetação. Essas ruínas datam da época dos Antoninos. É a melhor arte da decadência romana. Foi aí que o nosso século XVIII foi buscar os seus modelos. Todos os edifícios de Balbeck são da ordem coríntia mais amaneirada. / (38)

A cerca da cidade é notável pelas suas pedras enormes, algumas das quais têm nove metros de comprimento por um metro de espessura. O grande templo é dedicado ao Sol, o pequeno às divindades de Héliopolis. São ex-votos de Antonino-o-Pio e de sua mãe Júlia. Estes pagãos tinham ao menos alguma religião e não conheciam a indiferença, nem o respeito humano. O edifício oval, o pátio hexagonal, a alternância de frontões abobadados e triangulares, a profusão de ornamentos nos frisos e nas cornijas, tudo faz lembrar Barromini e o seu estilo. A época cristã também deixou lá uns traços da sua passagem: é uma grande igreja bizantina de três absides.

---

<sup>90</sup> Ballbek (balbek), cidade fenícia, mais tarde grega (Heliopolis). A cidade torna-se colónia romana sob o imperador Augusto e toma um impulso considerável sob os Antoninos. É o lugar alto do turismo libanês actualmente.

## O ANTI-LÍBANO - O BARADA<sup>91</sup>

4 -5 de Maio. Subimos o anti-Líbano debaixo de chuva, de vento e de frio. Foi uma das mais duras viagens da nossa jornada. À noite em Zeladani (Zebdani), aldeia rodeada pelos mais ricos jardins, renunciámos a armar as tendas por causa do / (39) mau tempo. Recebemos hospedagem numa casa turca. Os donos cederam-nos toda a casa como na Grécia. Uma grande fogueira secou-nos as roupas e preservou-nos de constipações e de pneumonias. O nosso apartamento tinha grande classe. Os muros estavam ornados de nichos mouriscos. Um muro de meia altura dividia o quarto. Separava, sem dúvida, em tempos normais o apartamento das mulheres. Uma espécie de alcova mourisca continha os cobertores e esteiras que servem de cama aos donos da casa.

No dia seguinte descemos o vale do Barada. A torrente corre ribombando no fundo de uma ravina entre gigantescas paredes de rochedos. É uma garganta grandiosa e selvagem que se alarga mais abaixo e, quase sem transição, torna-se o mais esplêndido e o mais rico dos pomares. Em mais parte alguma encontramos tal abundância de árvores de fruta.

Ultrapassámos as ruínas da necrópole de Abila, de que só restam / (40) sepulcros cavados na rocha.

Encontramos uma nascente pujante que brota perto de dois templos de uma grande simplicidade e muito antigos. Os pagãos honravam, sem dúvida, as ninfas da fonte.

Deixamos Barada para transpor várias colinas para Leste. Passamos pelas aldeias de Halboun e de Menin. São como oásis no meio das montanhas. Menin tem vários pequenos templos no flanco da montanha e sepulcros cavados na rocha. Avançamos com um certo temor através destas aldeias que nunca são visitadas por Europeus, mas os nossos bons anjos preservaram-nos de qualquer aventura.

## SAIDNAYA - DAMASCO

6 de Maio. Procuramos um mosteiro grego, que é meta de peregrinação à Santíssima Virgem. É Saidnaya. Após umas voltas lá chegamos. O convento está no

---

<sup>91</sup> Barada: ribeira da Síria que banha Zebdani e alimenta os canais que irrigam o oásis de Damas.

cume de um rochedo a pique. Uma aldeia rodeia-lhe a base. Subimos ao mosteiro por uma escadaria talhada / (41) na rocha. Pensávamos encontrar construções do tempo de Justiniano, mas somente a base dos muros é romana, a igreja é árabe, o mosteiro é novo. Esta fortaleza religiosa resistiu aos Drusos em 1860. Goza-se daí um belo panorama que se estende até o Hérmon. A aldeia tem dois pequenos templos de antas simplicíssimas e sem colunas.

De Saidnaya vamos direitos a Damasco. Durante muitos quilómetros atravessamos ricas hortas admiravelmente regadas onde os legumes crescem à sombra de árvores de fruta e particularmente de damasqueiros e de noqueiras.

Damasco está em festa, é o grande Bairam<sup>92</sup>. Os bazares estão fechados, o canhão dispara. Os passeantes fumam o narguilé<sup>93</sup> ao lado do caminho.

A cidade tem um aspecto triste e monótono. As casas escondem as suas riquezas atrás de muralhas escuras e sem aberturas. As mesquitas são numerosas mas sem arte. Entramos / (42) no hotel por uma porta baixa e de ferro. Encontramos no interior um rico alpendre lajeado de mármore com uma lagoa sombreada por laranjeiras. Dum lado há um divã sob um grande arco ogival e do outro, um salão em que nos instalam por falta de quartos. No centro uma lagoa octogonal refresca a sala, debaixo dum tecto elevado e azulado. À volta há uma bancada de mármore coberta de tapete e de divãs debaixo de um tecto a caixotões ornados de flores.

Depois da nossa instalação passeamos nas margens do Barada. Na margem esquerda as casas vêm banhar-se na ribeira, mas na margem direita a nova estrada de Beirute está cheia de passeantes. Homens e mulheres vestem roupa de seda, de cores pálidas e variadas. Os homens por sobre o fato trazem uma capa de pano e na cabeça um turbante branco bordado em ouro ou prata. As mulheres têm um véu branco. Os homens são geralmente pálidos e de aparência efeminada.

## DAMASCO

7 de Maio. É Domingo. Assistimos / (43) à missa e visitamos o bairro cristão a leste da cidade. Este bairro renasce das suas cinzas. Não tinha ficado de pé uma só casa

---

<sup>92</sup> Nome turco de duas grandes festas do Islão: uma celebra-se no fim do Ramadão, e a outra sessenta dias mais tarde.

<sup>93</sup> Cachimbo turco composto por um frasco de perfume e que o fumo atravessa antes de chegar à boca.

após os massacres de 1860. Os edifícios religiosos tinham sido destruídos. A capela subterrânea que ocupa o lugar da casa de Ananias foi respeitada. Compõe-se de duas salas abobadadas. Uma é romana e inteiramente antiga, a outra é ogival. Faz-nos bem rezar aí. Pedi a Deus para fortificar a minha conversão e a minha vocação pela intercessão de S. Paulo. Eu já não tinha dúvidas sobre o caminho que devia seguir, mas devia vencer a oposição dos meus pais e a oração fortalecia-me e animava-me.

Os Sírios reconstruíram a sua igreja de três naves. Os Gregos unidos refizeram a sua catedral, uma grande igreja gótica de um estilo pesado e um pouco bizarro. O superior dos Padres Lazaristas, um Francês, recebeu-nos da maneira mais amável e deu-nos um Irmão para nos levar a visitar a casa de um rico cristão, / (44) a de Entou-Chami-Effendi.

Este nobre cristão recebeu 400.000 francos de indemnização depois dos massacres, e reconstruiu a sua casa com luxo. O exterior não tem nada de atraente, são muralhas de adobe; mas o interior tem apartamentos luxuosos dispostos à volta de um pórtico de mármore. Ao centro do pórtico há uma lagoa rodeada de laranjeiras. Ao norte sobre uma alta arcada, há sofás que formam o salão de Verão. Ao sul está o salão fechado para o Inverno.

De lá vamos visitar a Porta romana que dava à cidade uma entrada monumental. A *via recta* era ladeada por pórticos; actualmente é estreita e suja, mas suscita as grandes recordações de S. Paulo.

8 de Maio. Unimo-nos a uma companhia inglesa para ir com o Kawas<sup>94</sup> do consulado Inglês, visitar a grande mesquita. Um vasto pórtico a precede. O interior tem três naves separadas por colunas coríntias, com um transepto e / (45) uma grande cúpula. É uma igreja bizantina transformada pelos conquistadores. Subimos ao alto de um minarete para gozarmos do panorama. Damasco estende-se aos nossos pés como um tabuleiro de damas. Tem numerosos minaretes no bairro muçulmano do Oeste e aqui e além cúpulas aglomeradas sobre os Nohans dos bazares. Cada casa tem um pátio com uma ou duas árvores: laranjeiras, ciprestes ou palmeiras. Mostram-nos a nordeste a habitação de Abd-el-Kader. Mais longe à entrada dos jardins, uma vila branca é a do Cheikk Mizail e da sua esposa inglesa. Ao norte mostram-nos o sepulcro de Saladino.

---

<sup>94</sup> “Kawas” ou “Kawass”, nome turco dum oficial de polícia, armado.

A cidade está rodeada por hortas que se estendem até ao Líbano e ao Hermon a oeste e a norte, e até ao deserto a leste e a sul. Um vasto subúrbio ao norte é habitado por Curdos meios selvagens. Os Árabes crêem ter nesta mesquita a cabeça de S. João Baptista; veneram-na numa pequena edícula com cúpula. / (46) A mesquita está no lugar de um templo romano de que restam fragmentos.

Perto está a loja dos ourives. É uma grande oficina onde alguns Levantinos trabalham cada um por si e fabricam jóias, serviços de mesa e, especialmente, filigranas de grande fineza.

9 de Maio. O plátano é a árvore tradicional do Oriente. Ele abriga todas as nascentes. Havia um, realmente gigantesco, ao pé do nosso hotel, media 12,50 metros de circunferência.

As margens do Barada, fora da cidade, estão todas ocupadas por cafés. Estão erguidos à beira do rio, em ilhéus, e mesmo suspensos sobre estacas. O Turco indolente neles encontra a frescura e, deitado sobre a sua esteira, fuma o narguilé<sup>95</sup>.

Foi junto da porta chamada Bab-Kisan que S. Paulo se fez descer do alto dos muros num cesto. A dez minutos da porta, um rochedo à flor da terra / (47) assinala o lugar onde S. Paulo foi derrubado do seu cavalo. Relemos aí com emoção a bela a página dos Actos dos Apóstolos que narra este milagre da graça divina. Como este Oriente é rico de recordações comovedoras!

Visitámos também o castelo, os mercados e algumas casas ricas. O castelo é um solar feudal com sete torres, com ameias e besteiras. Está bem colocado na margem do Barada.

Os mercados têm grande classe. São cobertos por um telhado que deixa passar nos bordos a luz e o ar. É uma série de pequenos balcões ricos em cores e dum efeito oriental. Cada rua ou galeria tem a sua especialidade: aqui o vestuário, noutros lugares a ouriversaria, os cobres, os perfumes, os sapatos, a fruta, vidrilhos, etc... Damasco é o mercado de toda a região e o comércio é activíssimo. Os bazares são / (48) separados por alguns Khans ou estalagens. São ao mesmo tempo hospedagens, armazéns, bolsas de comércio. O Khan de Assad Paxá é um monumento árabe, o mais belo de Damasco. Apresenta um rico pórtico interior com arcadas em ferro de cavalo e nove cúpulas.

Uma das especialidades de Damasco é o comércio de doçarias. Nunca vi igual exposição de guloseimas, doces, gelados, fruta em açúcar, alimentos açucarados. É mesmo a cidade das Mil e uma noites, a cidade do famoso vendedor das bolas de creme.

Damasco tem interiores de casas dum grande riqueza. Visitámos a de Abdallah-Bey, a dum rico Israelita e o consulado de França. São verdadeiros palácios, especialmente a primeira. Todas têm salão de Inverno e divã de Verão, divisão dos homens e gineceu. Os divãs têm ricos lambrins de mármore coloridos / (49) e variados, ou de mármore branco com encaixes dourados. Os tectos a caixotões são decorados a ouro e azul; as cornijas são de favo de mel. As mais bonitas habitações datam do séc. XVI e XVII. Estas casas, nas suas disposições interiores, conservaram uma grande analogia com as ricas habitações romanas.

#### DE DAMASCO A BEIRUTE

10 de Maio. Uma diligência a seis cavalos parte às 5 da manhã. É preciso subir de novo o Barada, depois transpor o Anti-Líbano, a Coelesíria e o Líbano. As mudas de cavalos de hora a hora estão na mão de Franceses. Passamos Damasco, depois Madjel (Mejdel) que possui um templo romano análogo aos de Balbeck. Deixamos à direita Zahhéh, a grande aldeia da planície. O Líbano, árido despido nas suas encostas orientais, é todo cultivado em socalcos, do lado ocidental, pelos industriais maronitas.

#### BEIRUTE

11 de Maio. Falta, em Beirute, um porto. Os molhes mal estão começados. Os navios estão ancorados frente à costa. Como as cidades / (50) do Oriente, Beirute tem, de longe, um aspecto pitoresco. É dispersa sobre as suas colinas aos pés do Líbano que é verde e gracioso e que guia o olhar até ao cimo nevado do Sannin.

#### DEIR – EL – KAMAR – GAZIR

12 -13 de Maio. Não queríamos deixar o Líbano sem visitar a capital da montanha, Deir-el-Kamar, a residência dos antigos príncipes Maronitas. Vamos a cavalo. Dois

---

<sup>95</sup> Cf. Nota 93

jovens franceses, os senhores Renouard e Fromageot, acompanham-nos. Pelas áleas areentas do bosque de abetos chegamos à montanha. Subimos de socalco em socalco, primeiro no meio de oliveiras, depois de amoreiras sob as quais se cultivava a cevada e o trigo. O cume da serra é coberto por uma floresta de pinheiros podados em guarda-sol.

Chegados ao alto, temos que transpor um vale fresco e arborizado, habitado em parte pelos Drusos. Estes cumprimentam-nos; não têm o ar muito feroz. / (51)

Para além deste vale, nas costas de outra pequena serra, está Deir-el-Kamar, bem esparsa pela encosta e protegida, a norte. A cidade mal está a levantar-se das suas ruínas, tal como o bairro cristão de Damasco. As casas poupadas apresentam-se bem. É um renascimento da arte árabe com graciosas janelas gémeas em ferro de cavalo. O vale de Deir-el-Kamar tem um clima privilegiado. Está semeado de frescas aldeias que descem em direcção ao mar.

Sobre um contraforte que fecha o vale, ergue-se o castelo dos príncipes do Líbano. O último Emir, o Emir de Bechir, teve de cedê-lo ao novo governador Daoud Paxá.

Recebemos hospedagem na casa dos Padres Jesuítas. O P. Badour acompanhou-nos à casa do Agha<sup>96</sup> e à casa do governador da cidade. Ficámos surpreendidos ao ver este país tão francês de língua de simpatia.

No dia seguinte, o sobrinho do emir Bechir fez-nos visitar o castelo / (52) que está cheio de lembranças da sua família. É um grande palácio, construído neste século, e que está admiravelmente bem situado. Domina todo o vale. Acaba de ser comprado à viúva do emir Bechir. Daoud Paxá ocupava-se em reorganizar a administração e o pequeno exército cristão do Líbano. Ia mandar construir uma estrada até Beirute.

Estes povos do Líbano são muito interessantes. Laboriosos, têm uma fé viva e esclarecida, um bom clero. Os Maronitas consideram-se descendentes, em grande parte, dos cruzados de S. Luís<sup>97</sup>. Conservaram a sua fé lutando desde séculos contra o Islamismo. Têm um seminário muito sério em Gazir, sob a direcção dos padres Jesuítas. Teríamos visitado com prazer esse lindo estabelecimento, mas falta-nos o tempo. Entrevimos de longe as suas belas construções e terraços.

---

<sup>96</sup> NT - Agha, aga = nome dado na Turquia a oficiais e funcionários superiores. É usado ainda na Argélia na hierarquia militar; corresponde ao coronel.

No dia 14 (Maio) embarcávamos num / (53) belo paquete do LLOYD austríaco.

#### CHIPRE-LARNACA

15 de Maio. Acordámos de manhã na baía de Larnaca. O porto (a marina) tem um aspecto ridente. O bairro cristão fica a leste e tem uma velha basílica do séc.XI, precedida por um pórtico. A cidade situada mais alto, a antiga Cittium, tem uma Igreja franciscana moderna. Chipre tem um aspecto ocidental nas suas construções. As coberturas em telha substituem os terraços orientais. A nossa bela família francesa de Lusignan reinou lá durante quatro séculos e a ilha era quase toda católica antes da ocupação tirânica dos turcos. O cônsul fez-nos um acolhimento muito simpático.

#### RODES<sup>98</sup>

16 de Maio. Alcançamos Rodes após 28 horas de navegação desde / (54) Larnaca. Rodes oferece mais interesse do que Chipre. As recordações dos seus valentes e cristãos cavaleiros continuam ainda bem vivas. A costa de Rodes é fértil e viçosa, toda semeada de vilas e de jardins. Paramos em frente do porto dos Cavaleiros, que é demasiado pequeno para os navios modernos.

O porto tem a sua cerca de muralhas ameadas. Do outro lado, está a cidade velha, a cidade dos Cavaleiros, meia arruinada, mas ainda majestosa e empolgante. Aqui é a igreja de S. Miguel, mais longe o hospital de S. João e a célebre rua dos Cavaleiros. Esta rua é triste, deserta, quase desabitada, mas tal como a deixou a Idade Média e sem nenhuma reconstrução. Cada hotel ostenta o seu escudo de mármore enquadrado numa moldura com folhagens. Todos os grandes nomes da França estão aí representados. O escudo dos Burbões é repetido várias vezes. Lançando o olhar através das tábuas desconjuntadas das portas, só se vê / (55) tristeza e ruína nesses solares aristocráticos outrora tão vivos e tão animados. No alto da rua, um monte de escombros torturados é tudo o que resta da velha igreja de S. João e do palácio do Grão-Mestre. A explosão do paiol em 1856 tinha poupado o campanário; caiu mais tarde. Os valorosos Cavaleiros de S. João resistiram aí durante duzentos anos. Mantiveram em xeque Maomé II. Vencidos

---

<sup>97</sup> NT - É S. Luís IX, rei de França.

<sup>98</sup> NT - Em grego Rodes significa rosa.

por Solimano II, ergueram em Malta o baluarte da cristandade. Só perderam a sua independência pela injusta agressão de Bonaparte em 1798.

Para lá das cercas da cidade dos Cavaleiros encontra-se a cidade nova dos Gregos, Neo-Choris, cujo aspecto anuncia o bem-estar.

A Oeste está o porto velho, o porto da antiga cidade grega, à entrada do qual se erguia a estátua colossal<sup>99</sup> de Apolo.

A cidade está rodeada por “vilas” / (56) elegantes e por graciosos jardins. É de facto a ilha das Rosas, e o nome é bem merecido.

#### CNIDE - HALICARNASSO - COS

17 de Maio. Às sete levantamos a âncora para nunca mais parar até Esmirna. O navio corre entre ilhas rochosas e as costas escarpadas e severas da Ásia melhor.

Pelo meio-dia dobramos a longa península da Dórida. No seu extremo erguia-se a cidade de *Cnide*, cujo porto era abrigado por um ilhéu. Avistamos os seus diques, algumas ruínas e uma bela torre. Cnide possuía a Venus de Praxiteles.

Passada a península, navegamos no golfo *Cerâmico* e dobramos a ilha de Cos. A sua pequena capital é aprazível, ridente e galante. É como um oásis que faz contraste com a severidade das montanhas. É a pátria de Hipócrates e de Apeles.

Mais longe pelo golfo Cerâmico dentro, está *Halicarnasso*, pátria dos dois historiadores Heródoto e Dionísio. Um castelo franco ocupa o lugar do / (57) famoso sepulcro de Máusolo<sup>100</sup>.

À noite transpomos o grande Bogaz, entre as montanhas de Samos e a ilha de Ícaro. Tínhamos passado por aí cinco meses antes.

---

<sup>99</sup> NT - “O Colosso de Rodas”, uma das sete maravilhas do mundo, era uma estátua enorme cujos pés se fixavam nos dois lados da entrada do porto. Nas mãos segurava um grande braseiro no qual, de noite, se acendia uma fogueira, para indicar aos navios a entrada para o porto, passando entre as duas pernas. Foi destruído por um terramoto no século III.

<sup>100</sup> NT - Máusolo, rei de Hal. (+353 a.C.) morreu novo amado pelo povo e pela rainha. A inconsolável Artemisa mandou-lhe erguer um sepulcro maravilhoso, uma das sete maravilhas do mundo, que do nome dele foi o Mausoléion. A palavra passou em todas as línguas como símbolo de “sepulcro sumptuoso”

## ÉFESO

18 de Maio. Desembarcamos cedo em Esmirna e partimos logo para a excursão de Éfeso. Sabíamos que não encontraríamos ruínas importantes<sup>101</sup>, mas atraíam-nos as recordações de S. João, da SS. Virgem e de S. Paulo.

Tomamos o comboio para Aidin: um caminho-de-ferro, na Turquia em 1865, tinha a sua originalidade. Atravessamos o magnífico bosque de ciprestes que dá sombra à cidade dos mortos, subimos o Melésio, contornamos o monte Pagus. Todo este vale do Melésio é um magnífico pomar de laranjeiras, figueiras e oliveiras.

Mais longe entramos no vale do Caístro e descemos até Ayasouluk, a Éfeso da Idade Média. Uma modesta aldeia substituiu-se / (58) à cidade arruinada. Numerosos pilares que sustentavam um aqueduto colossal só servem agora para acolher os ninhos das cegonhas. A cidade e os cemitérios têm ruínas de belas mesquitas árabes que fazem lembrar o Cairo.

O Caístro desce em direcção ao mar formando grandes pântanos. As ruínas de Éfeso espalham-se sobre os declives de uma colina isolada, o monte Prion. Encontramos os restos dum estádio, dum teatro, dum balneário. Uma torre tem fama de ser a prisão de S. Paulo. Perto do teatro, as ruínas dum templo coríntio. No alto do Prion alguns restos da acrópole, e sobre o Coressus as ruínas da fortaleza de Lisímaco. O encanto de Éfeso são as recordações cristãs, o apostolado de S. João e de S. Paulo, o motim levantado pelos pagãos contra S. Paulo, a caridade de S. João, o seu zelo, a sua longa velhice, a sua morte. Já não há sinais do seu sepulcro. Seria o único dos apóstolos que / (59) não veria glorificadas as suas relíquias, se não admitirmos, como é provável, que Nosso Senhor tenha levado para o Céu o corpo do seu discípulo bem-amado, juntamente com os de Maria e de S. José.

---

<sup>101</sup> NT - “Sabíamos que não encontraríamos ruínas importantes...” Não sei quem daria essa informação aos dois viajantes. Depois de Leão Dehon ter passado por Éfeso, os Alemães fizeram uma espoliação sistemática das ruínas de Éfeso, com que criaram em Berlim o “Museu de Éfeso”, tal como os Austríacos em Viena o “Museu de Bérghamo”. Nesses tempos para os turcos essas ruínas eram pedras inúteis...agora abriram os olhos; há duas coisas proibidíssimas na Turquia: o comércio da droga, e a exportação de objectos arqueológicos.

## ESMIRNA - OS GREGOS

19 - 20 de Maio. Esperamos dois dias pela partida do 'steamer'<sup>102</sup> a enseada de Esmirna é como um lago imenso que altas montanhas parecem fechar por todos os lados. As imensas ruínas da antiga cidadela gaulesa coroam o cimo do monte Pagus. Sobre os seus declives estende-se a cidade turca com os seus minaretes, as suas casas de madeira de cores cintilantes, os seus cemitérios plantados com ciprestes sombrios. A cidade cristã estende-se ao Norte. Tem diversos campanários. É mais extensa do que a cidade turca. Os cristãos são numerosos aqui. As suas casas são elegantes e exteriorizam prosperidade. Esmirna tem dois jornais franceses. Infelizmente na população grega o progresso moral não está em conformidade com o progresso material. Os gregos da classe popular coligam a sua / (60) arrogância com hábitos de embriaguez, de blasfémia e de brigas sangrentas. As comunidades católicas tiveram a sua grande quota-parte no desenvolvimento da civilização em Esmirna. Esta Jónia, de costas recortadas, de graciosas montanhas, de vales férteis, foi outrora um dos berços da literatura, da ciência e das artes. Aí estava a Grécia, tanto como em Atenas. A verdade católica é a única capaz de reabilitar este povo; prova-o já com os resultados obtidos em Esmirna.

## TÉNEDOS-OS DARDANELOS

21 de Maio. De manhã estávamos frente a Ténedos<sup>103</sup>, ilha árida como Syra. Domina-a um branco mosteiro. O seu porto tem um castelo feudal bem conservado. Frente a Ténedos estende-se a planície da Tróade, dominada pela serra do Ida. Sempre correndo sobre as ondas, reconhecemos a ponta de Alexandria-Tróas, a foz do Escamandro, o sepulcro de Ilos. / (61) Mais longe estão os rochedos de Hesião, testemunhas das façanhas de Hércules.

Atrás do cabo Sigéu estão os sepulcros de Festo e de Pátroclo.

Finalmente voltamos a ver a Europa, nossa grande pátria, após seis meses de afastamento, e os nossos corações provavam uma doce impressão à vista desse domínio

---

<sup>102</sup> - Nome inglês dado aos primeiros barcos a vapor; NT - Steam = vapor / Steamer = navio a vapor. Por volta de 1960, na madeira ainda se chamava "vapor" aos barcos que faziam serviço para Lisboa e para os Açores: «o "vapor" para S. Miguel parte amanhã cedo». Ouvei muitíssimas vezes essa palavra na boca dos nossos alunos açorianos.

<sup>103</sup> NT - Ténedos, ilha à entrada dos Dardanelos, já famosa no tempo da guerra de Troia; Crisante (1º livro da Ilíada) na sua invocação a Apolo, do qual era sacerdote, chama-lhe: "...de Ténedos possante imperador".

dos filhos de Jaféte, a raça ardente e generosa que está em vias de conquistar o mundo, para lhe dar a fé juntamente com a civilização.

Desembarcávamos, essa noite, no castelo dos Dardanelos, onde encontramos um pequeno hotel muito habitável.

#### A TRÓADE

22-23 de Maio. Durante estes dois dias a febre quebrou-me as forças. O meu companheiro percorreu pormenorizadamente a Tróade que eu simplesmente entrevi.

Ele foi reconhecer o Simoís e o Escamandro, e o outeiro sobre o qual se erguia Troia, perto da aldeia de Bunar-Bachi. Escavações recentes puseram à luz algumas bases ciclópicas que devem ter pertencido à cidadela de Pérgamo<sup>104</sup>. / (62)

Nesses dois dias sentia-me realmente mal. Recorri ao meu grande médico, a SS. Virgem e estou convencido que a sua intercessão me curou.

A Tróade despertava as minhas reminiscências clássicas. Com o meu companheiro reli algumas páginas de Homero. Esses exemplos de valor guerreiro, de amor à pátria, de respeito para com os deuses, elevam e fortalecem a alma.

Mas como estas recordações chegam menos ao coração do que as de Jerusalém e da Terra Santa! Gosto muito de Homero; as suas obras-primas são um dom de Deus. Mas gosto mais de Moisés, de Isaías, de David e dos Evangelistas.

Gosto mais da narração da grande vitória do Salvador sobre o pecado, o demónio e a morte, do que das contendas imaginárias de Juno e Vénus.

#### OS DARDANELOS

24 de Maio. Partíamos à noite num navio turco. A 1ª classe estava organizada à europeia; a / (63) cozinha era grega. Em breve passávamos entre Ábidos e Sestos, no lugar onde Xerxes tinha mandado construir uma ponte. À noite chegávamos a Galípoli. Um missionário tinha feito viagem connosco até aí. Vinha da Macedónia onde tinha

---

<sup>104</sup> NT Pérgamo? Não vejo como será possível encontrar as bases da cidadela de Pérgamo nas escavações de Troia. A não ser que “Pérgamo” seja a que foi confundido com Príamo que era rei de Troia no tempo do famoso cerco contado por Homero na Ilíada. As ruínas de Pérgamo ficam a dois dias de caminho (a Cavallo) ao sul, à beira-mar.

encontrado só uma pequena comunidade de 30 católicos. Ia fazer serviço numa capela acabada de construir em Galípoli, onde os católicos não ultrapassam também esse fraco número de trinta sobre 12.000 habitantes. / (64)

## CONSTANTINOPLA E O BÓSFORO - O DANÚBIO - A HUNGRIA - REGRESSO

### *Constantinopla e os seus arredores*

25-31 Maio. A noite foi má, o mar agitado e o vento violento. De manhã só chegáramos à ilha de Mármara. Em breve ultrapassamos as ilhas dos príncipes, e Constantinopla aparecia-nos ao longe. Primeiro foi o castelo das sete torres, arruinado mas pitoresco, depois a cerca em toda a parte desventrada e em cima as casas de madeira em cores variadas, dispostas em anfiteatros e entremeadas de ciprestes verdes e plátanos amenos.

À direita, sobre a margem, aparece a antiga Calcedónia.

Vamo-nos aproximando; o espectáculo torna-se de fadas! É Santa Sofia e a mesquita de Amed com suas fiadas brancas e vermelhas e suas cúpulas solenes, é uma floresta de minaretes, é o Serai e os seus jardins maravilhosos em que a natureza explode / (65) fresca e luxuriante; depois é o Corno de ouro e as suas numerosas naus em repouso ou em andamento. Mais além é a Gálata colocada sobre um cone elevado; depois são os arredores que se estendem ao longo do Bósforo.

Na orla da Ásia está Escutari que não fica nada atrás de Constantinopla quanto a colorido e a frescura.

Na Europa não há nada comparável a este admirável espectáculo.

O nosso hotel está situado no outeiro de Pêra. Logo de manhã avançamos sobre o lado ocidental para o “pequeno campo dos mortos” para desfrutar o nosso bel-prazer uma dessas vistas maravilhosas que são o encanto de Constantinopla. Ao pé de nós está o cemitério semeado de lápides marmóreas colocadas em desordem, uma floresta de sepulcros e de ciprestes.

Mais além, várias colinas sucessivas carregam outros tantos subúrbios onde as casas se apinham, misturando as suas tábuas enegrecidas com o verde dos hortos. Mais

longe está o Corno de Ouro, ou melhor o Corno de azul, o golfo de águas / (66) calmas, animadas por milhares de barcos, de caíques, de navios a vapor e à vela, grandes e pequenos, correndo, cruzando-se e bordejando as margens.

Além de tudo, finalmente, está Istambul, a grande cidade, dominada por quatro ou cinco grandes mesquitas brancas repletas de cúpulas.

Às 10 h descíamos as margens comerciais de Pêra. Em baixo, em Top-hané, perto de uma esplanada guarnecida de canhões, o Sultão tem um quiosque bem burguês. Tomamos um caíque, espécie de barco comprido, estreito, elegantemente esculpido, menos cómodo e menos seguro que a gôndola. Elegantes remadores, vestidos de calças brancas e casaco de seda, conduzem-na. Costeamos a margem até Dolma-Bagtché. Passamos diante da comprida “villa” de Mahmoud Pacha, irmão do Sultão, e diante do palácio que é imenso, bem cuidado, construído ao gosto italiano, com várias portas triunfais e espaçosos jardins. É dominado por / (67) casernas e pelos belos ciprestes do grande cemitério.

Aí, o Bósforo é parecido ao mais bonito dos lagos. As suas margens altas têm numerosas “villas” e frescos bosquezinhos.

Fomos desembarcar a Escútari, onde se preparavam para receber o Sultão na mesquita, para a oração pública. Era sexta-feira. As tropas faziam a fileira desde o porto até à mesquita. O povo esperava, em multidão. Três magníficos cavalos brancos, de passo fogo, estavam preparados. A guarda de honra do Sultão lá estava. Era o grupo escolhido dos homens mais formosos e dos mais fascinantes fatos do império: Persas, Gregos, Bachi-Bouzouks, Árabes do deserto, etc. Uns vestem um saiote branco com a jaqueta vermelha ricamente bordada; outros têm um turbante de rolos vermelhos e ouro, e uma capa vermelha orgulhosamente lançada para trás; os Árabes têm o albornoz branco e a longa carabina. / (69) É cem vezes mais variado e mais brilhante do que os nossos guardas imperiais todos dourados. Pouco depois o Grão-Vizir chegou num caíque pintado de amarelo, dois caíques trouxeram uns oficiais; finalmente veio o grande caíque branco que trazia o Sultão, conduzido por 24 remadores. Os seus bordos são esculpidos e dourados. É coberto por um dossel ornado de tapeçarias de seda azul e branca. O Sultão desceu, foi direito ao seu cavalo, montou e dirigiu-se para a mesquita. Todos os navios do Bósforo estavam embandeirados e disparavam tiros de canhão.

O Sultão vai assim todas as sextas-feiras fazer oração, ora numa, ora noutra mesquita. É um espectáculo bonito, o dum soberano e dum povo que rezam! Porque será que a nossa pobre França tenha caído no ateísmo social!

Sem esperar pelo regresso do Sultão, nós partimos em caíque para as Águas doces da Europa, para onde ele iria também. Todo o panorama / (69) da cidade passou diante dos nossos olhos: o bairro moderno de Pêra, Istambul e as suas pitorescas casas de madeira, o Fanar onde as casas dos Gregos têm um ar de bem-estar e de nobreza e, no extremo da cidade, os casebres dos Judeus. Ao fundo do Corno de Ouro começa o vale do Barbysés, que é o lugar de encontro dos passeantes.

É um pequeno vale fresco plantado com belas árvores. O Sultão veio aí descansar no seu quiosque. A estrada é animada por cavaleiros e por um bom número de carroças pintadas e douradas. Uns “arabas”, espécie de carro puxado por bois, levam a passear as pessoas dos haréns. Grupos de mulheres descansam ao pé das árvores. Estão sempre veladas e vestidas de seda unida, de cores variadas.

Há alguns cafés e vendedores ambulantes, contudo a maior parte dos passeantes trazem os seus tapetes e as suas provisões.

No fundo do vale uma “villa” imperial tem belos jardins, / (70) bem cuidados e bem regados. Faz-nos lembrar os jardins de Salomão.

Voltámos à cidade passando pelo sítio justamente chamado da Belavista, no alto dum grande cemitério.

As lojas de Constantinopla são infinitamente superiores a todas as que víamos até então. São conservadas mais limpas e especialmente muito mais bem abastecidas. O brilho das cores é incomparável. Uma indústria, normalmente mais modesta, a do calçado, deslumbra aqui pela riqueza dos bordados e a diversidade das cores. Os bazares dos tapetes são maravilhosos. Os Persas que os possuem têm uma mitra negra na cabeça. Têm um porte doce, fino e sonhador. O bazar dos perfumes também não descuida as cores. Os orientais são excelentes na arte da exposição. Esta visita aos bazares é um dos passeios mais agradáveis de Constantinopla.

Quisemos fazer uma vez a volta das muralhas. Foi primeiro / (71) desde a ponta do Serai até à das sete torres. O antigo muro de cerca, feito e refeito em várias épocas, está hoje muito arruinado. É dominado por Santa Sofia e pela nova universidade, depois

pela mesquita de Ahmed que parece orgulhosa dos seus seis minaretes. Encontra-se um pouco mais longe um portinho grego, o porto de Teodósio. Descemos ao pé de uma torre grega bem conservada, para seguirmos a pé a cerca ocidental. Deste lado uma tríplice muralha, colocada nas encostas de uma colina, está pitorescamente enfeitada de heras e de silvas. Passámos diante da Porta dourada, pudemos visitar o castelo das Sete torres cujo torreão encerrou muitas vezes os embaixadores do Ocidente. Mais longe está um convento grego (Balouklou), lugar de peregrinação que tem a sua lenda. Na época da tomada de Constantinopla, dizem, os monges tinham uma confiança presunçosa nas suas orações. Um deles dizia: estes / (72) peixes que fritam na sertã, mais depressa reviveriam do que a cidade ficaria presa. Diz a lenda que os peixes saltaram para a água e viveram e os seus descendentes são brancos de um lado e cinzentos do outro. Não sei que valor histórico terá a lenda, mas fiquei edificado ao ver os gregos tão devotos da S. Virgem.

Para lá do mosteiro está a porta onde caiu o último Constantino. Mais longe, o vale profundo do Lyco, depois o bairro judeu uma construção bizantina que pertencia ao palácio do Hebdomon de Constantino. Neste bairro a multidão levava em triunfo um peregrino voltado da Meca. Cantava-se e queimavam-se perfumes. A mesquita santa de Eyub só tem de notável os belos plátanos que a rodeiam. Deste lado há uma avenida de ricos sepulcros que fazem lembrar a via Ápia. Cada mausoléu tem uma sala ricamente guarnecida / (73) de tapetes, tapeçarias, lustres e flores. Essas salas contêm os sarcófagos. A avenida tem realmente um aspecto imponente. É por ali que os sultões vão à mesquita de Eyub para a sua coroação. Voltámos de barco pelo Corno de Ouro, passando diante do palácio do almirantado onde estacionava o lindo navio-almirante, de forma antiga, com três fileiras de canhões.

#### ESCÚTARI - CALCEDÓNIA

29 de Maio. Interrompemos a nossa visita de Constantinopla para dizer adeus à Ásia com um passeio a Escútari. A cidade está edificada em anfiteatro. As suas casas são em madeira, mas elegantes e bem pintadas. Geralmente têm uma vista admirável sobre o Corno de Ouro e o Bósforo. Dir-se-ia uma cidade da Noruega transportada sob o céu do Oriente.

Escútari tem, como a capital, as suas mesquitas brancas e os seus cemitérios sombreados de ciprestes. Tem as suas carroças variegadas e douradas que vão da cidade até às “villas” dos arredores. Estas são / (74) graciosas construções em madeira, com seus balcões. O Sultão tem a sua “villa” em Beyberbey e o seu filho, de 8 anos, tem também um quiosque elegante em Boulgourlou. Estas casas de campo estão dispostas aos lados duma avenida de soberbos plátanos.

A ascensão do Boulgourlou merece o esforço que custa. Tem-se uma vista de sonho. O olhar segue o Bósforo até Buyuk-Deré. Não há nada comparável a esta longa faixa de azul tão admiravelmente enquadrada, que corre entre as “villas” e os bosques de árvores e vai perder-se por detrás da montanha dos Gigantes. Do lado do mar de Mármara, as ilhas dos Príncipes, cobertas de villas, surgem das águas à entrada do golfo de Nicomédia e atrás delas elevam-se as neves do Olimpo de Bitínia. Para oeste o mar confunde-se no horizonte com o céu. Atrás de nós tínhamos um vale profundo admiravelmente cultivado.

De lá descemos lentamente / (75) para Calcedónia. Hoje chama-se Kadi-Keui. É um lugar encantador onde se constroem grande número de casas elegantes. Os latinos têm aí uma grande igreja. Visitamos uma comunidade de pias religiosas. Indicaram-nos como lugar do concílio a igreja grega de Santa Eufémia. Foi portanto aí que foi condenado Eutiques. A recordação dessas grandes assembleias impressiona ainda, depois de longos séculos.

De tarde, às cinco horas, tomámos um barco para voltar a Pêra, e o vento contrário manteve-nos duas horas no mar.

#### CONSTANTINOPLA (CONTINUAÇÃO)

No dia 30 fomos com um “firman”<sup>105</sup> visitar o Serai e as mesquitas. Um caíque transportou-nos de Gálata para o Serai. Aí entramos na cerca, atravessamos as hortas imperiais e subimos para uma esplanada onde se levanta a coluna de Teodósio, monólito esguio cuja base e capitel são bastante grosseiros. O pedestal contém uma / (76) inscrição que lembra derrota dos Goths. Daí penetramos no palácio propriamente dito através de jardins bem cuidados e floridos. O pavilhão moderno de Abdul-Medjid tem

---

<sup>105</sup> Na Turquia é um elemento diplomático ou administrativo.

ricos salões ornados com tapetes de França, tapeçarias de seda, móveis em laca e em ébano. Mas o encanto deste pavilhão está nas vistas de que se desfrutam. O panorama abrange as colinas de Pêra, os palácios, o Bósforo, Escútari e Calcedónia a Norte e a Leste, depois ao sul o mar, as ilhas e o cimo do Olimpo. Não nos abrem a mesquita do palácio. Outro pavilhão está decorado com faianças com desenhos azuis. A abóbada é vermelha e amarela. As suas madeiras são incrustadas de nácar. Uma sala contém uma colecção curiosa de espingardas de defesa. Visitamos de seguida um pórtico de mármore, depois a biblioteca, rica em manuscritos turcos; depois a sala do trono, cujo divã é abrigado por um dossel apoiado sobre pequenas colunas de bronze incrustadas de turquesas; ao lado, há uma / (77) lareira em cobre trabalhado incrustado de nigelas. Saímos pela praça dos Janissários. O magnífico chão que a forma não tem menos de doze braças de perímetro. Ao fundo dessa praça está a igreja de Santa Irene. Ao pé desses muros encontram-se muitos belos sarcófagos bizantinos em pórfiro e mármore. A sua cúpula apoia-se sobre quatro grandes arcos. Tem uma ábside ogival a leste. A nave tem galerias para as mulheres. A ábside ainda tem uma cruz e uma inscrição grega. Esta antiga igreja é hoje um museu de armaduras e de fardas militares. Estão aí representados os janissários e os antigos oficiais da corte. Uns têm na cabeça leques de plumas; outros têm cornos vermelhos ou dourados. Os pajens têm gorros amarelos. O chefe pasteleiro tem um vestido coberto de enfeites dourados e mantido alto por dois criados. Os homens de letras têm túnicas cinzentas. Os homens de guerra têm um arsenal à cinta!

Perto de Santa Irene há um museu, pouco significativo, de antiguidades gregas e romanas. O fontanário de Almed é um belo exemplo das fontes turcas, todas cobertas de mármore cinzelados.

Pertinho daí é Santa Sofia.

É impossível fazer uma ideia do exterior deste bonito edifício, tanto ele está rodeado de construções parasitas. Vê-se somente a sua cúpula e a parte superior das ábsides. O belo pátio rodeado de colunatas, que precedia a Igreja, está invadido por casinhotas. O vestíbulo interior conservou as suas belas proporções. As suas abóbadas de aresta estão ornamentadas com mosaicos dourados. Ele dá entrada à igreja por nove portas rectangulares. O aspecto interior da igreja é impressionante. Desde a entrada o olhar abraça todo o edifício. A cúpula eleva-se por cima de pendentives, mas sem tambor;

a curvatura é graciosa. É iluminada por 44 janelas. É contrabalançada por duas meias-cúpulas a leste e a oeste. A igreja é atapetada de hambrine de mármore variados. Os capitéis formam uma espécie de cesta composta com um monograma / (79) em cada face. Outrora todas as abóbadas cintilavam de mosaicos, mas os muçulmanos destruíram-nos. É um edifício realmente magnífico. No ocidente só a basílica de São Marcos pode dar uma ideia dele.

A pequena Santa Sofia faz lembrar na sua planta e nos pormenores a igreja de São Vital de Ravena. É um octógono cuja cúpula repousa sobre oito pilares separados por quatro êxedras, alternando com quatro espaços rectangulares.

A mesquita de Ahmed é uma longínqua imitação de Santa Sofia. Tem uma cúpula contrabalançada por quatro meias-cúpulas. Cada ângulo do edifício tem também uma pequena cúpula. É um templo quadrado sem naves laterais nem galerias.

Diante desta mesquita estende-se o antigo hipódromo. Um obelisco relembra Teodósio: as esculturas do pedestal representam o Imperador, a sua família e a sua corte. Aí também está / (80) a coluna dita serpentina, formada por três serpentes de bronze enroladas, com uma coluna de cinco metros. A tradição diz que era o pedestal do oráculo de Delfos. Mais longe há uma alta pirâmide que esteve outrora revestida de bronze. A oeste do hipódromo, está a célebre cisterna das Mil e uma colunas. Tem 14 colunas por 16. O seu aspecto interior é grandioso. Não longe há uma coluna de pórfiro de que cada face da base tem uma coroa de louro em relevo.

O sepulcro de Mahmoud II é duma riqueza toda oriental. É um edifício a cúpula com placas exteriores de mármore pentélico. No interior, a sala fúnebre é precedida de vários divãs ou salões para fumar. O sarcófago do sultão e os da sua família estão cobertos por veludo preto bordado a puro e a prata. À volta, há escrivatinhas incrustadas de nácar, caixinhas de prata sobre consolas contêm manuscritos do Alcorão. / (81) Uma grade de prata protege os sarcófagos. Lustres de cristal estão suspensos da abóbada.

Visitámos também as mesquitas de Nouri-Osmanich, de Bajazet e de Solimão. As duas primeiras têm pórticos árabes ao gosto do Cairo. A de Solimão é uma das mais importantes. Está situada numa esplanada cujos terraços têm uma vista magnífica sobre o Corno de Ouro. Reproduz a planta de Santa Sofia. Ao regressarmos, passámos pela

Sublime-Porta. É um "pilone" modesto, com placas de mármore, que dá entrada para o pátio do ministério dos Negócios estrangeiros.

No dia 31 visitámos um banho turco. É o sistema dos banhos romanos e bizantinos que os Turcos conservaram. Encontra-se aí o tepidarium, o calidarium, as massagens, as camas para descanso e uns requintes explicam muito bem porque o cristianismo rompeu com estes costumes demasiados voluptuosos.

Assim é esta cidade que está tão maravilhosamente situada e que passou por fases tão diferentes. Ela pode estar orgulhosa de São João Crisóstomo, de Constantino, de Teodósio, de Justiniano que lhe deu Santa Sofia. Mas foi desonrada por Fócio, pelo Baixo-Império e pela dominação muçulmana. Guardou poucos restos da sua antiga riqueza que, diz-se, ultrapassou a de Roma.

Capital do Islamismo, ela está orgulhosa das suas 240 mesquitas. Mas quanto é inferior à Roma cristã pela arte, os estudos, os monumentos, as bibliotecas, as obras de caridade e de educação! A comparação das duas bastaria para convencer todos os observadores da boa-fé da superioridade do cristianismo.

Péra tem várias igrejas e obras católicas. Infelizmente nem sempre os ocidentais dão exemplo duma verdadeira vida cristã. / (83)

## O BÓSFORO

1º de Junho. Pelas duas horas da tarde subimos a bordo o Ádria, após ter constatado mais uma vez a venalidade da alfândega turca.

Um sol alegre permite-nos desfrutar, uma última vez, da maravilhosa vista de Constantinopla.

Nada pode dar ideia da magnificência do Bósforo, sobre o qual deslizamos rapidamente. Não há rio que se lhe possa comparar. As suas belas águas numa largura média de mil e duzentos metros correm entre duas margens elevadas, ricamente arborizadas, cuja base oferece uma sequência de habitações variadas que se espelham nas águas azuis do canal. A voluptuosa indolência dos orientais procurou estes sítios cheios de frescura e de sombra, mas não soube traçar estradas, nem organizar as florestas. Alguns vales laterais conduzem ao Bósforo graciosos cursos de água. Um

destes pequenos vales tem o nome de Águas Doces da Ásia. Vê-se nele um quiosque imperial.

Em frente está o velho castelo construído / (84) por Maomé II. O seu aspecto recorda os lugares do Reno feudal. O canal é sinuoso e forma golfos sucessivos. O mais majestoso é o de Buyuk-Déré. Há aí um porto com esse nome e o de Terapia. A embaixada de França tem aí um palácio dominado por um esplêndido parque.

Avista-se mais longe o célebre plátano de Godofredo de Bulhão e as ruínas de um aqueduto. Em frente está o monte do Gigante todo arborizado e coroado por um mosteiro muçulmano. Os nossos cruzados francos muito sofreram aí, lutando contra o cansaço e a epidemia e contra a astúcia dos gregos. Entramos, depois, no mar Negro e costeamos as ilhas Cianeias...

## O MAR NEGRO

2 de Junho. A noite fora calma e nós costeávamos de bastante perto a margem, desarborizada e monótona. Passámos diante das ruínas de Tome onde o poeta Ovídio acabou a sua vida no exílio. O mar levantou-se de ondas. Durante a noite / (85) tínhamos ultrapassado Varna onde muitos nossos soldados morreram nas ambulâncias, na guerra da Crimeia. À tarde desembarcamos em Constância, a antiga Constantiana. Barcas guiadas por Tártaros vieram ao nosso encontro. Os empregados da alfândega caíram sobre nós como aves de rapina, tão insolentes como exigentes. Encontrávamos depois um troço de caminho de ferro para atravessar os pântanos da Dobruja e chegar ao Danúbio.

O vale que nós seguíamos é, parece, o antigo leito de um rio. Só se encontram umas aldeias tártaras e restos do muro de Trajano. À noite em Czernavoda, sobre o Danúbio, tomámos imediatamente o barco no qual iríamos viver durante três dias.

## O DANÚBIO

3 de Junho. Andámos toda a noite, passámos Silístra durante o sono. O Danúbio é sempre de grande largura. Acostamos em Giurgevo, na / (86) margem da Valáquia. É uma cidade animada, rodeada de belos passeios. Há um curioso contraste entre as torres

e os campanários das igrejas da margem da Valáquia, e os minaretes da margem turca. À noite paramos uns instantes diante de Nicópolis, que recorda uma vitória de Trajano, mas também a de Bajazet sobre a nobreza francesa em 1376.

No dia 4 acordamos frente a Widin, grande cidade turca, com numerosos minaretes, atrás da qual, ao longe, alargam-se os montes Balcãs com cimos nevados.

Passamos as ruínas da ponte de Trajano e aproximamo-nos das famosas Portas de Ferro, que se devem passar num barco de pouco calado. É uma paisagem muito inferior às dos Alpes e dos Pirenéus. Todavia as margens do Danúbio, neste lugar, são altas e arborizadas e os redemoinhos do rio indicam os escolhos escondidos debaixo da água. A água fervilha / (88) numa extensão de 2 Kms.

Depois dos rápidos chegamos a Ostrova (Orsowa), cidade graciosa, construída numa ilha, à entrada dum vale pitoresco que separa a Hungria da Valáquia. Parámos algumas horas em Orsowa de Hungria. O povo festejava o Pentecostes.

No dia 5 deixávamos a margem logo de manhã. O Danúbio tornava-se mais estreito e as margens mais altas, a paisagem tornava-se mais grandiosa. Na margem direita o olhar pode ainda seguir a estrada romana talhada nos rochedos ou estendida sobre terraplanagens. Uma inscrição latina recorda essa grande obra que faz honra aos Romanos.

Passamos as segundas Portas de Ferro, menos pitorescas do que as primeiras, e alcançamos em Baciasch o princípio da linha dos caminhos-de-ferro húngaros. O comboio leva-nos rapidamente pelas planícies / (88) da Hungria; muitos ingleses viajavam connosco, guiados por um cicerone de Genebra. Para eles era uma viagem de recreio, não pareciam artistas por nada. Um jovem Judeu de Pesth, amável e instruído trazia um saco de terra de Jerusalém, para com ela encher uns saquinhos que os Judeus colocam por baixo da cabeça dos seus mortos nos sepulcros.

## BUDA-PESTH<sup>106</sup>

6 de Junho. Chegávamos a Pesth de manhã. Toda a cidade estava em agitação: esperavam pelo Imperador<sup>107</sup>. Ele chega às 8h. É conduzido em carroça de seis cavalos

---

<sup>106</sup> N.T. Budapeste, capital da Hungria, é formada pela união de Buda, parte da margem esquerda, com Pest, da margem direita do Danúbio.

desde a gare até ao seu castelo de Buda. A multidão apinha-se para vê-lo. Traz a farda de coronel Húngaro. Visitámos Pesth, uma esplêndida cidade moderna, com ruas largas, e casas sumptuosas.

A Universidade construída na margem do rio é do gosto da Renascença. Percorremos o museu. Só duas pinturas nos parecem merecer uma recordação: uma crucificação / (89) de Hemling e um Cristo morto sustentado por Anjos e atribuído a Corregio. São as duas pérolas do museu. Há também uma colecção de objectos de arte e de antiguidades. Notamos uma espada dos Cruzados com um Cristo em alto-relevo na empunhadura e uma espada do Duque de Guisa, obra-prima de delicadeza nos seus relevos.

Pesth tem uma sinagoga grande e rica, em estilo românico. Uma magnífica ponte em cabos de ferro une as duas margens. Buda oferece uma encantadora vista geral: está dispersa sobre a sua colina e coroada pelo castelo real, modesta residência pintada a amarelo, com suas persianas verdes como qualquer casa de campo.

A cidadela de Blacksberg oferece um panorama esplêndido sobre as duas cidades, o rio, a planície fértil da margem esquerda e as colinas cobertas de vinhas que emolduram a cidade de Buda.

À noite havia iluminação geral e fogo-de-artifício. / (90)

## DE PESTH A VIENA

7 de Junho. Chegamos a Viena por caminho-de-ferro. O percurso segue o Danúbio. Após uma planície monótona, passamos ao lado de altas colinas cobertas de vinhas, aos pés das quais repousam frescas aldeias. Avistamos na margem direita as ruínas pitorescas do castelo de Wisegrad, que recorda o nome glorioso de Matias Corvino. A paisagem está cheia de frescura até a Gran, cuja moderna catedral recorda o nosso Panteão. Atravessamos Presburgo<sup>108</sup>, a cidade da coroação, estendida ao lado do rio e dominada pelos muros do seu castelo real, vasto palácio do séc. XVIII, devorado por

---

<sup>107</sup>N.T. Francisco José de Asburgo, imperador da Áustria, rei da Hungria, reinou durante 68 anos, de 1848 quando tinha 18 até 1916 quando tinha 84 anos. Em 1914, declarando guerra à Servia desencadeou a 1ª guerra mundial. No fim dela, o império que abrangia quase toda a Europa Central desde a Bósnia até à Polónia, e desde a Suíça até à Ucrânia, ficou reduzido à simples República da Áustria actual.

<sup>108</sup>N.T. Presburgo é agora Bratislava, na Eslováquia actual.

um incêndio. Passamos em seguida através da imensa planície de Wagram. Transpomos dois braços de rio e descemos na estação do Norte, donde tínhamos partido 20 meses antes para a Morávia. Alojamos no Stadt Franckfurt. / (91)

## VIENA

8-9 de Junho. Voltamos a ver Viena com prazer. A cidade cresce rapidamente. Constrói-se com bom gosto. Visitamos a galeria Czernin. É um pequeno museu escolhido e completo. Encontra-se um grupito de telas de cada escola. Pela França: Lebrun, Callet, Cláudio Lorrain. Pela Espanha: Murillo. Pela Holanda: Rembrandt, Dow, Ostade, Van Eyck, Ruysdael, Huysun, de Hem. Pela Itália: Júlio Romano, fra Bartolomeo, Primaticcio, Guercino, Carraci, Luini, Sasso Ferrato.

O solar Czernin relembra as ricas habitações de Frankfurt do séc. XVI, com seus telhados agudos e três fileiras de lucarnas.

No dia 9 visitámos em Hofburg o escritório das moedas e das antiguidades. Oferece um grande interesse. Há numerosos vasos gregos e etruscos. Um deles apresenta uma cena duma tragédia perdida de Eurípides: A rainha Mérope de Messene precipita-se, armada com o machado duplo, para a residência dum senhor estrangeiro que ela considera ser o assassino / (92) do seu filho, que ela julgava morto. Os criados da casa, por seu lado, reconheceram no estrangeiro o próprio filho da rainha que voltou, e procuram desviá-la do assassinio.

Reparei no maior medalhão conhecido da época de Leopoldo I, 1677, cunhado por Venceslau, cavaleiro de Reinburgo que o confeccionou com o ouro obtido por alquimia. Vale 2.055 ducados. Representa a árvore genealógica da casa imperial, desde Faramundo, rei dos Francos, até Leopoldo I. Uma tábua de bronze encontrada na Calábria, contém o célebre édito consular de 186 a.C., sobre a proibição das Bacanais. Estas festas tornaram-se tão imorais que foi preciso, para meter ordem, condenar à morte os que nelas tomavam parte. No seguimento deste decreto, de 6 a 8000 homens foram executados.

A colecção de camafeus é uma das mais ricas da Europa. Notei um busto de Tibério, em Calcedónia. Um grande camafeu em ónix: a águia / (93) romana com palmas e coroas. A "Gemma Augustea", chamada também a apoteose ou triunfo panónico de

Augusto, o maior e mais belo camafeu da colecção. O assunto é dividido em duas bandas; na banda superior: Augusto na figura de Júpiter com o ceptro e a águia, o lituus na mão direita e por cima dele o signo do Capricórnio sob o qual ele nascera. Ao pé dele a deusa Roma em figura de Juno. À direita um carro de triunfo do qual desce Tibério, vencedor na Panónia, para saudar Augusto seu sogro. Ao lado de Tibério está o seu filho adoptivo Germânico, honrado com pequeno triunfo, que era feito a pé. O camafeu foi encontrado na Palestina. Os Templários trouxeram-no para a Europa. O imperador Rodolfo II comprou-o por 12.000 ducados. Uma taça em ágata, de trabalho bizantino, tem a largura de 28 polegadas. É a maior pedra preciosa conhecida: Foi trazida para a Europa pelos Cruzados em 1204 e fez parte do dote de casamento de Maria de Borgonha. / (94) Na mesma sala está o famoso saleiro de Benvenuto Cellini, feito para Francisco I em 1543; peça de mesa, representa Neptuno e Cibeles que oferecem os dons do mar e os da terra. Atrás de Cibeles está um arco de triunfo coberto de especiarias e, atrás de Neptuno, um navio forma o saleiro. Na base estão as figuras dos ventos e dos dias segundo desenho de Miguel Ângelo. Este saleiro passou das mãos de Carlos IX para a colecção de Ambras.

De tarde voltamos a ver o museu do Belveder.

#### DE VIENA A SALISBURGO

10 de Junho. Deixamos Viena com pena, como da primeira vez. A estrada já nos era conhecida e, todavia, não nos podíamos cansar de admirar as frescas paisagens que se desenrolavam sob os nossos olhos. É um parque contínuo, uma sucessão de bosques de árvores semeados em vastas pradarias. Imponentes mosteiros dominam as colinas, nomeadamente o dos Benedictinos de Melk. Aproximando-se / (95) Salsburgo, a paisagem torna-se mais grandiosa, graças às montanhas que lhe fazem de fundo.

Salisburgo está numa posição admirável. Dum lado o Capucinenberg, arborizado e selvagem; do outro a longa lombada do Schlossberg e o seu pitoresco castelo. Entre os dois, um lindo rio e uma engraçada cidade construída à italiana. E, finalmente, do lado do Tirol, os cimos nevados dos Alpes.

À noite despedi-me do meu companheiro de viagem<sup>109</sup> que tomava o expresso para a França e, no dia seguinte, dirigia-me rapidamente para Roma.

## ROMA

14-25 de Junho. Esta primeira permanência em Roma não foi muito longa: só dez dias! Mas deixou-me profundas recordações e nela recebi grandes graças. Fiquei encantado com os grandes santuários: S. Pedro, S. Paulo, Santa Maria Maior, S. João de Latrão. Era a nova Jerusalém toda viva e resplandecente. É a ressurreição enquanto que a antiga / (96) Jerusalém ficou mergulhada nas trevas da Paixão e da morte do Salvador.

Durante esta breve estadia fui bem amparado pela Providência. Mons. Dupanloup enviara-me boas cartas de recomendação. Fui bem recebido em toda a parte. Vi Mons. de Merode, Mons. Mercurelli, o príncipe Borghese, o Sr. D'Hulst, o Pe. Villefort.

Mons. De Merode lembrava-me os bispos do tempo da Cavalaria e das Cruzadas. Era de facto um digno ministro de oficiais, como Lamoricière, Primodan e Charette.

Mons. Mercurelli era o secretário das Cartas latinas do Papa, um prelado piedoso e bom, mas inimigo declarado do liberalismo e do galicanismo.

O Príncipe Borghese era o grande senhor profundamente aristocrático. Era um favor especial ter audiência de sua Alteza. Falou-me da carreira eclesiástica e deixou transparecer o desgosto de haver poucas carreiras abertas para os “filhos de família” nos Estados pontifícios. / (97)

O Sr. D'Hulst era um estudante de teologia. Morava na praça Ara Coeli. Deu-me uma quantidade de informações úteis, e aconselhou-me fortemente a fazer os meus estudos no Colégio Romano.

O Pe. De Villefort era assistente geral dos Jesuítas. Vi-o duas vezes. Era um santo. Quanto era humilde e caridoso! Poucos homens deixaram-me uma recordação tão comovedora e sobrenatural.

Mas a melhor das alegrias foi ver Pio IX, a bondade unida à santidade. Vi-o em audiência particular, graças a uma carta do Bispo de Orleans<sup>110</sup>. Era uma tarde, pelas 6

---

<sup>109</sup> L. Palustre

<sup>110</sup> Mons. Dupanloup

horas. Conduziram-me por um longo corredor exterior, construído em saliência para ligar os seus apartamentos. Falei-lhe da minha peregrinação aos Lugares Santos, da minha vocação, da minha indecisão sobre o lugar dos meus estudos. Aconselhou-me o Seminário francês de Roma. A sua decisão estava conforme às minhas atracções. Parece-me que esta primeira bênção de Pio IX me alcançou grandes graças.

Agora, eu sentia-me em paz. Fiz conhecimento / (98) com o Pe. Freyd do Seminário francês. Era um homem de Deus, um santo, como dissera Pio IX. Liguei-me a ele desde esse momento.

Assisti a umas aulas no Colégio Romano. Percebi que essa doutrina me encantava. Pareceu-me já ser da casa.

No dia 21 assisti às festas de S. Luís de Gonzaga: missa, comunhão geral, panegírico. Gostava deste caro santo desde há muito tempo. Invocava-o desde o berço. Quantas graças lhe devo!

Tinha feito em Roma tudo o que aí queria fazer. A minha vocação estava decidida, era a coroação da minha viagem. Voltei para me lançar nos braços da minha mãe. Que alegria sentimos os dois! Especialmente ela; tivera tantos receios, tantas angústias! Tantas vezes ela se perguntara se voltaria a ver-me. Da minha parte, eu tinha arrostado todos os perigos numa longa viagem com a incúria dos meus vinte anos. Tinha eu escapado a tantos perigos. É verdade que eu tinha uma confiança verdadeiramente / (99) filial em Maria e continuo convencido que várias vezes durante a viagem ela me salvou milagrosamente.

## FÉRIAS

Fiz três meses de verdadeiras férias. Tive de descrever muitas vezes a minha viagem. Os meus contos sobre a Palestina impressionaram muito o meu pai e prepararam o seu regresso a Deus.

O sr. Vitet gostava de me ouvir falar do Oriente e especialmente da Grécia. Convidou-me várias vezes durante essas férias. Tive o prazer de encontrar em casa dele um distinto orientalista, Francisco Lenormant. Eu admirava a delicadeza de carácter do sr. Vitet e a distinção das suas maneiras. Ele mostrava-me perfeitamente o ideal do académico francês. Amava as letras, as artes, a música, os jardins. Sua irmã, Sra. Aubry,

fazia pintura. Ludovic Aubry ensaiava-se a escrever nas revistas literárias. A condessa Duchatel era uma amiga da casa.

Eu não escondia os meus projectos ao sr. Vitet. Ele nunca tentou desviar-me deles. Mas tive nessas férias / (100) umas cenas muito dolorosas com meus pais. Meu pai sofria cruelmente com a minha decisão. Não percebia nada nela. Todos os seus sonhos e castelos no ar se desmoronavam. Os meus sucessos fáceis tinham-no enchido de orgulho. Ele sonhava para mim uma carreira honrosa no mundo. Durante muito tempo ele desejara para mim a escola politécnica. Agora que eu me doutorara em Direito, destinava-me à diplomacia ou à magistratura.

Minha mãe, sobre a qual eu contava inteiramente para me ajudar, abandonou-me completamente. Ela era devota, queria-me devoto, mas o sacerdócio espantava-a. Parecia-lhe que eu nunca mais seria da família, que estaria, para sempre, perdido para ela.

Tive de endurecer o meu coração para resistir a todos os assaltos que fui obrigado a sofrer. Fui às vezes duro com os meus pais. Tinha de ser. Disse-lhes que eu já era maior e que entendia ser livre. Ficou combinado que me deixariam partir, mas as cenas de lágrimas renovaram-se muitas vezes. / (101).

## Índice

Apresentação à edição portuguesa. _____	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
Introdução _____	1
Cronologia da vida do Pe. Dehon, relativa ao II volume _____	9
Mapa I _____	11
Mapa II _____	12
Mapa III _____	13
Mapa IV _____	14
Mapa V _____	15
Mapa VI _____	16
Mapa VII _____	17
4º Período: Oriente, 1864-1865 _____	18
A Floresta Negra. _____	18
A Suíça _____	19
Zurique _____	19
Einsiedeln _____	20
Le Rígí - Lucerna _____	20
O S. Gotardo _____	21
A Itália _____	21
Os lagos _____	22
O lago maior _____	22
Varese - Nossa Senhora do (Sagrado) Monte _____	23
Os lagos de Como e Lugano _____	24
Milão _____	25
Placência-Parma-Módena _____	27
A Renascença _____	28
Bolonha _____	29
Rimini - S. Marino _____	30
Ravena _____	30
Ferrara - o Pó - Acidentes de carruagem _____	31
Pádua _____	33
Veneza, 14-23 de Setembro _____	34
Trieste _____	38
Ístria, Dalmácia, Albânia _____	38
Adelsberg - Miramar _____	38
De Trieste a Pola _____	39
Zara - Dalmácia - Albânia _____	39
Salona - Espalato _____	40
Ilhas Liburnianas _____	41
Brazza, Lissa, Lésina _____	41
Ragusa - Gravosa _____	41
Bocas do Cátaro _____	42
Antivari - Durazzo _____	42
As Ilhas _____	43
Corfú _____	43
Zante _____	43

Syra _____	43
A Grécia _____	44
O Piréu _____	46
Atenas _____	46
A Cidade Nova _____	46
A Acrópole _____	47
Vários Monumentos _____	48
As Colinas e os Jardins _____	49
Dafni -Eléusis -Mégara _____	50
Corinto-Sícione _____	51
A Argólida: Nemeia - Micenas Tirinto – Argos - Náuplia _____	52
Mantineia-Trípolis-Tegeu _____	53
Esparta _____	54
A Messénia _____	56
Navarino _____	56
Figália - Bassae _____	57
O Alféu - Olímpia _____	57
Megaspiléon _____	58
Patrasso _____	59
Lépanto _____	60
Delfos _____	60
O Parnaso _____	61
As Termópilas _____	61
Gueronéia - Orcomene - Livadio _____	62
Téspi - Leuctra - Plateia _____	63
Tebas - Cálcis _____	63
Áulide - Maratona _____	64
O Pentélico _____	65
Da Grécia ao Egipto, por Esmirna _____	65
Esmirna _____	66
Patmos _____	66
No mar _____	67
Egipto _____	68
Alexandria _____	68
O Delta _____	70
O Cairo _____	70
O Nilo _____	75
Dendérah _____	80
Esnéh _____	82
Filae _____	82
A Núbia _____	83
Kalabschéé _____	84
Kon Ombo _____	85
Edfu _____	86
Tebas, Lúqsor, Karnak _____	88
Kenèh _____	91
Abidos _____	92
Maabdèh _____	93
beni-hassan _____	94

O Fayoum - O Labirinto _____	95
Mênfis _____	96
Boulacq _____	97
O Istmo De Suez - O Sinai - O Deserto _____	97
As Fontes de Moisés _____	98
Em Caravana _____	99
Ismaília _____	100
O Deserto _____	101
Palestina e Síria _____	103
Gaza _____	104
24 de Março. Eleuterópolis _____	104
25 de Março de 1865. Jerusalém!!! _____	105
A Via Dolorosa e o S. Sepulcro. _____	106
O Recinto Fechado do Templo – Sepulcros de Samuel e dos Juízes. _____	107
Os Sepulcros dos Reis - O Vale de Josafat - Getsémani _____	108
O Templo – Santa Ana – A torre de David _____	109
São Sabas _____	112
O Mar Morto - O Jordão _____	113
Jericó - Betânia. _____	114
Siloé - A geena - Hacéldama - Sião - Os leprosos _____	116
Belém _____	117
O Monte dos Francos - Hadullam - Hebron _____	118
Mambré - Os Depósitos de Salomão _____	120
Jerusalém: a Muralha onde os Judeus vão chorar _____	120
S. João do deserto _____	121
Os Ramos - Betânia _____	121
Monte das Oliveiras _____	122
Jerusalém – A semana Santa _____	122
Bethel - Silo – Naplusa _____	124
Samaria _____	126
Jezrael- Endor- O Tabor _____	127
Tiberíades _____	128
Cafarnaúm – Genesaré – Canã _____	129
Nazaré _____	130
Séforis – Haifa – O Carmelo _____	131
S. João de Acre _____	132
Tiro _____	132
Sídon _____	134
Beirut _____	135
Biblos – Nahr-el-Kelb _____	135
O Líbano – _____	136
Os Cedros _____	137
Balbeck _____	138
O Anti-Líbano - O barada _____	139
Saidnaya - Damasco _____	139
Damasco _____	140
De Damasco a Beirute _____	143
Beirute _____	143
Deir – el – kamar – Gazir _____	143

Chipre-Larnaca	145
Rodes	145
Cnide - Halicarnasso - Cos	146
Éfeso	147
Esmirna - Os Gregos	148
Ténedos-Os Dardanelos	148
A Tróade	149
Os Dardanelos	149
Constantinopla e o Bósforo - o Danúbio - A Hungria - Regresso	150
Constantinopla e os seus arredores	150
Escútari - Calcedónia	153
Constantinopla (continuação)	154
O Bósforo	157
O Mar negro	158
O Danúbio	158
Buda-Pesth	159
De Pesth a Viena	160
Viena	161
De Viena a Salisburgo	162
Roma	163
Férias	164
Índice	166